UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

CAIO MARCONDES RIBEIRO BARBOSA

**A cruz e o lulismo:
Um estudo de caso na periferia de São Paulo
com fiéis da Igreja Universal nas eleições de 2014**

Versão corrigida

São Paulo
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

**A cruz e o lulismo:
Um estudo de caso na periferia de São Paulo
com fiéis da Igreja Universal nas eleições de 2014**

Caio Marcondes Ribeiro Barbosa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Área de Concentração: Ciência Política

Orientador: Prof. Dr. André Vitor Singer

Versão corrigida

São Paulo
2016

BARBOSA, Caio Marcondes Ribeiro. **A cruz e o lulismo: Um estudo de caso na periferia de São Paulo com fiéis da Igreja Universal nas eleições de 2014.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.: André Vitor Singer

Instituição: FFLCH - USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: Ricardo Mariano

Instituição: FFLCH - USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: Kurt Eberhart von Mettenheim

Instituição: FGV - SP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Há muitas pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho. O apoio de todas elas foi fundamental para o seu sucesso e, por isso, serei eternamente grato.

Primeiramente, ao meu orientador, o prof. André Singer, pela oportunidade, por ter me apoiado em toda esta jornada e por ter acreditado na minha capacidade para realizar este trabalho. Aprendi muito como seu orientando, e sua perspicácia, sabedoria e humildade continuam a me inspirar como pesquisador, como acadêmico e como ser humano.

Agradeço à profa. Evelina Dagnino, da Unicamp, e ao prof. Ricardo Mariano, do Departamento de Sociologia da USP pelos valiosos comentários e sugestões na minha banca de qualificação. A prof. Evelina também contribuiu na mesa em que participei no V Seminário Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, e ainda tive a oportunidade de aprender muito nas aulas ministradas pelo prof. Ricardo.

Aos professores com quem tive contato ou com quem tive aulas nestes últimos dois anos. À prof. Rossana Reis, chefe do Departamento de Ciência Política da USP, a outros professores do departamento, Rogério Arantes, Cícero Araújo, Patrício Tierno e Bernardo Ricúpero; os professores do Ruy Braga e Micheal Löwy, do Departamento de Sociologia (este último enquanto professor visitante); e o professor Kurt von Mettenheim, da Fundação Getúlio Vargas, que aceitou, junto com o prof. Ricardo Mariano, participar da minha banca de defesa. Agradeço também a todo o pessoal administrativo do Departamento de Ciência Política por todo o auxílio e apoio nesta jornada: Rai, Vasne, Ana, Márcia e Léo.

Aos amigos e colegas que participam ou participaram do Grupo de Pesquisa “Pensamento e Política Brasileira” por todos os comentários a respeito do trabalho e todas as palavras de apoio que recebi: Camila Rocha, Camila Góes, Henrique Costa, Rafael Marino, Rafael Moreira, Ricardo Ribeiro, João Brant, Caetano Patta, Danilo Fiore, Maria Letícia Diniz, Thais Pavez, Daniela Costanzo, Ernesto Lopes, Antonio David, Leonardo Octavio e, especialmente, Vinícius Valle, pelo seu trabalho precursor, e por todas as suas dicas e conselhos ao longo desta pesquisa.

Aos outros amigos e colegas que ajudaram e me apoiaram no processo seletivo para o mestrado: Rodolfo Lima, Danilo Praxedes, Fabiana Oliveira, e o trio em nosso grupo de

estudos, Hellen Guicheney, Natasha Bachini e, especialmente, Janaína Melo, que me incluiu no grupo e cujo apoio foi fundamental para o começo disso tudo.

A todos aqueles que, em algum momento, me ajudaram, me apoiaram, deram sua contribuição e foram importantes para que eu chegasse até aqui: Ricardo Martins, Rodrigo Sanches, Dra. Anna Mackin, Maciel Medeiros, Jacqueline Teixeira, Carlos Gutierrez, Kelly Quirino, prof. Chico Moura, prof. Felipe Magalhães, e à minha mãe.

Agradeço, em especial, à Carolina Mendes, que me acompanhou por toda esta jornada. Serei eternamente grato por todo o carinho, todo o apoio, todas as leituras e revisões que realizou no meu trabalho, todos os fins de semana perdidos para que eu pudesse escrever, mas, principalmente, por tornar real – todos os dias – o que se acreditava impossível.

Por fim, agradeço à Vanderli Cruz, por ter me levado ao templo da Igreja Universal do Reino de Deus no bairro de Piraporinha, aos pastores Luís, Vagner, José, a todos os obreiros e fiéis que acolheram um estranho em seu espaço, permitindo que eu realizasse esta pesquisa, e, especialmente, a todos aqueles que aceitaram ser entrevistados e que tornaram este trabalho possível.

Agradeço também à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por ter financiado esta pesquisa.

Resumo

A pesquisa se trata de um estudo de caso realizado em um templo da Igreja Universal do Reino de Deus no bairro de Piraporinha, periferia na zona sul de São Paulo. Por meio de um estudo etnográfico e uma série de entrevistas com os fiéis do templo, buscou-se avaliar o impacto da religião – seja pela indicação da igreja, pela orientação moral, seja pela identidade evangélica – no processo de decisão do voto nas eleições de 2014, particularmente para deputado federal e estadual e para presidente. Seguindo a tese do lulismo, de André Singer, os fiéis, que faziam parte da classe trabalhadora – com 2 a 5 salários mínimos de renda familiar – deveriam apoiar candidatos do PT; porém, a questão que surge é o quanto o fator religioso alteraria essa lógica. Assim, a pesquisa encontrou que a religião teve um peso significativamente maior na decisão do voto para o Legislativo – no qual os fiéis, em quase sua totalidade, seguiram a indicação da igreja e apoiaram seus candidatos a deputado federal e estadual – do que para o Executivo – no qual os entrevistados se pautaram, primordialmente, por questões de renda na decisão do voto para presidente.

Palavras-chave: Comportamento Eleitoral; Religião; Lulismo; Igreja Universal do Reino de Deus; Periferia; São Paulo.

Abstract

The research is a case study in a temple of the Igreja Universal do Reino de Deus, in the Piraporinha neighborhood, in the southern suburbs of São Paulo. Through an ethnographic study and a series of interviews with the church-goers, we sought to assess the impact of religion – whether through an indication of the church, through moral guidance, or through evangelical identity – in the voting decision process in the 2014 elections, particularly for federal and state deputies and for president. Following the thesis of the Lulismo, from André Singer, the church-goers, who were part of the working class – with 2 to 5 minimum wages of family income – should support candidates of the Workers Party (PT); however, the question arises how the religious factor would alter this logic. Thus, the survey found that religion had a significantly greater weight in the voting decision for the Legislative branch – in which the church-goers, in almost their entirety, followed the indication of the church and supported its candidates for federal and state deputies – than to the Executive branch – in which respondents were guided primarily by income issues in the voting decision for president.

Keywords: Electoral Behavior; Religion; Lulismo; Igreja Universal do Reino de Deus; Suburb; São Paulo.

Lista de figuras

Figura 1: Artigo de Marcelo Crivella “7 Razões para votar em Dilma” na <i>Folha Universal</i> , nº 969 – 31 de outubro a 6 de novembro	34
Figura 2: Folheto sobre a “A Libertação das 7 Influências Malignas”. Ao lado, um espaço para destacar uma destas influências a cada culto de sexta-feira	41
Figura 3: Folheto em formato de escudo para a “Sexta-Feira da Batalha”. Alusão à eterna guerra do Bem contra o Mal praticada pelos fiéis	42
Figura 4: Mapa da Divisão Territorial da cidade de São Paulo	57
Figura 5: Frente do “santinho” dos candidatos Wellington Moura e Antonio Bulhões	61
Figura 6: Verso do “santinho” dos candidatos, indicando seus números na urna, e com o espaço em branco para os cargos de Senador, Governador e Presidente	61
Figura 7: Pôster na entrada da igreja sobre o gabinete do dep. Antonio Bulhões e seus serviços prestados	62
Figura 8: Capa da <i>Folha Universal</i> , nº 1.166, Edição Nacional de 10 a 16 de agosto de 2014, obtida no templo da IURD em Piraporinha (foto tirada pelo autor)	65
Figura 9: Página 3 da <i>Folha Universal</i> , nº 1.166, Edição Nacional de 10 a 16 de agosto de 2014, obtida no templo da IURD em Piraporinha (foto tirada pelo autor)	66
Figura 10: Capa da <i>Folha Universal</i> , nº 1.169, Edição Nacional de 31 de agosto a 6 de setembro de 2014, obtida no templo da IURD em Piraporinha (foto tirada pelo autor)	66
Figura 11: Página 4 da <i>Folha Universal</i> , nº 1.169, Edição Nacional de 31 de agosto a 6 de setembro de 2014, obtida no templo da IURD em Piraporinha (foto tirada pelo autor)	67
Figura 12: Praça em Piraporinha após a descida na Estrada do M’Boi Mirim completamente tomada por cavaletes dos candidatos Milton Leite Filho (DEM), e seu irmão, Alexandre Leite (DEM)	83
Figura 13: A mesma praça da figura anterior a poucos dias do 1º turno. Desta vez, cavaletes dos candidatos Milton Leite Filho (DEM), e seu irmão, Alexandre Leite (DEM) competem com os de outros políticos, inclusive alguns do PT	83
Figura 14: Cavaletes de políticos sendo utilizados como abrigo para moradores de rua em Piraporinha	84
Figura 15: Cartaz de campanha de Arnaldo Faria de Sá (PTB) em frente a casa com o esgoto a céu aberto no bairro de Piraporinha	84

Figura 16: Vista lateral da entrada da Igreja Universal no bairro de Piraporinha	119
Figura 17: Entrada da Igreja Universal no bairro de Piraporinha	119
Figura 18: Culto em um domingo na Igreja Universal no bairro de Piraporinha	120
Figura 19: “Campinho” no bairro de Piraporinha. Conforme relatado por uma fiel, em tempos passados, era um ponto de tráfico de drogas e assassinatos	120
Figura 20: Escadaria no “campinho” no caminho à rua de uma das entrevistadas	121
Figura 21: Bandeira de campanha de Dilma, a poucos dias do 2º turno	121
Figura 22: Praça em Piraporinha, onde realizam uma feira, a caminho da igreja	122
Figura 23: Rua a caminho da igreja, no bairro de Piraporinha	122

Lista de tabelas

Tabela 1: Votação para presidente nas eleições de 2006	55
Tabela 2: Votação para presidente nas eleições de 2010	55
Tabela 3: Votação para prefeito nas eleições de 2008	56
Tabela 4: Votação para prefeito nas eleições de 2012	56
Tabela 5: Lista dos 10 candidatos mais votados para deputado estadual na E.E. Vicente Leporace (Seções 124-142 da 372ª Zona Eleitoral) e em Piraporinha (372ª Zona Eleitoral) em 2014	81
Tabela 6: Lista dos 10 candidatos mais votados para deputado federal na E.E. Vicente Leporace (Seções 124-142 da 372ª Zona Eleitoral) e em Piraporinha (372ª Zona Eleitoral) em 2014 ...	81
Tabela 7: Votação para presidente nas eleições de 2014	87

Lista de abreviações e siglas

CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil

CONAMAD – Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil – Ministério de Madureira

DEM – Partido Democratas

E.E. – Escola Estadual

ESEB – Estudo Eleitoral Brasileiro

IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

PAT – Partido Alternativo dos Trabalhadores

PEC – Proposta de Emenda Constitucional

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PMR – Partido Municipalista Renovador

PP – Partido Progressista

PR – Partido da República

PRB – Partido Republicano Brasileiro

PRR – Partido Renovador da República

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PSC – Partido Social Cristão

PSD – Partido Social Democrático

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PV – Partido Verde

SD – Partido Solidariedade

TRE – Tribunal Regional Eleitoral

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

Sumário

Introdução	14
Estudos e metodologias sobre a relação entre religião e voto	19
O método do estudo de caso ampliado	23
Capítulo 1 – “Levar luz onde só há trevas”: a Igreja Universal do Reino de Deus e a relação entre religião e política no Brasil	29
1.1. A bibliografia sobre evangélicos e voto no Brasil	30
1.2. A Igreja Universal do Reino de Deus	37
1.2.1. O Partido Republicano Brasileiro (PRB)	44
1.2.2. Força Jovem Universal	50
1.3. A escolha de Piraporinha	54
Capítulo 2 – Os “funcionários da igreja”: a Universal e as eleições para deputado federal e estadual em 2014	60
2.1. “Eles não prometem nada”: a capacidade de mobilização da igreja entre os entrevistados	63
2.2. O conservadorismo moral entre os entrevistados	72
2.3. O voto dissidente: Milton Leite e a votação para deputado em Piraporinha	77
Capítulo 3 – Lulismo enfraquecido: os fiéis de Piraporinha e a eleição presidencial de 2014	85
3.1. O peso da indicação da igreja no voto para presidente	87
3.2. Voto e identidade evangélica	91
3.3. A escolha do voto para presidente: mudanças de rumo, continuidade do lulismo	93
3.4. O voto pela continuidade	99
3.5. O ponto fora da curva: o único voto antipetista	104
3.6. O voto pela mudança	107
Considerações finais	115
Anexo: Imagens e fotos da igreja e de Piraporinha	119

Referências bibliográficas	123
---	------------

Introdução

O crescimento expressivo do número de evangélicos na sociedade brasileira é um dos aspectos mais marcantes revelados pelas pesquisas demográficas das últimas décadas. De acordo com os dados dos censos realizado pelo IBGE, o número de evangélicos tem aumentado de maneira consistente, saltando de 6,6% da população em 1980¹ para cerca de 9%² em 1991, 15,4% em 2000³ e 22,2% em 2010⁴. Em 2013, o instituto Datafolha já identificava que cerca de 28% da população brasileira era composta por evangélicos⁵. Com o declínio do percentual de católicos, os evangélicos, além de se consolidarem firmemente como o segundo maior grupo religioso no país, avançam rapidamente para incluir mais de um 1/3 da população, tamanho mais do que considerável. Como consequência, os evangélicos se tornam força relevante no eleitorado brasileiro.

Não surpreende, portanto, que a religião tenha assumido papel de destaque na eleição presidencial de 2010. De acordo com Maria das Dores Campos Machado (2012), houve um movimento encabeçado por bispos e pastores em combate à candidatura de Dilma Rousseff, muito em razão de suas declarações prévias em apoio a questões como a descriminalização do aborto⁶, que contribuiu para a perda de votos da petista. Pierucci (2011), todavia, discorda dessa tese, sugerindo que o eleitorado evangélico foi pouco influenciado pelos apelos de seus líderes contra a candidatura de Dilma. De qualquer modo, apesar de ter o apoio do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na época com altíssima popularidade, a candidata petista venceu a disputa apenas no 2º turno, no qual superou Serra por mais de 12 milhões de votos⁷, tornando-se, enfim, a primeira mulher eleita presidente do Brasil.

Tendo em vista o crescente número de evangélicos no eleitorado nacional, a presente pesquisa buscou compreender melhor o processo de escolha de candidatos por parte desse segmento do eleitorado durante o pleito de 2014. O objetivo era o de contribuir para esclarecer o grau e a forma da influência da religião sobre o voto entre fiéis em uma região periférica de São Paulo, onde o PT é tradicionalmente forte. Em razão de uma tendência conservadora do

¹ Fonte: IBGE, Censo 1980

² Fonte: IBGE, Censo 1991

³ Fonte: IBGE, Censo 2000

⁴ Fonte: IBGE, Censo 2010

⁵ Fonte: G1.globo.com, 21 jul. 2013

⁶ Fonte: IstoÉ, 07 mai. 2010.

⁷ Fonte: TSE

eleitorado evangélico, havia a intenção de verificar os conflitos que essas duas forças (religião e renda) poderiam provocar nos eleitores. Como o universo evangélico é muito diversificado, há minúcias que estudos qualitativos ajudam a revelar, como possíveis diferenças de uma denominação para outra, bem como a influência do discurso dos pastores no comportamento eleitoral de seus fiéis. Por meio de um estudo de caso, em um pequeno templo da Igreja Universal do Reino de Deus, no bairro de Piraporinha, na periferia sul da cidade de São Paulo, foi realizado um trabalho com métodos qualitativos de pesquisa de campo etnográfica e entrevistas semiestruturadas. Por meio de tal aproximação foi possível esclarecer aspectos da decisão do voto e do pensamento político do grupo abordado.

Partimos da tese de André Singer (2012), de que os setores pobres da população, em especial o subproletariado⁸, teriam aderido ao lulismo em 2006. O lulismo, de acordo com Singer, seria a “diminuição da pobreza com manutenção da ordem”, ou em outras palavras, “a adoção de políticas para reduzir a pobreza – *com destaque para o combate à miséria* – e para a ativação do mercado interno, *sem confronto com o capital*” (SINGER, 2012: p.13). Tendo o subproletariado tido uma ascensão social nos últimos anos, a tese de Singer sugere que também uma nova classe trabalhadora, que adquiriu empregos com carteira assinada e tem renda familiar mensal de 2 a 5 salários mínimos (conhecida, frequentemente, como classe C, ou “nova classe média”), poderia também estar próxima do lulismo, hipótese que é confirmada por Renato Meirelles, presidente do Data Popular – instituto que se especializou em fazer pesquisas com este estrato da população brasileira – em entrevista para o jornal *Folha de S. Paulo*, que afirma que “a classe C é a mais pragmática que existe porque sente mais na pele as mudanças econômicas”⁹.

Há diferentes visões a respeito do que seria essa “nova classe trabalhadora”. A discussão sobre classes sociais é bastante ampla na literatura, muitas vezes amparada nas obras de Marx ou Weber. Seguiremos como referência, no entanto, a definição dada por Louis Chauvel (2006), que define classes como grupos sociais definidos pela riqueza apropriada e por três dimensões de identidade: temporal (a durabilidade da identificação com a classe), cultural (a existência de referências comuns e estilos de vida compartilhados) e coletiva (a capacidade de participar de ação coletiva).

⁸ O subproletariado é apontado por Singer como a população que “vive com uma renda aquém daquela que permitiria a reprodução de sua força de trabalho em condições ‘normais’” (SINGER, 2013: p. 24), geralmente trabalhando sem carteira assinada e muitos dos quais são atendidos por programas como o Bolsa Família.

⁹ Fonte: Folha de S. Paulo, 04 out. 2010.

Entre os autores brasileiros, surgiu a discussão se essa nova classe seria uma “nova classe trabalhadora” ou ainda “nova classe média”. O economista Marcelo Neri (2008) ressalta o crescimento do que ele chama a classe C. Para o autor, esta classe, que estaria situada entre aqueles com renda familiar mensal entre R\$ 1.064,00 e R\$ 4.519,00, teria saltado de 44,19% da população em 2002 para 51,89% em 2008. Neri descreve a classe C como aquela que “aufere em média a renda média da sociedade, ou seja, é classe média no sentido estatístico. A classe C é a imagem mais próxima da média da sociedade brasileira” (NERI, 2010, p. 29).

Outro autor, Waldir Quadros (2008), abordou a classificação de classes com base nos padrões de vida das mesmas. Assim, para o autor, a classe C seria uma espécie de classe média baixa, com renda familiar média entre R\$ 593,00 e R\$ 1.482,00. Entretanto, ele faz a ressalva de que um verdadeiro padrão de classe média pressupõe o acesso, com recursos próprios, a serviços de qualidade, viagens internacionais, moradias diferenciadas, etc, sem depender das redes públicas. Ou seja, condições muito distantes daquelas vividas pela classe C que “no máximo pode ser classificada como remediada ao se diferenciar da massa de pobres e miseráveis” (QUADROS, 2008: p. 16).

Como são pesquisas realizadas em 2008, se pegarmos como base o salário mínimo da época, que era de R\$ 415,00¹⁰, podemos inferir que a classe C abrange – para esses autores – as pessoas que possuem renda familiar mensal em torno de 2 a pouco mais de 10 salários mínimos. No mesmo ano, 2008, o IBGE, por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, encontrou que de 2002 a 2008, o número de famílias com renda domiciliar mensal de 1 a 2 salários mínimos passou de 18,5% para 21,48%; de 2 a 3 salários mínimos, passou de 14,76% para 17,02%; de 3 a 5 salários mínimos, passou de 19,11% para 20,08%; enquanto de 5 a 10 salários mínimos passou de 18,1% para 15,76% da população brasileira¹¹. Ou seja, os setores que cresceram foram os três primeiros citados, enquanto a faixa de 5 a 10 salários mínimos encolheu. Sendo assim, e tendo em mente os estudos anteriores, utilizaremos como referência a faixa – muito utilizada por institutos de pesquisas – de 2 a 5 salários mínimos de renda familiar mensal para tratar dessa nova classe que se expande durante o lulismo.

Jessé Souza (2012), por outro lado, utiliza uma outra abordagem para questionar o que chamam de nova classe média. Enquanto rejeita o que ele chama de “liberalismo economicista dominante”, que vincula classe à renda, considerando esse estrato social de classe média pelo

¹⁰ Fonte: Ministério do Trabalho

¹¹ Fonte: IBGE – Séries Históricas e Estatísticas

seu relativo poder de consumo, o autor também se distancia do que considera um “marxismo enrijecido”, que não enxerga novas realidades de classe, ainda as vinculando ao seu lugar econômico na produção (SOUZA, 2012: p. 22). Convém para o autor, então, utilizar o termo “nova classe trabalhadora”. Nova, porque se diferencia da velha, ligada ao fordismo, e porque a alocação e o regime de trabalho são realizados de maneira nova, ajustando-se às demandas do capital financeiro. Nas palavras do sociólogo, “destrói-se a grande fábrica fordista e transforma-se o mundo inteiro numa grande fábrica, com filiais em cada esquina, sem lutas de classe, sem sindicatos, sem garantias trabalhistas, sem greve, sem limite de horas de trabalho e com ganho máximo ao capital” (SOUZA, 2012: p. 57).

Além disso, Souza ressalta o que ele chama de “gênese sociocultural das classes” para diferenciar uma “cultura de classe” específica. O mais importante, diria ele, seria “a transferência de valores imateriais na reprodução das classes sociais e de seus privilégios no tempo” (SOUZA, 2012, p: 23). Mesmo sendo incluída no sistema econômico, tanto como produtora de bens e serviços valorizados quanto como consumidora de bens e serviços que antes eram limitados às classes média e alta, há diferenças importantes que diferenciam a classe média, como, por exemplo, ter um pai que lê jornal, um tio que fala inglês, morar em bairros com melhor estrutura e serviços, etc. Sendo assim, com base na definição de Chauvel (2006), em concordância com as ideias de Jessé Souza, e ressaltando o ponto trazido por Quadros (2008), de que esse estrato social está mais próximo de remediado, e ainda distante do padrão dos estratos mais altos, esta pesquisa decidiu por utilizar o termo “nova classe trabalhadora” para definir essa população que obteve ascensão social nos anos do lulismo.

O presente trabalho buscou analisar o comportamento eleitoral desse extrato social quando submetido a uma pressão religiosa em um pleito particularmente disputado, o de 2014. É importante notar que o PT é historicamente a favor de medidas como a descriminalização da homofobia (que a então candidata Dilma defendeu durante as eleições de 2014¹²) e a descriminalização do aborto¹³ (tema do qual Dilma recuou durante as eleições de 2010¹⁴, após estar presente no programa do seu partido¹⁵), ideias às quais o eleitorado evangélico geralmente se opõe, o que poderia ser motivo para afastá-los de apoiar o partido. Portanto, cria-se um

¹² Fonte: G1.globo.com, 01 set. 2014.

¹³ Apesar de Edir Macedo defender abertamente a legalização do aborto e esta ser a postura oficial a respeito do tema pela Igreja Universal, este posicionamento não tem muita capilaridade entre seus fiéis, que costumam ser contrários à descriminalização. Sobre a questão do aborto e a IURD, ver Teixeira (2012).

¹⁴ Fonte: Estado de S. Paulo, 15 out. 2010.

¹⁵ Fonte: Folha de S. Paulo, 05 out. 2010.

dilema: por sua aproximação do lulismo, haveria uma pressão para o voto em candidatos do PT¹⁶; por outro lado, em razão do conservadorismo típico desse eleitorado em relação a alguns temas citados, haveria uma pressão para o voto em candidatos considerados distantes do campo do PT.

A questão se torna mais complexa, pela escolha de pesquisar a Igreja Universal do Reino de Deus. A IURD é a quarta maior denominação evangélica do país¹⁷, a maior unificada sob uma liderança central, e a maior das neopentecostais, que seguem a chamada Teologia da Prosperidade¹⁸. Embora, como se verá com mais profundidade no Capítulo 1, a Universal tenha sido aliada do PT no governo federal desde 2003, em 2014 optou pela neutralidade. Na eleição anterior para presidente, em 2010, seu líder, o bispo Edir Macedo, manifestou apoio à então candidata Dilma Rousseff, do PT¹⁹, porém, em 2014 não se pronunciou. Apesar da Igreja Universal ser reconhecidamente mais liberal em questões morais que outras denominações evangélicas, os fiéis poderiam ser conservadores o bastante para rejeitar o PT por questões morais – como foi frequente na história do pentecostalismo no Brasil.

Outro fator a ser considerado é que houve candidatos evangélicos a presidente da República no pleito de 2014. Simone Bohn (2007) classificou os evangélicos como um grupo de identidade, ou seja, o fator fundamental para a sua escolha do voto seria a identidade evangélica, o que explicaria, por exemplo, a concentração do voto em 2002 no candidato Anthony Garotinho – que se apresentou aos eleitores como representante evangélico – e a sua dispersão em 2006, na ausência de um candidato deste segmento religioso²⁰. Em 2010, a presença de outra candidata evangélica, Marina Silva, então no Partido Verde (PV), reforçou o

¹⁶ Na 372ª Zona Eleitoral, onde o templo pesquisado se encontra, dos 15 deputados federais mais votados, 5 eram do PT, o maior número de um mesmo partido (Fonte: TSE).

¹⁷ As outras três maiores são: 1º - Igreja Assembleia de Deus; 2º - Igreja Evangélica Batista; 3º - Igreja Congregação Cristã do Brasil (Fonte: IBGE, Censo 2010).

¹⁸ O pentecostalismo é um movimento dentro do protestantismo cuja inspiração bíblica se baseia no livro Atos dos Apóstolos, levando a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, como falar línguas estranhas (glossolalia), a cura e o discernimento dos espíritos (MACHADO, 2006). De acordo com Mariano (1999), o neopentecostalismo, apesar de incorporar muitas características do pentecostalismo clássico, como a presença de lideranças fortes, a pouca inclinação à tolerância, a alta expressividade emocional dos cultos, os rituais de cura e exorcismo e a participação política, os neopentecostais se diferenciam especialmente por trazer de novo a busca pela prosperidade material, além de uma flexibilização maior dos costumes. Nas palavras do autor as igrejas neopentecostais “caracterizam-se por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, por pregar a Teologia da Prosperidade, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, e por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo” (*Idem*, 2004, p. 124).

¹⁹ Fonte: Folha de S. Paulo, 22 out. 2010.

²⁰ É notável destacar que, de acordo com a autora, mais da metade dos eleitores evangélicos declarou ter votado em Garotinho no 1º turno de 2002. No 2º turno, mais de 60% destes eleitores migraram para Lula. A dispersão do voto em 2006 ocorreu já no 1º turno, sem Garotinho na disputa, o que indicaria como os evangélicos agiam como um grupo de identidade.

caráter da identidade evangélica na decisão do voto deste eleitorado, conquistando mais votos, proporcionalmente, deste grupo. De acordo com o Cesar Romero Jacob, a votação de Marina Silva foi mais alta justamente em municípios de maior concentração de evangélicos, indicando a sua força entre este grupo religioso²¹. Em 2014, Marina retorna ao pleito após a morte de Eduardo Campos, agora sob o PSB. Ao mesmo tempo, houve a presença de um novo candidato evangélico, o Pastor Everaldo, do pouco expressivo Partido Social Cristão (o PSC). A pesquisa buscou, então, avaliar o poder de atração de candidatos evangélicos sobre eleitores que seguem a mesma fé, apesar de pertencerem a diferentes denominações (ambos os candidatos eram da Assembleia de Deus, enquanto os fiéis estudados eram da Igreja Universal).

A conjunção desses fatores tornou, assim, a pesquisa interessante para descobrir quais influências se revelaram decisivas na escolha de candidatos deste eleitorado. Buscou-se avaliar a influência da igreja no voto candidatos para cargos legislativos; e o resultado do confronto entre a pressão do moralismo religioso e a pressão da identidade evangélica para não votar em candidatos petistas, de um lado, e de outro, a pressão do lulismo para o voto em Dilma Rousseff, num típico cenário descrito por Lipset (1967) como de “pressões cruzadas”. Para identificar os fatores mais decisivos no comportamento eleitoral do grupo pesquisado, foi feito, durante cinco meses, um estudo etnográfico por meio de cerca de 30 visitas ao bairro, onde frequentei cultos para acompanhar o dia-a-dia e as discussões dos fiéis sobre variados temas no templo, além dos tópicos abordados pelo pastor e pela direção da igreja, com ênfase em questões políticas. Ao mesmo tempo, 16 entrevistas em profundidade com 12 fiéis diferentes foram realizadas durante e após a campanha eleitoral para precisar as percepções surgidas no trabalho etnográfico.

A hipótese do trabalho era de que os fiéis da IURD estudados se pautariam mais pela questão de renda na escolha do presidente da República, enquanto seguiriam a orientação da igreja para os cargos de deputados estadual e federal. O objetivo era testar os achados do estudo de Vinícius Valle (2013), que encontrou dinâmica semelhante para as eleições municipais de 2012 em pesquisa com a Igreja Assembleia de Deus. Assim, sendo o voto para presidente pautado por questões de renda, este seria mediado pelo lulismo; ou seja, pelo apoio tanto a políticas públicas que visam a redução da pobreza e das quais foram beneficiários, quanto à manutenção da ordem, indicando um apoio majoritário à reeleição de Dilma Rousseff. Em consequência, nos distanciamos da hipótese de Simone Bohn – de que a mera presença de um candidato evangélico seria suficiente para reunir e mobilizar o eleitorado evangélico em torno

²¹ Fonte: Carta Capital, 17 set. 2014.

de uma candidatura presidencial. Mas aceitamos que a questão moral teria peso na disputa para deputados estadual e federal, já que estes são aqueles que realmente decidem sobre a legislação de temas caros aos evangélicos.

Em tempo, embora os fiéis tenham sido questionados a respeito dos votos para senador e governador, a pesquisa se absteve de trabalhar com essa informação. Por um lado, o voto para senador era uma eleição majoritária e era a qual os fiéis menos demonstravam interesse, além de a igreja não ter recomendado um candidato. Para governador, isso lidaria com a complexa questão da hegemonia do PSDB em São Paulo, o que vale por si um trabalho focado apenas nisso, e acabaria desviando o foco desta pesquisa.

Assim, para testar as hipóteses do trabalho, as entrevistas utilizadas não foram completamente estruturadas de modo que as respostas já fossem presumidas. Como Leech (2002) sugere, há grandes benefícios em se buscar um caminho por meio de entrevistas semiestruturadas, que, embora sigam um roteiro, não são fixas, e têm abertura o suficiente para outros tipos de perguntas serem adicionadas durante a entrevista inclusive as mais básicas, como “por quê”, “como”, “quando”, “onde”, entre outras. Isso permite testar hipóteses sem abandonar o caráter etnográfico da pesquisa, explorando profundamente as falas dos entrevistados, sempre que possível.

Estudos e metodologias sobre a relação entre religião e voto

Diferentes métodos em diversos estudos já foram utilizados para pesquisar a relação entre religião e voto. Porém, antes de discutir as pesquisas na sociedade brasileira, é interessante citar o caso dos Estados Unidos. Assim como o Brasil, os EUA possuem um sistema presidencialista e um contingente considerável de evangélicos na população (25,4% em 2014²²). Ressalta-se, no entanto, a diferença no significado de evangélico no país norte-americano. David Stoll destaca que, nos Estados Unidos, o termo *evangelical* é utilizado em referência a um conservador teológico que coloca ênfase na Bíblia, na salvação pessoal e no evangelismo, enquanto na América Latina ser evangélico pode se referir “a qualquer cristão que não seja católico” (STOLL, 2002: p. 15). Ou seja, enquanto no Brasil os termos evangélico

²² Fonte: Pew Forum on Religion & Public Life (2015).

e protestante muitas vezes se confundem, nos Estados Unidos, o termo *evangelical* (que inclui grupos pentecostais) é utilizado para se diferenciar de outros grupos protestantes, como os tradicionais ou de linha principal (14,7% da população), e de igrejas protestantes históricas dos negros (6,5%)²³.

A relação entre religião, voto e a clivagem religiosa na nação norte-americana são fenômenos bastante consolidados e pesquisados na ciência política. Kellstedt e Noll (1990), por exemplo, analisando dados de 1948 a 1984, encontraram uma forte ligação entre religião, cor e a identificação partidária dos eleitores. Por um lado, indivíduos católicos ou negros tinham maior propensão de apoiarem o Partido Democrata, e quanto maior a frequência na igreja, maior a tendência do voto democrata; por outro, brancos protestantes tinham uma inclinação maior pelo Partido Republicano e, igualmente, quanto maior a assiduidade aos cultos, mais consistente era o apoio ao partido.

Mais recentemente, Greeley e Hout (2004), em artigo para o jornal *The New York Times*, referiu-se ao eleitorado evangélico como o “hidden swing vote”, ressaltando a sua alta uniformidade, o que teria força para poder determinar o resultado final de uma eleição. Erzen (2005) também destaca esta uniformidade para constatar como o voto evangélico contribuiu fortemente para a vitória do republicano George W. Bush sobre o democrata John Kerry em 2004. Seus estudos demonstram que 75% dos evangélicos geralmente votam no Partido Republicano, e que entre aqueles que frequentam a igreja todas as semanas, o número salta para 81%. Deste modo, os evangélicos atuam nos Estados Unidos verdadeiramente como um grupo de interesse, identificando entre os Republicanos o partido que representa melhor a sua visão conservadora, independentemente da religião de seu candidato à presidência.

Bohn (2007) assinala que o motivo que poderia levar os evangélicos a não se comportarem como um “grupo de interesse” no Brasil, assim como seus pares nos Estados Unidos; ou seja, que votam no partido que defende seus interesses enquanto evangélicos, poderia decorrer da estruturação do sistema partidário brasileiro. Enquanto impera o bipartidarismo no país norte-americano, o multipartidarismo brasileiro complicaria a justaposição de clivagens sociais sobre o sistema partidário, pois a multiplicidade de partidos no Brasil enfraquece a possibilidade de se formar uma identidade partidária. Mesmo assim, o interesse pelo voto evangélico é um fenômeno relativamente recente, embora ganhe cada vez mais força na ciência política nacional, em razão do rápido crescimento desse segmento na

²³ *Ibidem*.

população brasileira e na composição do eleitorado. E dos estudos realizados, grande parte é feita com métodos quantitativos, mesmo entre aqueles que fazem uso de entrevistas.

Um exemplo é o estudo amplo de Fernandes *et al.* (1998), com evangélicos do Rio de Janeiro, para analisar suas características, como gênero, cor, idade, faixa de renda, nível educacional, crenças, práticas religiosas, frequência em atividades das igrejas, relações de gênero, estrutura familiar, práticas reprodutivas, além de questões políticas, como a participação cívica nas associações da sociedade civil e na política eleitoral. Partindo de métodos quantitativos, os autores buscaram fazer entrevistas estruturadas, em formato *survey*, utilizando dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE). Com estes dados, eles fizeram um cadastramento de evangélicos residentes nos setores sorteados e, a partir do cadastro, um novo sorteio dos respondentes, para atingir o número de 1.500 entrevistados.

Pierucci e Prandi (1995) também fizeram uso de métodos quantitativos para analisar a eleição presidencial de 1994. Em um *survey*, com mais de 20 mil entrevistas por todo o país, os autores buscaram medir o fator religioso no comportamento do eleitor brasileiro. Neste caso, foi possível encontrar a proximidade da candidatura de Lula aos católicos das comunidades de base, aos afro-brasileiros e daqueles que se declaram sem religião, concomitante a uma distância de católicos carismáticos e de pentecostais (período em que Lula ainda era demonizado por muitas igrejas evangélicas, inclusive a Universal). Por outro lado, Fernando Henrique Cardoso obteve a preferência entre os carismáticos, os kardecistas e os católicos tradicionais, então a grande maioria da sociedade brasileira, o que contribuiu para a sua eleição.

Mesmo quando métodos qualitativos foram utilizados, o foco foi dado mais a entrevistas de políticos representantes dos evangélicos do que ao eleitorado em si. Fonseca (2008), por exemplo, entrevistou políticos no Rio de Janeiro para descrever a crescente presença de evangélicos na política brasileira. Da mesma forma, Machado (2006) coletou entrevistas com atores religiosos da política fluminense, seja por conta própria, seja retirada de jornais, para fazer uma análise concreta de sua participação e, assim, compreender o fortalecimento da influência deste segmento na esfera pública. Ressalta-se, nos depoimentos colhidos pela autora, o elo com a igreja, e não com os partidos: se o candidato era eleito, seria em razão do empenho da igreja à qual pertence, pois o candidato seria, primeiro de tudo, funcionário desta. Assim, o foco das campanhas eleitorais acompanhadas nesta pesquisa sempre se manteve na identidade evangélica, utilizando-se da mídia dos partidos e das igrejas para pedir votos a esse eleitorado religioso.

Embora feita com políticos, os estudos anteriores realizaram entrevistas abertas ou semiestruturadas, que permitem explorar o discurso dos entrevistados de forma mais livre. Pierucci (1996) também recorreu a esse tipo de método para perguntar a padres católicos a sua opinião sobre o povo brasileiro e o papel da Igreja na política. Embora a entrevista não fosse completamente fechada, o autor categorizou as respostas de forma a dividi-las em diferentes grupos. Porém, de maior relevância para a presente pesquisa, embora não fosse diretamente sobre religião e voto, foi o trabalho de Pierucci (1987) sobre as bases sociais da direita em entrevistas com eleitores paulistanos ativamente janistas ou malufistas. Gravando 150 entrevistas semiestruturadas, de duração média de 1h cada, o autor pôde explorar um pouco mais do universo desses indivíduos, compreendendo melhor como eles pensam em relação a diferentes questões políticas. Um dos aspectos encontrados de relevância foi a forte religiosidade, muito embora viesse acompanhada de um anticlericalismo com base na defesa da Igreja Católica dos direitos humanos. Houve aí uma abertura para o avanço do pentecostalismo.

Em outro estudo, Machado e Mariz (1998) avaliaram o impacto da religião na vida das pessoas; neste caso especificamente, na de mulheres. Em entrevistas abertas, as autoras encontraram como a conversão para a religião evangélica as empoderavam em casa e em suas vidas, embora de forma distante, de acordo com as autoras, da que prega o feminismo. Do modo similar, Ireland (1998) investigou o impacto da conversão ao pentecostalismo na política brasileira, utilizando entrevistas com foco em um caso específico. Sua conclusão, similar a outras já mencionadas (Santiago Filho, 2012; Novaes, 2001) seria a de que pentecostais seriam muito variáveis entre si, o que dificultaria a mobilização para nada além do que fins puramente religiosos, frustrando projetos políticos mais amplos; algo que Freston (2008) também reitera: raramente (ou nunca) os evangélicos conseguiram se unir em um bloco ou figura política, unindo-se apenas em questões mais relevantes à religião em si.

Por fim, um estudo semelhante ao que se pretende realizar aqui foi o efetuado por Vinícius Valle (2013) com uma comunidade evangélica durante as eleições municipais de 2012 na cidade de São Paulo. Utilizando métodos qualitativos, Valle realizou um estudo de caso em uma igreja da Assembleia de Deus, fazendo uso de entrevistas semiestruturadas para conhecer mais esse eleitorado e explorar suas motivações para a definição do voto. Seu achado foi que os entrevistados seguiam a indicação dos líderes da igreja para a eleição no Poder Legislativo, de forma a ter seus representantes lutando pela igreja, enquanto seguiam suas próprias

convicções ou memória de governos anteriores, agindo com base na sua renda, para decidir em quem votar para o Poder Executivo.

O método do estudo de caso ampliado

A pesquisa pretendia selecionar entrevistados de diferentes perfis, a partir de um estudo etnográfico, obtido por meio da frequência aos cultos e diferentes eventos realizados pelos fiéis. Como Volo e Schatz (2004) relatam, a etnografia pode contribuir para reduzir as falhas da amostragem aleatória, que pode deixar certos tipos de indivíduos fora da pesquisa. Assim, apenas a presença constante do pesquisador pode ajudar a reduzir esses riscos e selecionar uma amostragem mais equilibrada para as hipóteses que pretendiam ser testadas. Da mesma forma, a etnografia contribui também para testemunhar de que maneiras os líderes da igreja buscam influenciar os fiéis em questões políticas, assim como para perceber como estes recepcionam e debatem as mensagens entre si.

Apenas a observação distante, entretanto, seria de pouca utilidade para o trabalho. Como se buscava explorar o universo deste eleitorado, e tudo aquilo que o ronda, uma observação participante no trabalho etnográfico, com maior interação entre o cientista social e o grupo pesquisado, fez-se necessária. Foi fundamental explorar o raciocínio destes eleitores, o ambiente que os cerca, como avaliavam o discurso da Igreja, além de diversos outros fatores externos (situação econômica, trabalho, opinião de amigos, colegas e familiares, etc) para chegar próximo da compreensão do fenômeno. Apenas uma pesquisa etnográfica, frequentando os cultos e convivendo com essas pessoas, permite um melhor entendimento de como a política entra em suas vidas. Contudo, há barreiras de acesso para conhecer os posicionamentos políticos e visões de mundo deste tipo de eleitorado: para os evangélicos, as pessoas de fora os discriminam e os perseguem, o que se traduz numa resistência a qualquer um que seja de fora. Deste modo, uma observação distante, imparcial e não-participante não seria suficiente para encontrar as respostas desejadas. Somente o método do estudo de caso ampliado, como sugerido pelo sociólogo Michael Burawoy, que implica uma observação participante dos eventos e da vida dessas pessoas, podia produzir os resultados intencionados por este trabalho por “enfrentar as mesmas forças que ele revela” (BURAWOY, 2009: p. 24).

Burawoy relata haver dois tipos de estratégias para a etnografia:

“na primeira estratégia, nós minimizamos a dificuldade limitando nosso envolvimento no mundo que estamos estudando, isolando-nos de nossos sujeitos do conhecimento, observando-os de fora, interrogando-os por meio de intermediários. Nós mantemos os pés no chão ao aderirmos a uma série de procedimentos para coleta de dados que asseguram nosso distanciamento epistemológico. [...] Na estratégia alternativa, nós tematizamos nossa participação no mundo a ser estudado. Nós nos mantemos e nos firmamos ao fincarmos raízes na teoria que guia nosso diálogo com os participantes em observação (BURAWOY, 2009: p. 20).”

A primeira estratégia é a abordagem positivista, comum em pesquisas quantitativas, com entrevistas em formato de *survey*, que é bastante utilizada em pesquisas sobre a relação entre religião e voto. A segunda é o que Burawoy chama de “modelo reflexivo da ciência”, que, em vez de se afastar, busca o engajamento como via para o conhecimento. Utilizando a nossa própria participação, “a ciência reflexiva mobiliza múltiplos diálogos para alcançar explicações para o fenômeno empírico” (BURAWOY, 2009: p. 20). Em vez da objetividade alcançada por meio de procedimentos cuidadosos, ela é almejada pela reconstrução da teoria de forma a acomodar possíveis anomalias. Assim, Burawoy chama de “estudo de caso ampliado” aquele que “aplica a ciência reflexiva à etnografia, com o objetivo de extrair o universal do particular, mover-se do ‘micro’ ao ‘macro’, conectar o presente e antecipar o futuro – tudo isso construído sobre uma teoria preexistente” (BURAWOY, 2009: p.21)

Como a pesquisa pretendia iluminar aspectos ambíguos do processo de decisão do voto dos fiéis estudados, entrevistas em formato de *surveys* não seriam ideais para as respostas buscadas. Numa pesquisa quantitativa, há procedimentos rígidos a serem seguidos. Burawoy cita a discussão de Jack Katz (1983) em relação aos “4 R’s”, ou as “quatro prescrições dogmáticas da ciência positiva” (BURAWOY, 2009: p. 31). Eles seriam: o dogma da não-Reatividade, o que significa que os sociólogos deveriam evitar distorcer os mundos que estudam; o da Regularidade, que admite a necessidade de critérios para a seleção de dados, considerando que o mundo externo possui uma multiplicidade infinita; o dogma da Replicabilidade, o que exige que o código de seleção seja formulado de maneira que não é ambígua, permitindo que outro cientista social que busque estudar o mesmo fenômeno consiga produzir os mesmos resultados; e o dogma da Representatividade, no qual se garante que o pedaço do mundo que estamos pesquisando é representativo do todo.

Estes 4 R’s são a base para a ciência positiva, na qual se fundamentam pesquisas com base em entrevistas no formato de *surveys*. E são diversos os desafios para cumpri-los: a

necessidade de construir uma entrevista com estímulos uniformes e neutros; o estabelecimento de um formato padronizado para a entrevista; um certo controle das condições externas, minimizando a interferência do contexto; e uma seleção cuidadosa dos respondentes. Este trabalho, contudo, seguiu a sugestão de Burawoy de não seguir rigidamente os ditames da ciência positiva – sem desmerecer os seus méritos – em prol de uma ciência reflexiva, o que é mais adequado ao estudo de caso ampliado, transformando seus obstáculos em virtudes.

Há diversas formas, na ciência reflexiva, de violação aos 4 R's necessários para a ciência positiva em razão dos efeitos de contexto. Uma delas é a intervenção, que, enquanto inevitável ao retirar o entrevistado de seu tempo e espaço, permite que a interação entre os dois revele propriedades da ordem social. Não violar o princípio da não-Reatividade não é uma possibilidade, já que, com um entrevistador branco, de olhos claros, não-evangélico e de classe mais alta, foi perceptível um certo incômodo entre o grupo pesquisado. Para eles, não fazia sentido um pesquisador vir do centro para a periferia fazer pesquisa com evangélicos. Assim, embora um obstáculo para a interação, quando bem explorado, isso esclareceu mais a sensação de como eles têm desconfiança com pessoas de fora.

Outra dificuldade é a do processo que obriga o cientista social a desembrulhar as experiências situacionais dos entrevistados ao acompanhá-los ao longo do tempo e do espaço. Mesmo padronizando as entrevistas, seguindo o princípio da Regularidade, a interpretação para cada pergunta pode variar bastante, levando a respostas que não eram exatamente o que se buscava. Cada entrevistado apresentava um grau diferente de conhecimento sobre a política e eleições. Deve-se tirar proveito dessas variações para revelar o contexto de cada indivíduo, mesmo que, no final, seja necessário, agregá-los dentro do processo social.

A Replicabilidade é outro dogma impossível de se cumprir para a pesquisa. Não é possível manter o campo constante, já que o contexto da pesquisa era bastante particular. Como se passava durante a campanha eleitoral, as impressões variavam bastante ao longo do tempo, e podem ser diferentes (ou esquecidas) poucos meses depois. Isso sem falar que o mesmo tipo de pesquisa em eleições diferentes, ainda que no mesmo local e com os mesmos entrevistados, teria outros candidatos, além de ser durante outro momento econômico, político e social do país.

O último efeito de contexto, que afeta a Representatividade, é a ascendência da situação social sobre a individual. Mesmo selecionando pessoas de faixas de renda semelhante, do mesmo bairro e frequentando a mesma igreja, cada indivíduo parte de um contexto, seja em

razão de sua ocupação, sua situação familiar, ou, frequentemente, sua origem. Alguns entrevistados, por terem nascido ou possuírem família no Nordeste, apresentavam uma preferência pelo governo Dilma por reconhecerem as melhorias naquela região do país. Todavia, em vez de considerar fatores como estes um problema, este tipo de informação nova pode contribuir para produzir generalidades mais amplas e inclusivas, rastreando as diferenças e encontrando as semelhanças de modo a conectar os casos. As exceções não devem ser vistas como um obstáculo para testar as hipóteses, mas um desafio que propulsiona a reconstrução e o aprofundamento da hipótese que se busca confirmar ou refutar.

Considerando estas questões, o método do estudo de caso ampliado sugerido por Burawoy demonstrou-se o mais adequado para este trabalho. E não há nada de não-científico nesta abordagem de estudo de caso “desde que isso envolva classificação, percepção de relações e descrição de sequências” (BURGESS, 1927: p. 114). A produção de conhecimento segue de forma “artesanal”; ou seja, em vez de buscar uma verdade definitiva, busca-se a aperfeiçoar o conhecimento numa relação mútua entre o pesquisador e o grupo pesquisado. Em resumo, a resistência oferecida pelo grupo pesquisado a um “forasteiro” dificulta o tipo de pesquisa que mantém o cientista social distante dos acontecimentos e de suas vidas pessoais, ainda mais se tratando de temas delicados como política e religião. Como Burawoy coloca:

“Uma ciência positiva autocrítica concentra-se nos efeitos de contexto, mas, com isso, obscurece a ação do poder. A construção da “imparcialidade” e do “distanciamento” depende de relações de poder que não foram problematizadas. Uma ciência reflexiva autocrítica, por outro lado, toma o contexto como dado, porém, revela os efeitos de poder para que eles sejam melhor entendidos e controlados. Ao revelar os limites da liberdade humana, os limites da ciência reflexiva possibilitam as bases para uma teoria crítica da sociedade (BURAWOY, 2009: p. 61-62”.

Embora as eleições fossem abordadas cotidianamente durante os cultos, era possível que bastasse eu estar ausente para outros discursos surgirem. Para quebrar estas barreiras, a frequência nos cultos se mostrou mais do que fundamental: primeiro, para se acostumarem com a minha presença; segundo, para terem confiança de que eu era alguém que respeitava os seus ritos e não tinha uma visão negativa de suas crenças (e, quem sabe, converter-se). Assim, comecei indo à igreja uma ou duas vezes por semana, e conforme a data das eleições se aproximava, aumentei a frequência para de três a cinco vezes semanalmente.

A questão de conquistar a confiança dos fiéis levou a um artifício reconhecido por Burawoy como, por vezes, necessário, que é o de não ser inteiramente honesto com os participantes. Apesar de admitir, desde o primeiro dia, que o intento da minha ida aos cultos era fazer uma pesquisa, uma das primeiras indagações de cada indivíduo era sobre eu ser evangélico, também. Sendo agnóstico, a minha resposta – para omitir mais do que mentir – foi sempre de dizer que eu tinha formação cristã, apesar de não frequentar a igreja (o que não deixa de ser verdade). Admitir que não tinha religião alguma poderia afastá-los, visto que eles já possuíam resistência com qualquer um que não seja evangélico, e muito mais não-cristão.

Mesmo assim, apenas isso não era o bastante para conquistar a confiança dos fiéis. Existe uma relação de dominação, que Burawoy reconhece, na intromissão do cientista social forasteiro no espaço do grupo pesquisado. O fato de ser um pesquisador, que busca conhecer os posicionamentos políticos dos evangélicos, intimidava os fiéis, fazendo-os pensar que eu acreditava que fossem ignorantes ou manipulados, e que buscava comprovar estas hipóteses. Em particular, pude perceber uma resistência maior entre os mais jovens, talvez por se sentirem inseguros quanto ao tema da política, em razão de sua inexperiência. Os mais velhos, geralmente, conseguiam falar mais abertamente e sem medo, mesmo guardando algum grau de suspeita. Logo, para baixar a guarda, foi necessária a convivência constante com eles, além de conversas sobre o cotidiano, e a participação frequente nas orações e eventos organizados pela igreja. Entre os jovens, em especial, a ida para os encontros aos sábados – dedicados apenas aos mesmos –, e a participação nas gincanas, música e danças organizadas por eles foram fundamentais para um relaxamento gradual em relação à minha presença, permitindo que pudessem se soltar e falar um pouco mais sobre os temas desta pesquisa.

Finalmente, a frequência e a participação nos cultos foram fundamentais para observar o quanto e como o tema das eleições foi abordado na igreja para com seus fiéis. Estar presente nesses momentos foi essencial para ver como os frequentadores recebiam e lidavam com a informação, principalmente ao conversarem comigo fora da igreja, o que me permitiu observar se eles repetiam os mesmos argumentos utilizados pelos pastores.

Assim, o trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro justifica a escolha da denominação religiosa pesquisada, a Igreja Universal do Reino de Deus, assim como a do bairro em que está localizado o templo focado à luz dos estudos anteriores realizados. O Capítulo 2 analisa o voto para deputado federal e estadual, demonstrando o peso que a indicação da igreja teve para a decisão dos fiéis. Esta segunda parte da dissertação relata como a campanha dos

candidatos da igreja foi realizada pelos pastores, os quais enfatizavam a importância de se elegerem seus representantes no Parlamento e como os fiéis receberam o discurso da igreja, explicando a decisão de seguir (ou não) a orientação dada pelos pastores. Surge aqui a questão do conservadorismo moral e como isso é utilizado para justificar o voto pelos entrevistados.

Por fim, o Capítulo 3 trata especificamente da eleição presidencial de 2014. Os mecanismos para a decisão do voto foram explorados por meio dos depoimentos dos entrevistados, seja para justificar seu voto pela continuidade, em Dilma Rousseff, seja para demonstrar seu anseio por mudança, traduzido no voto em candidatos opositores, em especial Aécio Neves, no 2º turno. Nota-se, então, a ausência de questões morais e religiosas que influenciem o comportamento eleitoral, pautado muito mais por questões de renda e de benefícios obtidos pelo governo do PT, além da pouca importância dada à religião dos candidatos.

Capítulo 1 – “Levar luz onde só há trevas”: a Igreja Universal do Reino de Deus e a relação entre religião e política no Brasil

A expansão do pentecostalismo na América Latina foi um processo rápido e eficiente, após centenas de anos de soberania da Igreja Católica. Paul Freston (1993) divide o movimento pentecostal no Brasil em três ondas: a primeira, na década 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911); a segunda, nos anos 1950 e início dos anos 1960, quando há um processo de fragmentação, surgindo igrejas como a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962); e a terceira, no final dos anos 1970 e, principalmente, nos anos 1980, com o surgimento de igrejas como a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980).

De acordo com Martin (1994), o auxílio norte-americano certamente contribuiu para a expansão pentecostal ao redor do mundo com suas campanhas evangelísticas, em especial na primeira metade do século XX. No Brasil, entretanto, o movimento teve início, principalmente, pela atuação de pastores brasileiros autóctones. Para se expandir no país, outros fatores também foram fundamentais, como o requisito educacional menor para um membro se tornar pastor e pelas afinidades com as tradições religiosas (no caso brasileiro, mais especificamente com a incorporação de práticas e símbolos das religiões afro-brasileiras e do espiritismo kardecista).

O crescimento acelerado do número de evangélicos (em sua maior parte pentecostais) no Brasil e na América Latina – concomitante ao decréscimo do número de católicos – se deu, especialmente, a partir da década de 1970, auxiliado pelo fenômeno que Pierucci (1987) chamou de “televangelismo”, utilizando-se de rádios e programas de televisão para espalhar a sua mensagem. Uma pesquisa do Pew Research Center (2014) destacou que este processo de forte expansão ocorreu dentro do período de apenas uma geração (cerca de 40 anos), e os motivos mais alegados para deixar o catolicismo foram o desejo de ter uma conexão mais pessoal com Deus, além de buscarem um novo modo de louvor ou de uma igreja que ajudasse mais aos seus membros. De fato, apesar desse crescimento ter ocorrido por todas as classes sociais, ele foi mais forte entre os mais pobres, que não se sentiam mais amparados pela rígida doutrina oficial da Igreja Católica e ansiavam prosperidade econômica e mobilidade social. Como Mariano destaca, as igrejas pentecostais atraíram os “mais pobres, mais sofridos, mais escuros e menos escolarizados da população, isto é, os mais marginalizados – distantes do

catolicismo oficial, alheios a sindicatos, desconfiados de partidos e abandonados à própria sorte pelos poderes públicos” (MARIANO, 1999: p. 12).

Anteriormente à redemocratização de 1985, é possível dizer que a participação de evangélicos na política foi limitada e, muitas vezes, omissa. É verdade que alguns setores protestantes chegaram a se envolver na luta pelo fim do regime militar e pelo restabelecimento da democracia no Brasil; entretanto, a maior parte dos grupos pentecostais apoiou os militares (FREESTON, 2011 e 2004; BURITY & MACHADO, 2006; MARTIN, 2006; entre outros). Ademais, ainda é possível dizer também que os evangélicos praticamente não se envolveram com os movimentos sociais que gestaram o “projeto democratizante e participativo” nos anos de 1980 e 1990, os quais almejavam expandir a cidadania e aprofundar a democracia no país (DAGNINO, 2005).

Assim, apesar de ser um processo que não começou apenas a partir da redemocratização, Mariano (1999) ressalta a transição do tradicional afastamento de evangélicos da política, seguindo a velha máxima de que “crente não se mete em política”, por projetos eclesiásticos corporativistas sob slogans como “irmão vota em irmão”, motivados – ao menos no discurso – pelo temor da Igreja Católica assumir um papel privilegiado no novo Estado democrático brasileiro. Este trabalho estudará especificamente a atuação de uma pequena unidade da Igreja Universal do Reino de Deus na eleição de 2014. Porém, traçar a trajetória histórica do envolvimento de pentecostais em geral na política brasileira a partir dos anos 1980 faz-se necessária para compreender o contexto em que se encontram a IURD e seus fiéis em 2014.

1.1 A bibliografia sobre evangélicos e voto no Brasil

Diferentes autores trataram sobre a relação entre evangélicos e o voto no Brasil. Como se verá adiante, alguns minimizam o impacto do voto religioso no pleito; outros, contudo, reforçam a ideia de que este eleitorado é e pode ser mobilizado de modo a influenciar o resultado das eleições. O presente trabalho busca contribuir para o debate entre esses diferentes campos.

Pierucci (1987) constatou a atuação incisiva de congressistas evangélicos durante o Congresso Constituinte (1987-1990) na defesa de matérias relativas à moralidade familiar e sexual. Mesmo sem possuir a expressão numérica de hoje, eles conseguiram eleger 32

deputados federais em 1986, um número considerável depois de uma campanha entre evangélicos de que a Assembleia Constituinte poderia instituir o catolicismo como religião oficial do Brasil (entre outras questões), sendo necessário, portanto, eleger irmãos que pudessem barrar esta ideia (SOUZA, 2009). É notável, contudo, a presença crescente de evangélicos pentecostais no cenário político-eleitoral desde então. Em 2014, de acordo com levantamento do jornal *O Globo*, a Bancada Evangélica elegeu 80 deputados federais²⁴. Se considerarmos desde as eleições de 1982, quando esta bancada reunia apenas 12 deputados evangélicos, o seu crescimento se mostra ainda mais expressivo.

Um aspecto interessante de notar na entrada de evangélicos na política com a redemocratização é que, ao contrário de movimentos ligados à Igreja Católica, alinhados às ideias da Teologia da Libertação e, portanto, com pautas mais progressistas, em defesa dos mais carentes, o que se destaca da atuação de parlamentares evangélicos é o forte corporativismo e o anseio de ditar uma agenda moral para o país. Para Machado e Burity (2014), a participação de evangélicos pentecostais no Poder Legislativo pode ser interpretada a partir de dois vetores principais:

“a) como forma de sobrevivência em uma ordem social em que as relações entre o Estado e os grupos religiosos sempre foram muito assimétricas e onde a agenda política dos movimentos feministas e pela diversidade sexual vem se impondo e orientando as políticas públicas no campo da educação, da saúde e das relações familiares; b) como forma de construção (minoritária) de uma agência coletiva com pretensões de reconhecimento e influência.” (MACHADO & BURITY, 2014: p. 602-3)

Assim, os políticos evangélicos têm atuado fortemente para barrar o avanço de propostas que contrariem sua visão de mundo. Em particular, quaisquer projetos que amplifiquem os direitos de LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros) – muitas vezes com a desculpa de que correriam o risco, caso os projetos de lei fossem aprovados, de sofrer discriminação – com destaque para o feroz combate contra o Projeto de Lei da Câmara nº 122/2006, da deputada federal Iara Bernardi (PT), que incluía a homofobia – preconceito ou discriminação por orientação sexual – entre os crimes previstos em lei, como a discriminação por raça, cor, etnia, religião e procedência nacional; além de qualquer legislação que busque descriminalizar o

²⁴ Fonte: O Globo, 08 out. 2014.

aborto (TREVISAN, 2013), chegando ao ponto, mais recentemente, até de dificultar as possibilidades de aborto permitido pela lei²⁵.

De acordo com Machado e Burity, a política surge então, para os pentecostais, como uma estratégia em termos hegemônicos aqui compreendido no sentido gramsciano, “como resultado de um complexo processo de conquistas de esferas de influência social, cultural e política” (MACHADO & BURITY, 2014: p. 613). Portanto, a política é utilizada tanto por motivos de sobrevivência – garantindo a isenção tributária, a construção de templos, a proteção da discriminação da mídia, além de combater os privilégios da Igreja Católica – quanto por motivos de “guerra de posições”, utilizando outro termo de Gramsci; ou seja, tentando permear a sociedade com valores cristãos, “levando a luz onde só há trevas” à esfera da política, a qual se encontrava desacreditada.

A participação de evangélicos pentecostais nas eleições não se limitou ao Poder Legislativo. Desde a redemocratização, lideranças religiosas de diferentes denominações se mobilizaram em apoio (ou contra) candidatos ao Poder Executivo, e em especial candidatos a presidente da República. Um caso notável foi a dura e disputada eleição de 1989, entre Collor e Lula. De acordo com Mariano e Pierucci (1992), havia o temor entre líderes religiosos de que a vitória de Lula, junto a uma possível aliança com a Igreja Católica – tendo visto a ligação de alguns setores desta igreja com o partido, – seria o início de uma perseguição a evangélicos, acabando com a liberdade religiosa dos crentes. Assim, diferentes líderes pentecostais das mais diversas denominações se mobilizaram contra a sua candidatura e apoiaram Fernando Collor. Isso levou o pastor José Wellington, presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) a declarar, posteriormente, em entrevista: “Não podemos negar, quem elegeu Collor foram os evangélicos” (MARIANO & PIERUCCI, 1992: p. 101).

Sob o risco de interferência da religião na política, leis foram criadas para limitar o poder das igrejas. Assim, de acordo com a lei nº 9.504/97, “é vedada a veiculação de propaganda de qualquer natureza” nos bens “cujo uso dependa de cessão ou permissão do Poder Público, ou que a ele pertençam, e nos de uso comum”, sendo que o parágrafo 4º deste mesmo artigo define os bens de uso comum, para fins eleitorais, além do que é disposto no Código Civil (Lei nº 10.406/02), aqueles também “a que a população em geral tem acesso, tais como cinemas, clubes, lojas, centros comerciais, templos, ginásios, estádios, ainda que de propriedade privada”. Ademais, o artigo 24, inciso VIII da mesma lei ainda veda a qualquer partido e

²⁵ Fonte: Folha de S. Paulo, 21 out. 2015.

candidato “receber direta ou indiretamente doação em dinheiro ou estimável em dinheiro, inclusive por meio de publicidade de qualquer espécie” procedente de entidades beneficentes e religiosas.

Todavia, apesar da legislação contrária, o desrespeito e o descumprimento à mesma é constante. Como Mariano e Pierucci (1992) notam na eleição de Collor – bem como diversos autores em outros períodos eleitorais – houve intensa campanha dentro de igrejas evangélicas, sendo que duas toneladas de material de propaganda de Collor foram encontradas apreendidas pelo TRE do Rio de Janeiro em dois templos da Igreja Universal do Reino de Deus, além de seguidores desta igreja serem pegos fazendo campanha boca-de-urna, contrariando a legislação eleitoral. Mais recentemente, embora não seja diretamente uma doação de uma igreja a um político, a Igreja Assembleia de Deus, a maior igreja evangélica do país²⁶, foi acusada de receber propina em nome do deputado federal, e ex-presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, do PMDB²⁷. Portanto, mesmo a existência de leis que busquem prevenir a ação de religiosos na política, não foi o bastante para impedir que os mesmos participassem ativamente dela, utilizando todos os meios disponíveis para tanto.

Depois de Collor, os evangélicos continuaram a atuar politicamente em apoio ou de forma contrária a candidatos à presidência. Nada, contudo, parece ter chegado perto do destaque e da visibilidade que os evangélicos tiveram na eleição presidencial de 2010. Tanto que as campanhas eleitorais, em particular de Dilma Rousseff e José Serra, davam a entender que, mais do que importante, era crucial conquistar o voto evangélico para garantir a vitória nas urnas. As frequentes visitas de ambos a locais de culto e a conquista do apoio no 2º turno, pelo lado de Dilma, do líder da Igreja Universal do Reino de Deus e dono da TV Record, o bispo Edir Macedo; e pelo lado de Serra, do pastor Silas Malafaia, da Assembleia de Deus Vitória em Cristo²⁸, indicavam o empenho dos candidatos em captar esse segmento. A preocupação de Dilma Rousseff foi tanta com os religiosos, que se vendo questionada sobre o seu posicionamento em temas sensíveis ao eleitorado conservador (como o aborto, por exemplo), a então candidata divulgou uma “Carta ao Povo de Deus” para ressaltar que cabia ao Congresso Nacional decidir sobre estas questões²⁹.

²⁶ Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2010.

²⁷ Fonte: Carta Capital, 20 ago. 2015.

²⁸ Fonte: Folha de S. Paulo, 22 out. 2010.

²⁹ Fonte: Estado de S. Paulo, 23 ago. 2010.

Líderes e denominações religiosas também saíram em defesa de Dilma. No Rio de Janeiro, foi elaborado um manifesto endossando a então candidata, contendo o apoio de diversas lideranças católicas, evangélicas e até de outras religiões³⁰. Entre os evangélicos, Vital da Cunha e Lopes (2013) ressaltam que a petista obteve o apoio do bispo Manoel Ferreira e da Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil – Ministério de Madureira (CONAMAD), que era presidida por ele; lideranças das Igrejas Sara Nossa Terra, Quadrangular, Batista, Brasil para Cristo, Metodista, entre outras, além, é claro, da Igreja Universal do Reino de Deus, por meio do apoio de seu líder, Edir Macedo. Pode-se dizer que o apoio do bispo Macedo e da IURD foram os mais expressivos que Dilma Rousseff recebeu entre religiosos. Este era endossado dentro dos templos, no blog do bispo Macedo, e na *Folha Universal*, jornal distribuído pela igreja. Neste último, o senador do PRB e sobrinho de Edir Macedo, Marcelo Crivella, chegou, inclusive, a escrever um artigo listando 7 motivos para votar em Dilma (ver figura 1).

Figura 1: Artigo de Marcelo Crivella “7 Razões para votar em Dilma” na *Folha Universal*, nº 969 – 31 de outubro a 6 de novembro³¹.

³⁰ Fonte: Estado de S. Paulo, 14 out. 2010.

³¹ Imagem obtida do UOL Eleições. Disponível em:

http://el.i.uol.com.br/2010/album/101031_religiao_eleicoes_f_014.jpg. Acesso em 16 mai. 2016.

Além disso, de acordo com Tadvald (2010), o senador Crivella e outros parlamentares da IURD se comprometeram a interceder na Frente Parlamentar Evangélica em favor de Dilma, caso a mesma recuasse no apoio à descriminalização do aborto. Ressalta-se aqui, em particular, o destaque que esta questão teve durante a campanha, de forma a torná-la, mesmo que por um curto período, o principal tópico de discussão da campanha presidencial. O assunto teve repercussão, em especial entre os evangélicos, visto que eram o grupo mais resistente a mudanças na legislação. Como Cervellini, Giani e Pavanelli (2011) identificaram – com base em uma pesquisa do IBOPE de 2003 –, 44% dos evangélicos eram a favor de proibir o aborto em qualquer caso, enquanto 33% dos católicos, 27% de outras religiões e 34% do total defendiam a mesma posição. Além disso, apenas 6% dos evangélicos, contra 9% dos católicos, 17% de outras religiões e 10% do total eram a favor de ampliar a permissão para a interrupção da gravidez. Assim, para esses autores, a polêmica em torno do aborto – com a associação da candidata petista a uma posição favorável à sua descriminalização – foi decisiva para o prolongamento da corrida eleitoral e seu desfecho apenas no segundo turno.

É preciso ressaltar também a participação de Marina Silva (então no Partido Verde) no pleito. É possível que, com a entrada do tema do aborto na campanha e a forte presença da religião no debate eleitoral, Marina tenha sido beneficiada – mesmo sem explorar isso diretamente – conquistando muitos votos do eleitorado evangélico. Peixoto e Rennó (2011) ressaltam que Marina teria atraído os eleitores mais conservadores, em especial evangélicos, mais no final da campanha, levando à perda direta de votos deste eleitorado por Dilma Rousseff. No 2º turno, que esses votos foram direcionados ao candidato José Serra, segundo os autores. Entretanto, Pierucci (2011) concluiu justamente o contrário: o voto de seguidores de diferentes igrejas cristãs foi pouco influenciado pelos muitos apelos de suas autoridades, em grande parte contrárias a Dilma Rousseff. Já Seawright (2013) discorda de Pierucci e acredita que uma parte considerável dos evangélicos seguiu, de fato, a instrução dos líderes de suas denominações na definição de seu voto. Ele afirma que, embora este voto religioso não tenha sido suficiente para mudar os rumos da eleição presidencial de 2010, o fenômeno eleitoral também não teria sido insignificante, demonstrando a sua ascensão no embate político-eleitoral brasileiro. Retomarei o assunto, crucial para a nossa hipótese, no Capítulo 3.

Independentemente dessa polêmica, o crescimento do interesse dos partidos pelo eleitorado evangélico não era por acaso, como afirma Novaes (2001). Compreendendo que há um interesse baixo dos brasileiros em participar de partidos, sindicatos e associações, um dos poucos locais onde é possível encontrá-los congregados durante o período eleitoral seria nas

igrejas evangélicas. Não haveria outra instituição que conseguisse reunir diversas vezes e com tanta frequência as mesmas pessoas. No entanto, Santiago Filho (2012) ressalta que, apesar das tentativas de políticos de tratar os evangélicos como um grupo unido, o movimento pentecostal se torna cada vez mais plural. É possível testemunhar, por exemplo, a emergência de uma nova clientela religiosa, como é o caso de evangélicos homossexuais da Igreja Cristã Contemporânea, o que demonstra o dinamismo do campo.

Novaes (2001) também já ressaltava a ausência de garantia de consensos entre denominações, de que evangélicos votassem de acordo com a orientação de seus pastores, ou até mesmo de que votassem em candidatos pertencentes à sua religião. Além disso, ela ainda assinala as diferenças entre um pretense clientelismo religioso ao clientelismo político. As igrejas evangélicas atuam num terreno que enfatiza a escolha individual e a adesão voluntária; portanto, não seria tarefa simples impor uma opção política. Ao mesmo tempo, as ofertas de pertencimento entre diferentes denominações evangélicas são muitas e simultâneas, o que suscita a troca de pastores, templos e até mesmo das denominações com grande facilidade. Assim, diferentemente do clientelismo político, passadas as eleições, não há perguntas ou possibilidades de cobrança sobre em quem os fiéis votaram.

Se, por um lado, houve um grande crescimento de evangélicos na população (e na política) brasileira nos últimos anos, por outro lado, é notável destacar uma grande mudança no eleitorado de Lula, desde a sua 1ª eleição como presidente da República, que se consolida em 2010. Soares e Terron (2010), analisando as bases eleitorais de Lula e do PT ao longo de sucessivas eleições, demonstram como Lula, em 2006, passou a ter sua base eleitoral no Norte e, especialmente, no Nordeste, o que não ocorria em eleições anteriores, adquirindo um padrão diferente do seu partido em votações para outros cargos que não fossem a presidência. Singer (2012) nota estas mudanças e ressalta que o lulismo finca suas raízes no subproletariado brasileiro, localizado especialmente no Nordeste brasileiro. Isto pode ser observado a partir de 2006, com sua sucessora repetindo o bom desempenho entre o mesmo eleitorado nas eleições seguintes. Enquanto isso, os candidatos tucanos, Alckmin em 2006 e Serra em 2010, centralizaram seus votos nas regiões do Centro-Sul do país e entre os eleitores mais ricos e de maior escolaridade. Assim, como o autor coloca, “solidificou-se em 2010 uma polarização que é simultaneamente social e regional” (SINGER, 2012: p. 174).

Se Lula conquistou o voto entre os mais pobres e com menor escolaridade, é possível, então, que tenha conquistado junto uma parcela considerável do eleitorado evangélico. Bohn

(2004) já havia identificado que os fiéis evangélicos, sobretudo aqueles de denominações pentecostais, têm origem nos setores socioeconômicos mais desprivilegiados, tanto no nível de renda quanto de escolaridade. A questão que surge, portanto, é se um eleitor pobre, de baixa escolaridade, mas evangélico, tenderia a votar no PT para a presidência, por razões de renda, ou na oposição, por motivos religiosos.

1.2 A Igreja Universal do Reino de Deus

Apesar de não ser a maior igreja evangélica no Brasil em números absolutos, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) tem uma importância inegável no cenário religioso brasileiro. Como Mariano (1999) relata, fundada em 9 de julho de 1977 por Edir Bezerra Macedo, Romildo Ribeiro Soares (que saiu em 1980 para fundar a Igreja Internacional da Graça de Deus) e Roberto Lopes, a Igreja Universal teve um crescimento estrondoso nos anos 1980, auxiliada fortemente pela aquisição de horários em rádios; com o tempo, as próprias emissoras; e pela surpreendente compra da Rede Record de Rádio e TV em 1989, até se tornar o grande império que é hoje, nas mãos de seu líder maior, Edir Macedo, que, de acordo com levantamento da revista Forbes, teria em 2013 uma riqueza estimada em US\$ 950 milhões, tornando-o o pastor evangélico mais rico do país³². Presente em quase 100 países³³, a IURD é, indubitavelmente, uma história incrível de sucesso.

De acordo com o Censo Demográfico de 2010, a Igreja Universal teria, naquele ano, cerca de 1,8 milhões de fiéis³⁴. Embora muito distante da Igreja Assembleia de Deus, com cerca de 12 milhões de seguidores³⁵, é importante ressaltar que esta é descentralizada em diferentes convenções e ministérios, cada qual com suas lideranças, diferentemente da Universal, centralizada no seu líder, Edir Macedo. Ao mesmo tempo, pelo menos duas grandes igrejas são dissidências da Igreja Universal, fundadas por ex-membros: a já citada Igreja Internacional da Graça de Deus, pelo cunhado de Edir Macedo e um dos fundadores da IURD, R. R. Soares; e a Igreja Mundial do Poder de Deus, por Valdemiro Santiago, que saiu da Universal em 1997³⁶.

³² Fonte: Forbes, 17 jan. 2013.

³³ Fonte: Universal.org, *História da Universal*.

³⁴ Fonte: IBGE, Censo 2010

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ Fonte: IstoÉ, 28 jan. 2011.

Ou seja, a relevância da Igreja Universal no cenário religioso brasileiro ultrapassa os limites de sua denominação, estabelecendo-se não somente como a mais numerosa e a referência maior entre as igrejas neopentecostais no Brasil, mas também, como a maior igreja evangélica unificada em uma liderança central. Além disso, como Almeida (2013) ressalta, a IURD não pode ser pensada apenas como uma igreja, mas como uma estrutura que congrega religião, mídia e poder econômico, chegando até a esfera política.

De fato, no campo da política, a Igreja Universal ingressou logo cedo. De acordo com Ari Pedro Oro (2003), em 1986, na eleição para a Assembleia Constituinte, a igreja conseguiu já eleger um candidato, e foi crescendo o número de políticos eleitos nas eleições seguintes, elegendo 17 deputados federais e 26 estaduais em 1998, e em 2002, 16 deputados federais – mais outros 4 que não eram membros da igreja, mas que foram apoiados por ela – e 19 deputados estaduais de 10 estados, além do seu primeiro senador, o bispo Marcelo Crivella. Em 2005, o Partido Republicano Brasileiro (PRB) é criado³⁷, que será considerado o braço político da Igreja Universal, conforme será mostrado abaixo, devido ao grande número de dirigentes do partido estarem ligados à mesma³⁸. A sigla, após começar com apenas um deputado federal em 2006, saltou para 9 em 2010³⁹ e para impressionantes 21 deputados federais em 2014, parcialmente graças a puxadores de votos como o apresentador de TV, Celso Russomanno⁴⁰.

Com relação a disputas majoritárias, em particular as presidenciais, a IURD também não se omitiu. Em 1989, Edir Macedo apoiou ostensivamente o candidato Fernando Collor e, principalmente, fez ampla campanha contra o PT. Em um depoimento de Paulo de Velasco, então secretário-geral da Igreja Universal, ele afirmou que havia a escolha entre um candidato que prometeu ajudar a Universal – Fernando Collor – e outro que, se eleito, havia prometido fechar a igreja – Lula –, e justamente em um momento em que a IURD estava negociando a compra da TV Record, ter o apoio de um presidente era importante; afinal, era o mesmo quem decidia sobre a concessão ou não de uma rede de televisão (MARIANO, 1999: p. 93).

É interessante ressaltar, como Mariano (1999) destaca, a forte oposição ao PT. O discurso da Universal associava o candidato petista ao demônio, lembrava a forte ligação do partido com a Igreja Católica e temia que a sua vitória resultaria numa perseguição a

³⁷ Inicialmente, o partido se chamava Partido Municipalista Renovador (PMR). Sobre a história do partido, ver: Prb10.org.br, *História do PRB*.

³⁸ Fonte: Terra.com.br, 20 set. 2012.

³⁹ Fonte: Último Segundo, 15 jul. 2012.

⁴⁰ Fonte: Folha de S. Paulo, 07 out. 2014.

evangélicos. Em 1994, a IURD apoiou Fernando Henrique Cardoso (PSDB), mais uma vez em oposição a Lula, mas ao longo do governo daquele, iniciou-se uma aproximação com o PT no intento de remediar as rugas do passado. Logo, em 1998, a cúpula da Igreja Universal decidiu não apoiar nenhum dos candidatos, assumindo a neutralidade na disputa presidencial. Em 2002, como Oro (2003) identifica, a Igreja Universal apoia no 1º turno o também evangélico Anthony Garotinho. No 2º turno, estabelecida a disputa entre Lula (PT) e José Serra (PSDB), a Igreja Universal manifesta apoio, pela 1ª vez, a um candidato petista na disputa presidencial. E, desde então, Edir Macedo e a IURD – com a poderosa máquina de comunicação da Rede Record de Rádio e TV por trás – se tornaram os principais aliados evangélicos do governo federal do PT, reiterando sucessivos apoios políticos até 2010.

Assim como a IURD, até 2002, diversas denominações evangélicas também se posicionaram contra o PT⁴¹. Historicamente, destaca-se a atuação de setores da Assembleia de Deus em oposição ao PT até os dias atuais, como demonstra Vinícius Valle (2013) em sua pesquisa, destacando-se figuras como os pastores Silas Malafaia e (também deputado federal) Marco Feliciano, além do presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), José Wellington Bezerra da Costa, um antigo algoz do partido. Assim, o PT foi visto desde cedo associado a temas caros para os evangélicos, como a descriminalização do aborto e a legalização do casamento homossexual (MARIANO, 1999: p. 94).

Pessoalmente, realizei a minha 1ª visita a um templo da Igreja Universal, o de Piraporinha, em julho de 2014. Foi numa sexta-feira, às 19h30, e, acidentalmente, num dia em que havia sessões de descarrego. Para quem estava habituado apenas a cultos católicos na infância e nunca havia colocado os pés em uma igreja evangélica, serviu como uma terapia de choque. Depois das orações iniciais, iniciava-se, de repente, algo até então inusitado para mim: de cerca de 70 a 80 no templo, havia umas 6 pessoas se contorcendo, incorporando “espíritos”, berrando e falando com a voz alterada, enquanto os fiéis oravam bem alto com as mãos sobre a cabeça e o pastor buscava tirar o “demônio” dos fiéis atormentados. Gritos de dor, lágrimas, pedidos desesperados de ajuda a Deus, tudo ambientado por músicas típicas de filmes épicos. No clímax, o pastor pede ajuda aos fiéis para afugentar os demônios, e todos gritam “sai!”, tirando as mãos da cabeça e jogando para o alto. E, enfim, a calma, junto a avisos finais aos fiéis sobre temas gerais e os próximos cultos. Surpresas à parte, fui bem recebido logo de início, e apesar da cautela de alguns ao saberem que era um pesquisador, disseram que eu seria sempre

⁴¹ Ver Mariano & Pierucci, 1992.

bem-vindo. Acima de tudo, consegui explicar o motivo de minha visita e obter, assim, a autorização do pastor Luís para realizar minha pesquisa ali.

Em pouco tempo, fui aprendendo melhor sobre o funcionamento da Igreja Universal e notando algumas características peculiares. Os dias principais de cultos eram quartas, sextas e domingos, geralmente de manhã e no começo da noite. Os outros dias da semana ficavam reservados para questões específicas. Segunda-feira, por exemplo, era o dia para quem estava com problemas financeiros ou tinha algum sonho relacionado a dinheiro, como abrir um negócio. As terças-feiras eram dedicadas às sessões de descarrego (embora, na minha experiência, isso também ocorresse bastante às sextas-feiras, um dia mais cheio). E quinta-feira era o dia da chamada “Terapia do Amor”, um culto para quem estivesse buscando um amor ou quisesse resolver problemas conjugais. Sábado tinha o “Jejum dos Impossíveis” de manhã, cuja pauta parecia mais variada, e à noite havia o encontro do “Grupo Jovem” (ou “Força Jovem”, o seu nome oficial), o qual frequentei muitas vezes para tentar me aproximar dos fiéis mais jovens, que eram os mais receosos de aceitar a minha presença. Seguindo este esquema, que mais parecia um “pronto-socorro espiritual”, a Igreja Universal buscava atender de maneira eficiente aos “interesses e demandas da clientela, majoritariamente pobre e pródiga em demandar soluções mágicas” (MARIANO, 1999: p. 58).

A cada semana, os cultos variavam os tópicos a serem discutidos, sempre repletos de simbolismos que evocavam uma eterna batalha contra o Mal, representado na imagem do Diabo. Folhetos eram distribuídos com as mais diversas convocações em dias temáticos: “Pacto dos Conquistadores”; Sexta-Feira da Batalha”; Quarta-Feira na Noite da Salvação”; “Domingo da Concordância”, etc. Assim, os fiéis sempre tinham algum assunto ou tópico diferente para pensar a respeito e os cultos não se tornavam repetitivos, mantendo certo dinamismo.

Certa vez, ocorreu a “Sexta-Feira do Desmanche – A Libertação das 7 Influências Malignas” (Figura 2). Por 7 semanas, os fiéis precisavam vir ao culto para serem ungidos com o “banho do desmanche e os elementos bíblicos”, composto por óleo, sal, sangue de cordeiro, perfume e água. A cada semana, uma das 7 influências malignas seria combatida, que eram, em ordem: por maldição hereditária; pela participação direta ou indireta na casa de encostos; trabalhos ou despachos; por maldade dos encostos; por envolvimento com pessoas que praticam feitiçarias; por comidas sacrificadas a ídolos; e por rejeitarem a Cristo. É possível notar nestes temas a serem combatidos a alusão a temas de religiões afro-brasileiras. De fato, estas religiões eram abertamente, e sem pudor, relacionadas ao Diabo e a tudo de errado que acontecia na vida

das pessoas. Se a pessoa havia visitado algum “terreiro” ou passado por algum “pai-de-santo” – termos utilizados pelos pastores –, ela teria adquirido algum encosto, o problema que estava atrapalhando a sua vida. Era a Pombagira, o Erê, o Exú, todas manifestações de um espírito maligno, que diziam ter entrado na pessoa justamente nos momentos em que ela teve contato com essas religiões. Tudo ocorrendo de forma similar ao encontrado por Ronaldo de Almeida (2009) em sua pesquisa etnográfica na Igreja Universal durante os anos 1990. E, como o mesmo autor reconhece, ao mesmo tempo em que a própria IURD se apropria de elementos das religiões afro-brasileiras, ela oferece “coisas semelhantes às afrorreligiões no interior da matriz cristã” (ALMEIDA, 2008), ainda que invertendo e dando novos significados aos seus simbolismos.

Figura 2: Folheto sobre a “A Libertação das 7 Influências Malignas”. Ao lado, um espaço para destacar uma destas influências a cada culto de sexta-feira.

Figura 3: Folheto em formato de escudo para a “Sexta-Feira da Batalha”. Alusão à eterna guerra do Bem contra o Mal praticada pelos fiéis.

Uma característica curiosa na Igreja Universal era em relação aos pastores. De início, o que logo chamava a atenção era a pouca instrução formal dos mesmos, cometendo inúmeros erros de português em seus cultos. Geralmente, havia dois pastores durante o culto, mas um era o principal, que realmente comandava a celebração, enquanto o outro servia mais de auxiliar. No começo, quando comecei a frequentar o templo de Piraporinha, havia o pastor Luís (o principal) e o pastor Vagner. O pastor Luís mostrou-se muito solícito, deu a permissão para que eu realizasse a minha pesquisa no local, apenas com a condição de que eu não entrevistasse as pessoas dentro do templo, por se tratar de um local sagrado, e porque eles teriam tido “problemas no passado com outros pesquisadores”.

Após alguns meses de pesquisa, contudo, eis a minha surpresa quando vou ao culto e encontro outra pessoa, o pastor José, ministrando o culto. A princípio, achei que era temporário, mas fui informado por uma das fiéis, Fátima⁴², de que o pastor Luís havia sido transferido para outro templo, e que isso era comum na Igreja Universal. De acordo com ela, os pastores ficavam no templo, geralmente, por cerca de 6 meses, embora o pastor Luís tivesse ficado mais tempo

⁴² Todos os nomes dos entrevistados foram trocados para proteger sua privacidade.

que o comum, quase 2 anos. Isso seria para que os fiéis não se apegassem ao pastor, e buscassem “uma ligação com Deus, não com o homem”. Mais uma vez, fui conversar com o pastor para explicar o motivo de minha frequência e que, apesar de tentar fornecer outro significado divino para a minha visita ao templo – na esperança de que eu me convertesse – também concedeu a permissão para que eu continuasse a minha pesquisa. Posteriormente, em fevereiro de 2015, após haver terminado a pesquisa empírica e ir apenas para visitar o templo e rever alguns fiéis, já haviam transferido o pastor José também para outro templo, assumindo outro em seu lugar.

Outro aspecto facilmente identificável desde as primeiras idas ao templo – e algo notório da Igreja Universal – é a insistência pelo dízimo e por ofertas. O dízimo, como o nome diz, seria, em tese, 10% do salário do fiel que deveria ser doado à igreja, para ajudar com seus custos e no trabalho de evangelização. A oferta, por outro lado, seria algo dado “de fé”, ou “de coração”, e por motivos diferentes, seja para pegar um jornal da *Folha Universal*, seja para receber a unção do pastor. A estratégia consistia sempre em chamar para a frente quem pudesse ofertar um valor alto, como R\$100,00, e depois ir chamando progressivamente quem pudesse dar R\$50,00, R\$20,00, R\$10,00, qualquer valor, e até chamar todo mundo que, apesar de não ofertar nada, prometia doar quando pudesse. Desta forma agressiva, a IURD e Edir Macedo conseguiram arrecadar fundos suficientes para grandes obras e para o que deve ser o seu maior empreendimento: a construção do Templo de Salomão.

Inaugurado no dia 31 de julho de 2014 com muita pompa – e controvérsia –, com a presença da presidente Dilma Rousseff, o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, e o prefeito da capital de São Paulo, Fernando Haddad, o Templo de Salomão foi um megaempreendimento construído em um complexo de 74 mil m² em alusão ao templo original que teria existido em torno do século 11 a.C. e com pedras trazidas diretamente de Israel. O seu custo estimado foi de R\$ 680 milhões⁴³, em grande parte financiado graças aos esforços de fiéis que contribuíram para a sua construção. Hoje, o Templo de Salomão abriga a sede mundial da Igreja Universal, além dos aposentos de seu líder, Edir Macedo, que, de acordo com uma reportagem, ainda contaria com uma sala de cinema, um salão de jogos, uma piscina, uma academia e até uma quadra esportiva fechada⁴⁴.

Quando comecei a frequentar a Igreja Universal para a pesquisa, o Templo de Salomão estava prestes a ser inaugurado, e era o assunto do momento. Ao mesmo tempo, visitas ao

⁴³ Fonte: G1.globo.com, 31 jul. 2014.

⁴⁴ Fonte: Diário do Centro do Mundo, 04 ago. 2014.

templo em agosto só eram permitidas àqueles que agendassem (pelo menos de acordo com os pastores) e obtivessem uma pulseira para entrar – da mesma forma que é feito em grandes eventos e casas de show (embora houvesse seguranças distribuindo pulseiras na entrada para quem quisesse ser admitido). Assim, não desperdicei a oportunidade de agendar minha visita para conhecê-lo melhor. No dia da visita, 29 de agosto de 2014, uma sexta-feira, era um culto comum, no qual muitos fiéis davam seus relatos de milagres alcançados depois da visita ao Templo. O local, com, supostamente, uma capacidade para 10 mil pessoas sentadas, estava lotado. E apesar da pretensão de possuir uma aura sagrada, lembrava mais o cinema de um shopping de luxo, um palco de espetáculo.

Em tempo, fui informado de que o culto de domingo seria ministrado pelo próprio Edir Macedo, então obtive uma pulseira para retornar dois dias depois. Mais uma vez, o local estava tão lotado que muitas pessoas – eu inclusive – tiveram que ficar de pé, o que sugere que havia um número superior a 10 mil pessoas presentes. Edir Macedo, com uma vistosa barba grisalha e um *kipá*⁴⁵, entrou e passou grande parte do tempo explicando sobre a importância das ofertas, pois “Deus nos dá muito, mas também gosta de receber, e quanto mais damos, mais recebemos”. Com certo carisma, chegou a zombar de seus detratores. Lembrou que já o chamaram de “bandido”, “ladrão”, mas que ninguém nunca ouviu alguém o chamar de “fracassado”, pregando a relação com Deus para o sucesso pessoal, um retrato típico da Teologia da Prosperidade. Por fim, infelizmente, evitou tratar de forma direta do assunto política, apesar da campanha eleitoral estar em plena atividade. Era um sinal de qual seria a postura da igreja para o resto da campanha, ao menos para a disputa presidencial.

1.2.1 O Partido Republicano Brasileiro (PRB)

O atual Partido Republicano Brasileiro (PRB) foi organizado como legenda política a partir de 2003 e obteve o seu registro no TSE em 2005 sob o nome original de Partido Municipalista Renovador (PMR). Apenas no ano seguinte, por meio da Resolução/TSE nº 22.167, o partido mudou o nome para PRB. De acordo com Tadvald (2010), a validação da legenda foi obtida com 612 mil assinaturas, a grande maioria obtida em templos da Igreja Universal, de forma a estabelecer o seu próprio partido, apesar de evitar uma imagem de ligação

⁴⁵ *Kipá* é uma espécie de boina utilizada comumente na religião judaica.

explícita entre os dois. Em 2005, o partido atrai para os seus quadros José Alencar, vice-presidente de Lula, após a sua saída do PL pelo incômodo com os escândalos de corrupção envolvendo este partido. Apesar de ser católico, Alencar se filia ao novo partido ao aprovar a sua “marca cristã”, rejeitando o estigma de ser um partido evangélico.⁴⁶ Em 2006, em seu primeiro processo eleitoral, o partido fez parte da coligação que reelegeu Lula e conseguiu eleger um deputado federal, o pastor Léo Vivas, do Rio de Janeiro. Em 2010, o PRB conseguiu eleger 8 deputados federais – todos ligados à igreja – e 17 estaduais, além da eleição, no estado do Rio de Janeiro, do senador Marcelo Crivella, que, após as eleições, aceitou a indicação para o Ministério da Pesca, assumindo em seu lugar o suplente, Eduardo Lopes (PRB). Em 2011, após a morte de José Alencar, então seu presidente de honra, assume como presidente nacional Marcos Pereira, bispo licenciado da IURD e com passagem pela Record, que amplia o número de pastores e ex-pastores na legenda, e lança como objetivo dobrar o número de prefeitos e vereadores em 2012 – dos 54 e 780 eleitos em 2008, respectivamente – além da ambição de eleger ao menos 15 deputados federais em 2014⁴⁷.

Com relação à Câmara dos Deputados, o PRB conseguiu superar suas ambições. A legenda, misturando candidaturas de membros da Universal com nomes famosos do entretenimento, esportes e da TV, como Sérgio Reis, Acelino Popó Freitas e Celso Russomanno⁴⁸, conseguiu eleger 21 deputados federais, mais que o dobro do que em 2010, auxiliada pela votação expressiva no estado de São Paulo de Russomanno, o deputado mais votado do país. Em maio de 2016, após trocas de partidos por parte dos congressistas, o partido possuía 22 deputados federais em exercício⁴⁹.

O PRB é uma legenda sem muito rigor para escolher suas alianças políticas. Por um lado, no governo federal, o partido participou da base aliada dos governos Lula e Dilma; por outro, no estado de São Paulo, faz parte do governo do PSDB. Em 2014, seguiu a mesma lógica: fez parte da coligação para a reeleição tanto de Dilma para presidente quanto de Alckmin para governador de São Paulo. Assim, é possível dizer que o partido busca estar sempre próximo do poder. E por mais que muitos de seus políticos sejam evangélicos e, principalmente, ligados à Igreja Universal, seus representantes no Congresso Nacional não costumam tomar a iniciativa

⁴⁶ Fonte: Folha de S. Paulo, 30 set. 2005.

⁴⁷ Fonte: Último Segundo, 15 jul. 2012.

⁴⁸ Acelino Popó Freitas chegou a ser deputado federal pelo estado da Bahia na legislatura 2011-2015, após assumir como suplente, mas não conseguiu a reeleição em 2014, obtendo 23.017 votos. Sérgio Reis é atual deputado da legislatura 2015-2019 ao lado de Celso Russomanno (Fonte: TSE).

⁴⁹ Fonte: Portal da Câmara dos Deputados

de propor projetos de lei de cunho moral, embora, geralmente, os apoiem. Por outro lado, agem vigorosamente na defesa da igreja e de seus interesses, como mostra a Proposta de Emenda Constitucional (PEC 133/2015), de autoria do então senador Marcelo Crivella, que isenta templos religiosos do pagamento do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano).

Apesar do foco no Legislativo, por ser o terreno onde a Igreja Universal pode atuar com mais eficácia na defesa de seus interesses, tanto em razão da maior dificuldade de eleger candidatos em eleições majoritárias quanto pela possibilidade de agir – para fomentar ou bloquear, a formulação de leis que a afetem diretamente – o PRB também busca espaço em cargos no Executivo. Em 2012, destaca-se a candidatura de Celso Russomanno para a prefeitura de São Paulo, que, por quase toda a campanha do 1º turno, ameaçou a hegemonia de PT e PSDB na capital paulista. Porém, no final da campanha, sua candidatura perdeu força, e o candidato do PRB ficou em terceiro lugar com 21,60% dos votos, atrás de José Serra (PSDB), com 30,75%, e Fernando Haddad (PT), com 28,98%⁵⁰. Em 2014, outra candidatura do PRB de destaque para o Poder Executivo foi de Marcelo Crivella na disputa pelo governo do estado do Rio de Janeiro. Após uma disputa apertada com Anthony Garotinho (PR) na disputa pelo 2º lugar, Crivella avançou ao 2º turno contra Luiz Fernando Pezão (PMDB), perdendo por 55,78% dos votos contra 44,22%⁵¹.

Em ambas as campanhas, a Igreja Universal do Reino de Deus agiu em favor dos candidatos, muitas vezes contra a legislação eleitoral. Em São Paulo, de acordo com reportagem apurada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, o principal templo da IURD àquela época, na Av. João Dias, em Santo Amaro, era utilizado informalmente como comitê de campanha. Além disso, o candidato contava com o trabalho voluntário de integrantes da igreja, muitos sendo membros da Força Jovem, grupo da juventude da Igreja Universal⁵². Uma das entrevistadas na pesquisa, Gabriela, que apresentarei mais adiante, admitiu que a igreja recrutava jovens para a campanha, além de recomendar o voto no candidato:

“[...] A igreja apoiava ele. Até trabalhei, segurando bandeira dele. Na época em que eu estava desempregada, aí ele, as igrejas estavam pegando pessoas que estavam desempregadas pra trabalhar pro partido do Russomanno, entendeu? Aí eu trabalhei pra

⁵⁰ Fonte: TSE

⁵¹ *Idem*.

⁵² Fonte: Folha de S. Paulo, 09 set. 2012.

ele, e votei nele, porque eu também senti sinceridade nele. Que pena que ele não ganhou, né?” (Gabriela, 25 anos, ajudante geral)

No Rio de Janeiro, a campanha em favor de Marcelo Crivella por parte da Igreja Universal era ainda mais explícita, o que causou diversos problemas com a justiça. A juíza Daniela Assumpção de Souza, do Tribunal Regional Eleitoral (TRE), proibiu a IURD de realizar cultos religiosos pedindo votos para o candidato, estendendo a proibição às emissoras de televisão Record e CNT de “veicular propaganda dissimulada nos cultos da Igreja, que fazem parte de sua programação regular”, estabelecendo uma multa por desobediência de R\$ 500 mil por dia⁵³. O TRE também apreendeu material de campanha – 10 caixas com 10.000 folhetos de campanha de Crivella cada uma – e cadastros de eleitores dentro de um templo da Universal em Duque de Caxias, que acabou lacrado por decisão judicial⁵⁴.

Apesar de ser um político do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella era bastante conhecido entre os entrevistados nesta pesquisa. Sobrinho de Edir Macedo e uma das figuras de maior destaque da Igreja Universal do Reino de Deus, o bispo, cantor gospel e senador da República era citado com frequência como um dos políticos que os fiéis mais admiravam. Em particular, muitos mencionavam a Fazenda Nova Canaã, um projeto idealizado por Crivella em 1999 de uma fazenda “inspirada no modelo de um kibutz israelense para produção agropecuária coletiva no semiárido”. Assim, para comprar a fazenda de 450 hectares, o político lançou o CD *Mensageiro da Solidariedade*, que vendeu mais de 1,3 milhão de cópias, e reverteu o dinheiro para a compra das terras em Irecê (BA). Na fazenda, são produzidas frutas e hortaliças que servem a merenda de mais de 400 crianças, que recebem ensino religioso e aulas do currículo regular no local⁵⁵. Diferentes fiéis entrevistados por mim tinham prazer em contar do projeto, seja para falar de programas sociais bem-sucedidos, seja quando falavam de políticos que admiravam:

“Eu acho assim, a gente tem um poder maior, que é a política. Tem coisas assim, que eles se reúnem, eles elaboram, é uma coisa que vai ajudar o povo. Que nem o Bolsa Família, a Fazenda Canaã (do) bispo Marcelo Crivella. [...] Que nem o Bilhete Único, da Marta. São coisas assim que ajudam bastante, influencia bastante, coisas assim, para o povo brasileiro.” (Heloísa, 30 anos, auxiliar de operações)

⁵³ Fonte: G1.globo.com, 16 out. 2014.

⁵⁴ Fonte: Folha de S. Paulo, 25 out. 2014.

⁵⁵ Fonte: IstoÉ, 10 mai. 2013.

- Político? Político que... Crivella, Marcelo Crivella. Poxa, ele quando foi ministro da Pesca fez muita coisa lá. Eu não recordo, como eu falei para você, não recordo, mas eu já li muitas coisas, mas para te falar assim, o que ele fez, poxa, esse projeto foi dele, só se eu ler tudinho de novo para te falar, mas ele fez muita coisa. Cimento Social que ele ajudou, a Fazenda Canaã, essa daí posso te falar, essa Fazenda Canaã foi com recurso dele mesmo, não foi com ajuda de Governo, de nada, foi dele mesmo, ele pegava o salário dele e fazia lá no sertão da Bahia lá, Fazenda Canaã.

- *O que é essa...?*

- Fazenda Canaã é um... é escola, eles plantam, eles colhem, lá no Sertão não chovia, ele fez... ele fez irrigação em Israel, ele trouxe de Israel uma ideia que é para irrigar o solo, ele furou os poços e com gotinha, então, aquela mangueirona lá e só uma gotinha para plantação, então... onde não nascia nada, ele tem a plantação lá deles lá, tudo, verdura, frutas... Então, para você ver, com o dinheiro deles, com o dinheiro dele, até hoje ele, você vê, pode abrir a página dele aí, ele mostra isso aí, entendeu? Aí depois disso ele fez Cimento Social, levantar as casas, ajudar os humildes lá a levantar a casa e por aí vai. (Fernando, 44 anos, motorista particular).

A Fazenda Nova Canaã, entretanto, não ficou isenta de polêmicas. Em 2013, época em que Marcelo Crivella era o ministro da Pesca durante o 1º governo de Dilma Rousseff, aproveitando-se do crescimento do mercado de tilápia na Bahia, Crivella preparou a sua ONG para, também, criar peixes. Segundo apuração da revista *IstoÉ*, com o apoio da Superintendência do Ministério da Pesca na Bahia e a Secretaria Estadual da Agricultura, a fazenda buscou iniciar um criadouro de tilápias. No dia 23 de março de 2013, o então ministro se reuniu com representantes do Bahia Pesca, órgão do Estado, para discutir a captação de recursos federais para instalar 8 tanques-rede na fazenda⁵⁶. No dia 20 de maio, após a denúncia da revista, a Comissão de Ética da Presidência da República abriu investigação do uso da estrutura do Ministério da Pesca em benefício da ONG Fazenda Nova Canaã⁵⁷. Em junho, outra denúncia: o jornal *O Globo* denunciou que Crivella utilizava o cargo de ministro para atrair dirigentes de entidades sindicais de pescadores a se integrarem ao seu partido, o PRB⁵⁸. Em

⁵⁶ *Ibidem*.

⁵⁷ Fonte: *Idem*, 24 mai. 2013.

⁵⁸ Fonte: *O Globo*, 14 jun. 2013.

setembro, todavia, a Comissão de Ética arquivou o pedido de análise da conduta do bispo à frente do ministério⁵⁹.

Seu outro projeto social citado, “Cimento Social”, também esteve rodeado de polêmicas. Iniciado a partir de 2007, contando com verbas federais, trata-se de um programa de reformas habitacionais em comunidades mais pobres. Porém, já em seu início, foi contestado por moradores, pois a lista de beneficiários era organizada pela Igreja Universal do Reino de Deus. Em 2008, criticado por ser desenvolvido às vésperas das eleições, visando apenas beneficiar dar publicidade ao então candidato à prefeitura Marcelo Crivella, o projeto foi embargado por ordem judicial, suspendendo o repasse de verba federal. Sem dinheiro público, Crivella passou a utilizar recursos próprios para continuar o programa. A partir de 2012, a prefeitura do Rio de Janeiro incorporou o projeto ao seu programa de governo. Contudo, especialistas entrevistados pelo jornal *Extra* questionaram a sua eficácia, sugerindo que a construção de novos conjuntos habitacionais, como ocorre no “Minha Casa, Minha Vida”, seria mais eficaz. Um deles, o arquiteto e urbanista Canagê Vilhena considerou o projeto apenas de “cunho publicitário e político”⁶⁰.

Em outros lugares, embora o PRB não tenha atingido o seu objetivo em 2012 de dobrar o número de prefeitos e vereadores, houve uma expansão considerável, passando para 79 prefeitos e 1.204 vereadores pelo Brasil. Para 2016, no entanto, o partido lançou uma meta ainda mais ousada: eleger 300 prefeitos e 3.000 vereadores em todo o país⁶¹. Um deles sendo o próprio Marcelo Crivella, no Rio de Janeiro. A derrota do bispo da Igreja Universal em 2014 na disputa pelo governo do Estado do Rio de Janeiro foi lamentada pelos fiéis durante a pesquisa. Incluído em um grupo de conversa dos participantes do Força Jovem em Piraporinha, no aplicativo Whatsapp, tive acesso a uma gravação de áudio que um dos fiéis compartilhou, vinda do Rio de Janeiro, acusando o candidato vencedor, Luiz Fernando Pezão (PMDB) de ter fraudado as eleições, e que eles (provavelmente pessoas da campanha de Crivella) iriam entrar com recurso para anular o pleito. Em fevereiro de 2016, Crivella ensaiou uma saída do PRB para ingressar no PSB, visando a disputa pela prefeitura do Rio de Janeiro⁶²; porém, a mudança de partido, no fim, não se concretizou. Assim, como candidato do PRB, Crivella disputou as eleições municipais de 2016, liderando por todo o 1º turno, e no 2º turno, obteve 59,36% dos

⁵⁹ Fonte: Veja, 23 set. 2013

⁶⁰ Fonte: Extra, 01 abr. 2012.

⁶¹ Fonte: R7 Notícias, 28 jan. 2016.

⁶² Fonte: Estado de S. Paulo, 24 fev. 2016.

votos contra 40,64% de Marcelo Freixo (PSOL), vencendo a disputa e tornando-se o prefeito-eleito do Rio de Janeiro⁶³. Mais do que uma grande vitória pessoal do sobrinho de Edir Macedo, trata-se, certamente, da maior conquista eleitoral da Igreja Universal do Reino de Deus.

Embora o PRB seja o braço político da Igreja Universal do Reino de Deus, parece que a igreja não pretende parar por aí. Em fevereiro de 2015, em uma visita ao templo de Piraporinha, após ter encerrado o período principal da pesquisa de campo, um dos pastores lembrou ao final do culto de que devolvessem assinadas as fichas preenchidas de registro eleitoral. Sem saber do que se tratava, fui perguntar ao mesmo a respeito, e ele me entregou fichas de assinaturas para a criação de não um, mas dois novos partidos políticos: o Partido Alternativo dos Trabalhadores (PAT) e o Partido Renovador da República (PRR). Perguntei se eram partidos ligados à igreja, e o pastor confirmou que sim. De fato, ao acessar o site do PAT, curiosamente, uma das imagens na capa é do presidente da futura legenda, Expedito Bandeira, na sede do PRB e com dirigentes deste, incluindo o Presidente Nacional do partido, Marcos Pereira⁶⁴.

1.2.2 Força Jovem Universal

Além do PRB, outro importante braço da Igreja Universal do Reino de Deus que merece destaque, e já mencionado anteriormente, é a Força Jovem Universal. No templo de Piraporinha, onde a pesquisa foi realizada, os encontros do coletivo – mais chamados pelos participantes de Grupo Jovem – eram realizados aos sábados à noite. No início, este era um dia no qual eu não realizava visitas ao templo, já que os cultos eram de manhã, e não eram um dos principais. Todavia, logo percebi a dificuldade de conseguir conversar com os mais jovens; talvez por insegurança de conversar sobre política, ou medo de falar demais e expor a igreja a um pesquisador estranho. De qualquer forma, foi o grupo da igreja o qual foi mais resistente a conversar comigo. Sendo assim, para tentar me aproximar deles e diminuir sua resistência quanto a minha presença, frequentar os encontros da Força Jovem passou a ser fundamental.

O antropólogo Carlos Gutierrez definiu e descreveu a Força Jovem da seguinte forma:

⁶³ Fonte: TSE

⁶⁴ Fonte: pat.org.br. Acesso em: 10 mai. 2016.

“O grupo jovem da IURD é subdividido em Dose Mais Forte, oferecendo palestras e encaminhando dependentes químicos a casas de tratamento; Jovem Nota 10, com curso pré-vestibular, reforço escolar, idiomas, informática, ensino profissionalizante e realização de vestibulares sociais, com concessão de bolsas aos membros e o FJUNI, que visa aprimorar a qualidade acadêmica dos jovens universitários, promovendo grupos de estudos, palestras motivacionais, orientações vocacionais, contando ainda com uma Central de Estágios. Além disso, o Força Jovem também conta com atividades lúdicas como, por exemplo, dança, teatro, artes marciais, oficina de música, etc.” (GUTIERREZ, 2015a: p.5)

No templo visitado para a pesquisa, naquele momento, o Grupo Jovem estava focado apenas em atividades lúdicas, como dança e jogos, para entreter os jovens e tentar atrair outros para a igreja, além de envolvê-los na política, fazendo competições de quem conseguia mais votos para os candidatos apoiados pela IURD. Porém, naquele momento, além das eleições, havia o Dia das Crianças, e os pastores, durante os cultos regulares, conclamavam os fiéis a doarem brinquedos, pois os levariam para crianças carentes. Em grande parte dessas atividades, a Força Jovem era o principal grupo de mobilização da igreja. Portanto, apenas tive conhecimento de outras atividades realizadas em outros momentos pelos relatos dos jovens, como o “Anjos da Noite”. As atividades beneficentes serviam tanto para fazer o bem e envolver os jovens na caridade quanto para estabelecer uma imagem melhor para os evangélicos, e em particular para a Igreja Universal.

No templo de Piraporinha, não tive conhecimento de auxílio nos estudos. Contudo, de acordo com Gutierrez (2015b), são realizados vestibulares sociais aos jovens, isentando-os de matrícula e fornecendo bolsas de até 50%, fazendo com que muitos deles conseguissem ingressar no ensino superior, a maior parte em cursos como administração, direito, marketing, etc. Os que se destacassem nas atividades da Força Jovem, já formados, preferencialmente, ou em vias de se formar, eram convidados, muitas vezes, a participar da Juventude do PRB. O convite surge, em alguns casos, diretamente ao jovem em ocasiões informais, ou em reuniões fechadas para os “líderes da juventude”. Assim, o Força Jovem acaba sendo uma porta de entrada para o PRB. Não parece coincidência que o único entrevistado a citar o partido como o seu preferido (como se verá mais adiante) foi um dos participantes do Força Jovem.

Após uma série de palestras na sede do PRB, os jovens são convidados a fazer um curso de Formação Política da Fundação Republicana Brasileira, órgão responsável pela formação de

quadros no partido e para “partilhar o conhecimento em torno do republicanismo e fomentar a cidadania” (GUTIERREZ, 2015a: p. 9). O curso funcionaria da seguinte forma:

“A atividade é ministrada pelo cientista político Leonardo Barreto (doutor em Ciência Política pela UNB – Universidade de Brasília) para cerca de cem pessoas, por ocasião, e cada aula dura cerca de quatro horas. O conteúdo abordado no curso é extenso e aborda noções de cidadania, democracia, estrutura eleitoral, ética, militância e políticas públicas. Além disso, também conta com sugestões bibliográficas variadas como, por exemplo, Hobbes, Montesquieu, Weber, etc.

A cada aula são realizadas avaliações de múltipla escolha e debates com os participantes. São criadas situações e a turma é dividida em grupos, a fim de opinarem sobre as questões colocadas e elaborar soluções. O caso mais emblemático era em relação à “epidemia de crack” e como enfrentá-la dentro do Estado democrático. Ao final do curso, obtendo média maior de cinco nas avaliações e frequência superior a 75%, o militante obtém um certificado em Política. Após essa etapa, cada membro pode participar mais ativamente do partido, coordenando núcleos, frequentando reuniões e, muitas vezes, compondo parte do gabinete de vereadores e deputados.” (GUTIERREZ, 2015a: p. 9-10)

De fato, como nota o antropólogo, o discurso das principais lideranças do partido conclama o engajamento de jovens na política. Assim, eles são chamados para participar de passeatas, audiências públicas, o desenvolvimento do PRB em bairros periféricos, etc (GUTIERREZ, 2015b). O mesmo foi feito no templo de Piraporinha – embora não em nome do PRB, mas pela igreja e por meio do Grupo Jovem – fazendo competições entre garotos e garotas para ver quem conseguia cadastrar mais eleitores em potencial para os candidatos da igreja.

Apesar das atividades da Força Jovem Universal se misturarem muitas vezes com ações do PRB, a Igreja Universal se preocupa em passar uma imagem de que há uma separação entre o partido e a igreja. Gutierrez (2015b) relata que, em vídeos de divulgação do partido, há imagens de passeatas e manifestações realizadas pela Força Jovem, mas apresentadas nos vídeos como parte do PRB Jovem, sem qualquer menção à IURD. Há uma confluência inegável de projetos entre os dois; contudo, no momento de divulgação desses atos, são apresentados como separados.

Em 2012, a Força Jovem Universal realizou a campanha “Crack, tire essa pedra do seu caminho” em todo o país, buscando atingir jovens e adultos. Membros da Força Jovem foram até Brasília e realizaram um ato na Esplanada dos Ministérios, colocando 513 pedras pintadas de branco – em alusão ao crack – representando o número de deputados no Congresso Nacional. O ato repercutiu em diferentes veículos (*G1*⁶⁵, *Estado de S. Paulo*⁶⁶, *Último Segundo*⁶⁷). Nenhum, todavia, fez a conexão entre o grupo e a Igreja Universal.

É preciso ressaltar, como Gutierrez (2015b) lembra, que, na época, o nome oficial do grupo era “Força Jovem Brasil”, sem alusão clara à sua ligação com a IURD. A mudança de nome surgiu após intensos debates dentro da instituição: aqueles contrários à troca argumentavam que o programa não deveria ter nenhum vínculo com a religião, ser laico, enquanto os favoráveis ressaltavam a importância de tornar pública as ações da Igreja Universal e que o novo nome não implicaria, necessariamente, uma associação com a mesma. Abre-se, então, um dilema complexo para o grupo: ao mesmo tempo em que ele é indissociável da igreja, ele busca se apresentar ao público como aberto a todos e a serviço da sociedade, independentemente do pertencimento religioso. Essa tentativa de tornar suas ações públicas – buscando envolver diferentes atores da sociedade sem alardear o seu envolvimento – convém para os anseios da Igreja Universal, que almeja com isso ocupar cada vez mais os espaços públicos e, em especial, a política.

1.3 A escolha de Piraporinha

Antes de começar o trabalho, tendo definidas a intenção da pesquisa e a denominação a ser estudada, era preciso encontrar um local que cumprisse as condições necessárias para a realização do trabalho: um templo nem muito grande, que dificultasse o contato mais próximo com os fiéis, nem muito pequeno, que limitasse a variedade de frequentadores; precisaria ser localizado na periferia, para que pudesse trabalhar com um eleitorado que representasse a nova classe trabalhadora e, portanto, próximo da base lulista; e uma igreja de bairro, para que seus frequentadores morassem na região, e não espalhados pela cidade.

⁶⁵ Fonte: *G1.globo.com*, 01 fev. 2012.

⁶⁶ Fonte: *Estado de S. Paulo*, 01 fev. 2012.

⁶⁷ Fonte: *Último Segundo*, 01 fev. 2012

Havia diversas dificuldades para cumprir essas condições. Primeiro, a Igreja Universal tem a prática de construir grandes templos em avenidas de larga movimentação, sendo o caso mais exemplar o Templo de Salomão, já referido. Isso diminui a quantidade de igrejas de tamanho médio ou de bairro. Ao mesmo tempo, a Igreja Universal, de acordo com o pesquisador Edin Abumanssur, tem focado os seus esforços em um público em ascensão social⁶⁸, o que poderia significar um distanciamento de estratos sociais mais baixos e, por consequência, mais lulistas.

Outro fator a ser considerado, era a possibilidade de obter o contato de alguém de dentro da igreja, o que facilitaria a entrada. Após algumas tentativas frustradas, com diferentes informantes, de nos levarem às igrejas que frequentavam, uma pessoa conhecida indicou que a sua prima frequentava a Igreja Universal no bairro de Piraporinha, na zona sul de São Paulo, e que ela estaria disposta a nos levar para conhecer o templo. Perguntei, então, sobre o tamanho do templo, o número médio de frequentadores, e a sua localização. O templo não ficava exatamente em uma avenida movimentada, nem era de grandes proporções, apesar de ser o maior da rua. Nos dias principais de culto, quartas, sextas e domingos, a frequência média era de 70 a 80 fiéis, um número nem muito grande nem muito pequeno, como o desejado para a realização da pesquisa. Bastava, por fim, conferir se o bairro de Piraporinha era tradicionalmente lulista, o que foi confirmado com a votação da zona eleitoral⁶⁹ na qual o bairro se insere nas eleições de 2006 e 2010, em comparação com o voto na cidade de São Paulo e com o Brasil, como pode ser visto nas Tabelas 1 e 2.

⁶⁸ Entrevista para a Exame em 10 ago. 2014.

⁶⁹ O bairro de Piraporinha pertence à 372ª Zona Eleitoral – que também leva o nome de Piraporinha – no município de São Paulo.

Tabela 1: Votação para presidente nas eleições de 2006⁷⁰

	1º turno	1º turno	1º turno	2º turno	2º turno	2º turno
	Piraporinha	São Paulo (capital)	Brasil	Piraporinha	São Paulo (capital)	Brasil
Lula (PT)	52,63%	35,70%	48,60%	65,85%	45,57%	60,82%
Alckmin (PSDB)	37,14%	53,87%	41,63%	34,14%	54,42%	39,17%
Heloísa (PSOL)	8,78%	8,40%	6,85%			
Cristovam (PDT)	1,18%	1,80%	2,64%			

Tabela 2: Votação para presidente nas eleições de 2010⁷¹

	1º turno	1º turno	1º turno	2º turno	2º turno	2º turno
	Piraporinha	São Paulo (capital)	Brasil	Piraporinha	São Paulo (capital)	Brasil
Dilma (PT)	59,20%	38,14%	46,91%	69,58%	46,35%	56,05%
Serra (PSDB)	21,74%	40,32%	32,61%	30,41%	53,64%	43,95%
Marina (PV)	17,85%	20,09%	19,33%			
Plínio (PSOL)	0,90%	1,17%	0,87%			

A votação expressiva da candidata Dilma Rousseff nesta zona eleitoral, em comparação tanto com a cidade de São Paulo quanto com o país como um todo, evidencia haver ali forte apoio à candidata lulista. Olhando para as eleições municipais de 2008 e 2012, esta última na qual ocorreu, mais uma vez, a polarização entre PT e PSDB, foi possível constatar de forma reiterada a força do PT na região, como se vê nas Tabelas 3 e 4, seja pela identificação com o partido, personificado por Lula, seja pela memória de gestões petistas anteriores, em particular a de Marta Suplicy, muito citada de forma positiva pelos entrevistados como alguém que trouxe diversas melhorias para o bairro.

⁷⁰ Fonte: TSE

⁷¹ *Idem.*

Tabela 3: Votação para prefeito nas eleições de 2008⁷²

	1º turno	1º turno	2º turno	2º turno
	Piraporinha ⁷³	São Paulo (capital)	Piraporinha ⁷⁴	São Paulo (capital)
Marta (PT)	60,00%	32,79%	68,00%	39,28%
Kassab (DEM)	21,00%	33,61%	32,00%	60,72%
Alckmin (PSDB)	13,00%	22,48%		
Maluf (PP)		5,91%		

Tabela 4: Votação para prefeito nas eleições de 2012⁷⁵

	1º turno	1º turno	2º turno	2º turno
	Piraporinha	São Paulo (capital)	Piraporinha	São Paulo (capital)
Haddad (PT)	42,31%	28,98%	78,28%	55,57%
Serra (PSDB)	14,19%	30,75%	21,72%	44,43%
Russomanno (PRB)	26,38%	21,60%		
Chalita (PMDB)	12,98%	13,60%		

⁷² *Idem.*⁷³ Os resultados de Piraporinha são o valor aproximado obtido por apuração do portal UOL Eleições.⁷⁴ *Idem.*⁷⁵ Fonte: TSE

Figura 4: Mapa da Divisão Territorial da cidade de São Paulo⁷⁶.

Como a igreja e o bairro cumpriam as condições buscadas para a realização do estudo, no final de julho de 2014, pouco após o início do período de campanha eleitoral, efetuei minha

⁷⁶ Piraporinha é um bairro que se localiza sob a Subprefeitura de M'Boi Mirim, na Zona Sul de São Paulo, entre os distritos de Jardim São Luís e Jardim Ângela. O bairro pertence à 372ª Zona Eleitoral, junto ao Jardim Ângela. Fonte da imagem: Wikipedia

primeira incursão a Piraporinha para conhecer o templo⁷⁷. Ele se localizava numa avenida no interior do bairro, onde o número de igrejas evangélicas rivalizava apenas com o número de bares e salões de beleza, perdendo apenas em quantidade para residências comuns. A partir de então, passei a frequentar o templo e a participar dos cultos de forma constante.

Ao longo da pesquisa, foram realizadas cerca de 30 visitas, com uma média de 2 horas cada (sem contar o tempo do trajeto, que, em média, era de 1h30 para a ida e 1h30 para a volta), ao templo e ao bairro em um período de 5 meses, sendo que a maior parte se concentrou nos meses de setembro e outubro, mais próximos às eleições. Neste período, ocorreram inúmeras conversas com dezenas de fiéis, com os obreiros⁷⁸ e com os pastores. Embora a maioria tenha sido receptiva quanto à minha presença, quando o assunto era política, enquanto alguns até aceitavam falar sobre o tema e responder sobre a intenção de voto sem serem entrevistados e gravados, outros preferiam não comentar. Alguns recusaram sequer a conversar ao saber que se tratava de uma pesquisa, tanta era a desconfiança com alguém de fora. Assim, as inúmeras tentativas e a insistência em quebrar a resistência dos fiéis culminaram em 16 entrevistas em profundidade, gravadas, com duração média de 1h, com 12 fiéis diferentes (quatro entrevistas foram repetidas para esclarecer mudanças no posicionamento do voto). A seleção dos entrevistados utilizou dois métodos: 9 deles com a abordagem direta na igreja, perguntando sobre a possibilidade de realizar uma entrevista com eles; e 3 fiéis com o método “bola-de-neve”, por indicações daqueles que já tinham sido entrevistados. Embora o segundo método tenha sido importante para conseguir mais entrevistas, o primeiro foi crucial para evitar distorções e selecionar perfis de proporção mais equilibrada com os frequentadores da igreja em geral, principalmente de idade e de gênero. Apesar das muitas recusas para entrevistas, as conversas com outros fiéis foram úteis para confirmar se as opiniões e intenções de voto dos entrevistados eram representativas, na sua maior parte, do resto dos membros da igreja.

Ao final, os entrevistados foram 8 mulheres e 4 homens, respeitando proporção próxima à encontrada na igreja, onde as mulheres compunham cerca de 2/3 dos fiéis. O mesmo foi feito quanto à faixa etária, que era mais equilibrada, com um leve predomínio de pessoas de mais idade. Assim, foram selecionados para a entrevista 4 pessoas entre 20 e 30 anos; 4 entre 31 e 50 anos; e mais 4 fiéis acima de 50. O entrevistado mais novo tinha 24, e o mais velho, 78 anos.

⁷⁷ Ver figuras e fotos do templo e do bairro de Piraporinha no Anexo.

⁷⁸ Obreiros são uma espécie de assistentes voluntários do pastor, que ajudam em tarefas diversas durante o culto, como a coleta do dízimo e nas sessões de descarrego. Para ser obreiro, os fiéis precisam passar por um curso de treinamento.

Quase todos tinham renda familiar mensal entre 2 e 5 salários mínimos, um tinha um pouco acima, e uma das entrevistadas tinha entre 1 e 2 salários mínimos.

Apesar da falta de acabamento de todas as residências, o que lhe dá o aspecto típico da moderna favela (ver imagens do Anexo), por dentro, elas eram bem equipadas, quase sempre com TVs grandes de tela plana, além de eletrodomésticos variados, computadores, videogames, entre outros aparelhos eletrônicos. Nenhum dos entrevistados possuía curso superior completo (a maioria sequer possuía o Ensino Médio completo), mas alguns tinham filhos cursando ou já formados em universidades. Nenhum também tinha algum envolvimento com sindicatos ou partidos políticos, compartilhando, majoritariamente, desinteresse pela política.

Capítulo 2 – Os “funcionários da igreja”: a Universal e as eleições para deputado federal e estadual em 2014

Desde o 1º dia da minha ida ao templo, em 25 de julho de 2014, o tema das eleições já era abordado de forma cotidiana pelos pastores no culto. O foco, contudo, manteve-se nas eleições para o Legislativo, em particular para deputados estadual e federal. Os candidatos defendidos pela igreja em Piraporinha eram o pastor Wellington Moura, para deputado estadual, e o bispo Antonio Bulhões, para deputado federal, ambos do Partido Republicano Brasileiro (PRB). Reitera-se o uso dos títulos de “pastor” e “bispo”, que, embora não figurassem no “santinho” (ver Figuras 5 e 6) distribuído por membros da igreja, eram lembrados pelo pastor em Piraporinha toda vez que o assunto era abordado, ora de forma velada, pedindo para que orassem pelo “pastor Wellington” e o “bispo Antonio Bulhões”, ora infringindo abertamente a lei, quando pediam voto diretamente. No caso de Antonio Bulhões, especificamente, um pôster (ver figura 7) logo na entrada da igreja dava detalhes de como entrar em contato com o gabinete do deputado para receber diversos tipos de auxílio, como orientações sobre aposentadoria, rede pública hospitalar, encaminhamento de currículos, etc.

A legislação eleitoral impede que campanhas de candidatos sejam feitas dentro de espaços públicos como o de uma igreja. Sendo assim, na maioria das vezes, o pastor se limitava a clamar para que seus fiéis “orassem” pelos candidatos – artimanha utilizada por diferentes denominações para fazer campanha indireta sem desrespeitar a lei – ou então, alertava a importância de colocar gente da igreja no Congresso para defendê-la de quem quer fechá-la. Além disso, ressaltava-se, com frequência, a importância de votar nas eleições, independentemente das reclamações em relação à política. Era necessário, pregava o pastor, “trazer luz onde só havia trevas” e eles, o “povo da luz”, tinham esse dever. Por fim, o pastor ainda dizia frases como “o diabo se une para colocar as leis dele, então temos que nos unir para barrar”, citando projetos de lei para a legalização da maconha, ou de pornografia ser ensinada na escola.

Figura 5: Frente do “santinho” dos candidatos Wellington Moura e Antonio Bulhões.

CONFIRA SEUS VOTOS

DEPUTADO ESTADUAL
WELLINGTON MOURA 1 0 1 1 1

DEPUTADO FEDERAL
ANTONIO BULHÕES 1 0 1 0

SENADOR

GOVERNADOR

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Assinatura e rubrica do candidato

Figura 6: Verso do “santinho” dos candidatos, indicando seus números na urna, e com o espaço em branco para os cargos de Senador, Governador e Presidente.

Figura 7: Pôster na entrada da igreja sobre o gabinete do dep. Antonio Bulhões e seus serviços prestados.

Apesar do eventual cuidado para não fazer campanha dentro da igreja, com os pedidos de oração ou a distribuição de “santinhos” na saída, do lado de fora da igreja, nem sempre a legislação eleitoral era respeitada. Em alguns momentos, o pastor pedia diretamente aos fiéis para que votassem em seus candidatos. Por vezes, o discurso era de que não bastava votar, mas era necessário convencer vizinhos, colegas de trabalho, familiares, todos em seu círculo social a votarem nestes candidatos. No encontro de sábado, do Grupo Jovem, a obreira chegou até a fazer uma competição entre meninos e meninas para ver quem conseguia mais votos para o pastor Wellington e o bispo Bulhões, entregando a cada grupo um papel cuja meta era de 30 nomes.

Mesmo assim, o episódio mais pitoresco da campanha dentro da igreja só foi ocorrer no domingo a uma semana das eleições. Uma televisão foi colocada na frente do altar da igreja, e o pastor falou que iria mostrar “imagens fortes” para os fiéis. Tratava-se de um vídeo feito por um artista, que circulava pela internet, e que simulava o Templo de Salomão sendo demolido. Após mostrá-lo, o pastor argumentou que aquele era o plano de um promotor, demolir o Templo de Salomão, e que dependia deles para que aquilo não ocorresse. Ele enfatizou, então, que não se importava em quem os fiéis iriam votar para presidente, governador, ou até mesmo senador,

mas queria que todos ali votassem no pastor Wellington e no bispo Antonio Bulhões para deputados estadual e federal, respectivamente. Em seguida, ele acionou os obreiros para distribuírem os “santinhos” para todos os presentes e pediu para que levantassem a mão com o “santinho” para o céu e orassem bem alto, pedindo a Deus para que seus candidatos fossem eleitos.

2.1 “Eles não prometem nada”: a capacidade de mobilização da igreja entre os entrevistados

A estratégia, de fato, funcionava, e os apelos da igreja parecem ter funcionado: entre os 12 entrevistados nesta pesquisa, 10 confirmaram terem votado nos candidatos da igreja, sendo que uma apenas não votou neles porque precisou viajar, e justificou o voto; caso contrário, também teria votado nos dois. Além disso, muitos ainda alegaram terem convencido diferentes familiares e amigos a votarem neles. E, de fato, ambos os candidatos conseguiram se eleger: Wellington Moura foi eleito com 83.479 votos, enquanto Antonio Bulhões obteve 137.939. Em Piraporinha, ou mais especificamente, na 372ª Zona Eleitoral onde o bairro se insere, Wellington Moura obteve 5.873 votos (7,04% do total, o segundo deputado estadual mais votado na região), enquanto Antonio Bulhões recebeu 5.240 votos (3,80% do total, o quinto deputado federal mais votado na região). Considerando que esta zona eleitoral possui apenas 0,762% dos eleitores do Estado, ambos os candidatos conseguiram votações significativas no bairro.

Além disso, entre os entrevistados, era comum ouvir os mesmos argumentos para justificar o voto em candidatos da igreja. Uma ideia reiterada no discurso era que os evangélicos eram perseguidos – uma questão trabalhada também dentro dos cultos. Assim, muitos fiéis reclamavam que se sentiam discriminados e que sofriam preconceito do resto da sociedade.

“Falam que nós somos preconceituosos, mas não, a gente tanto fala que a gente aceita essas pessoas (gays e lésbicas), como macumbeiro, etc., aceita todo tipo de pessoas, porque nem Jesus deixou de aceitar alguém, quem somos nós pra deixar de aceitar alguém? [...] Aí muitas pessoas acham que nós somos loucos, porque acreditamos na palavra de Deus. Como muitos, eu já vi, postando pra mim sobre os

vereadores, os governadores, falando que nós somos loucos, somos doentes, isso, aquilo outro.” (Nelson, 24 anos, técnico de rede)

“Falar de Deus pras pessoas hoje é muito difícil, a pessoa não aceita Deus. Eu acho que há discriminação, sim. Se você está com uma Bíblia debaixo do braço, a pessoa fala: ‘Olha lá o crente lá, o crente.’ Se você fizer... ficam ali te olhando, reparando em você, pra ver você fazer um errinho só e dizer: ‘Olha o crente lá, aquele se diz crente, olha o que ele tá fazendo!’ Eu acho que é isso.” (Tarcísio, 39 anos, montador de móveis)

Se não era a discriminação contra eles, como crentes, havia o que eles consideravam uma perseguição às igrejas evangélicas, em particular a Universal. Ressoava muito o discurso de que a Igreja Católica era privilegiada, não precisava de nada, enquanto, para eles, tudo era sempre um problema, uma dificuldade, seja a licença para construir um templo, seja a autorização do governo para realizar eventos, entre outras questões que envolviam o poder público. Isso justificava, assim, a iniciativa de eleger representantes na política.

“Eu acho que é muita coisa que eles ficam querendo atrapalhar uma igreja. Não estou dizendo só a Igreja Universal. Eles querem barrar muita coisa que, para as outras igrejas, vamos dizer, para a católica é livre, e para o evangélico é mais difícil. Tudo o que o evangélico precisa, por exemplo, alugar um salão para fazer a igreja, por exemplo, é mais caro do que para o bar. É mais caro, porque é um outro tipo de coisa. Tudo é difícil para a igreja. Então, eu acho que os políticos estão ali para defender a igreja, não prometem nada para a gente. Eu não peço nada e eles também não prometem.” (Fátima, 59 anos, diarista)

Esta era uma fala recorrente entre os fiéis: “eles não prometem nada”. Evidentemente, isso era repetido porque era o mesmo discurso utilizado na igreja. A política tradicional parecia ser vista pelos fiéis como uma troca de favores, uma típica relação clientelística: o eleitor dá o seu voto e o político traz um retorno, seja uma cesta básica, um emprego, obras na comunidade, etc. Assim, os candidatos da igreja tinha um compromisso imaterial. Em troca do voto, defenderiam tanto eles, enquanto crentes, quanto a igreja, mantendo-a aberta e atendendo às suas necessidades para continuar funcionando. Não deixava de ser uma troca, é verdade, mas não era a relação típica entre políticos e cidadãos comuns que eles repudiavam. Não dá para esquecer, contudo, o pôster na entrada no templo Piraporinha (figura 7) do deputado federal Antonio Bulhões e os serviços prestados pelo seu escritório. Os benefícios materiais de eleger

o deputado eram lembrados aos fiéis na porta do templo; porém, no discurso oficial, repetido pelos entrevistados, “eles não prometiam nada”.

Portanto, o trabalho de representantes de Deus no Congresso ou nas Assembleias era importante para protegê-los. Em cada período eleitoral, havia uma perseguição diferente a ser explorada pelas igrejas evangélicas. Como mencionado antes, uma vez teria sido a ameaça que o PT representava ao povo de Deus; em outro momento, o risco de legalizar o aborto, e assim seguia. Em 2014, como se viu, o tema do momento na Igreja Universal era o Templo de Salomão. Quando isso não era trabalhado nos cultos, o tópico era, então, abordado pela *Folha Universal*. O jornal da igreja, geralmente, trazia notícias alegres sobre a inauguração da nova sede e os cultos realizados lá, mas uma das edições expôs como tentaram arruinar os planos da IURD (ver imagens 8 e 9) para construir a sua nova sede. E embora o jornal não endossasse candidatos, eram constantes as chamadas lembrando das eleições, alertando sobre a importância de votar, e ressaltando, inclusive, que não bastava votar para presidente, que os outros cargos como de deputados federal e estadual também eram muito importantes (ver imagens 10 e 11).

Figura 8: Capa da *Folha Universal*, nº 1.166, Edição Nacional de 10 a 16 de agosto de 2014, obtida no templo da IURD em Piraporinha (foto tirada pelo autor).

[illegible]

Figura 10: Capa da *Folha Universal*, nº 1.169, Edição Nacional de 31 de agosto a 6 de setembro de 2014, obtida no templo da IURD em Piraporinha (foto tirada pelo autor).

Figura 11: Página 4 da *Folha Universal*, nº 1.169, Edição Nacional de 31 de agosto a 6 de setembro de 2014, obtida no templo da IURD em Piraporinha (foto tirada pelo autor).

Entre os fiéis, Gabriela era uma das pessoas que adotava o discurso de perseguição a evangélicos. A maranhense, de 25 anos, havia se mudado para São Paulo com a mãe e o irmão na infância e começou a frequentar à Igreja Universal na adolescência depois que sua mãe adoeceu e recebeu a visita de obreiros à sua casa enquanto evangelizavam no bairro. Mesmo após o eventual falecimento de sua mãe, Gabriela continuou frequentando à igreja praticamente todo dia. Até mesmo o seu atual emprego, como ajudante geral numa padaria, com o qual ganhava em torno de R\$ 1.075,00 por mês, havia sido conquistado com a indicação de um obreiro. Junto a seu irmão, com quem morava e que trabalhava como ajudante de pedreiro, eles tinham uma renda familiar mensal de cerca de R\$ 2.000,00. No momento da entrevista, apesar de estar afastada da igreja, mais por conta do trabalho, ela alegou ter mudado bastante após se converter, pois era uma pessoa “agitada”, que “falava muito palavrão”. Agora, indo menos aos cultos, já admite estar “voltando a falar palavrão”. Mesmo assim, ela votou nos candidatos da igreja, e quando perguntada o que achava de os pastores indicarem candidatos, ela respondeu:

“Eu acho legal. Porque... os deputados mesmo. Tem os deputados que querem votar lei disso, contra os evangélicos, e os deputados evangélicos vão lá, não deixam, entendeu?” (Gabriela, 25 anos, ajudante geral)

Outro argumento similar e comum entre os entrevistados era a necessidade de defender os interesses da igreja, pois havia quem quisesse impedi-la de continuar aberta. Como mencionado, muitos insistiam que os candidatos da igreja “não prometiam nada”; ou seja, os fiéis não esperavam que os deputados fizessem algo de especial por eles. Bastava serem alguém lutando para manter a Igreja Universal aberta, pois seus inimigos não faltavam. Foi o caso de Heloísa, de 30 anos, uma auxiliar de operações numa empresa de segurança que realiza transporte de dinheiro. Na prática, seu trabalho era contar e conferir se o dinheiro estava correto, o que lhe fornecia uma renda de 2 salários mínimos por mês. Heloísa era casada, embora não oficialmente, há 4 anos, não tinha filhos, e morava numa casa construída por seus pais no andar de cima à deles. Seu marido, um eletricista, ganhava um valor equivalente a ela, fazendo com que, juntos, tivessem uma renda familiar de cerca de 4 salários mínimos, ou cerca de R\$ 3.000,00.

Heloísa começou a frequentar a Igreja Universal logo na infância porque a mãe a levava consigo, embora nunca tenha gostado. Apenas como adulta, ela passou a frequentar a igreja por conta própria, distanciando-se por um tempo, mas retornando nos últimos anos, quando passou a frequentar de duas a três vezes por semana, dentro do possível. Questionada sobre o que achava da presença de evangélicos na política, ela disse:

“Eu acho, assim, que a gente vive num mundo moderno. Cada coisa tem que ser criada por uma ordem superior. Por exemplo, questão de religião, questão de igreja. O Bispo Macedo poderia montar aquela igreja se não tivesse uma autorização maior? Para construir aquela igreja imensa? Então, acho que essa questão assim, é preciso, sim.” (Heloísa, 30 anos, auxiliar de operações)

Uma das entrevistadas a ressaltar a importância de eleger os candidatos da igreja foi Norma, uma aposentada de 55 anos, que frequentava à Igreja Universal há cerca de 20 anos. Antes de se aposentar, ela trabalhou por 25 anos na linha de produção de uma indústria farmacêutica. Hoje, ela era divorciada, com duas filhas, uma de 26, e a outra de 28 anos. O salário dela, por meio da aposentadoria, gira em torno de R\$ 1.400,00 por mês. Sua filha mais nova, que ainda mora com a mãe e que é esteticista, consegue ganhar cerca de R\$ 2.400,00 por mês, proporcionando uma renda familiar mensal para as duas de cerca de R\$ 3.800,00.

Norma foi o meu contato inicial com o templo da Igreja Universal de Piraporinha, por ser prima de uma conhecida. Apesar disso, devido aos inúmeros desencontros e contratempos, ela foi a última a ser entrevistada, e também cuja entrevista teve a menor duração. Mesmo

assim, ela também foi a pessoa com quem mais tive conversas informais dentro e fora da igreja, de modo que, na hora da entrevista, eu já soubesse grande parte das respostas.

Ela era uma das entrevistadas com mais tempo de Igreja Universal, onde começou a frequentar por influência de sua mãe. Talvez por isso ela seja também uma das mais fervorosas. Quando questionada quanto à sua frequência nos cultos, Norma enfatizou que ia todos os dias, e que, quando possível, ia mais de uma vez por dia. Não surpreende, portanto, o seu entusiasmo com relação aos candidatos da igreja. Ao explicar por que votou neles, ela disse:

“É como eu te falei, ninguém induz a gente a nada, mas diante de toda a situação que a gente vê, de tanta corrupção, eu nunca deixei de votar, nunca fui lá para anular o meu voto, eu sempre procurei procurar a entender quem é um... 'Vou arriscar nesse...' Mas com os deputados da igreja, eu tive a confiança de quê? Porque eles não prometem nada. Entendeu? O que eles querem? É lutar em benefício da igreja, entendeu? Falei, porque não adianta chegar lá e prometer alguma coisa que não vai poder cumprir. [...] Então eu tive essa opção, falei: 'Não, voto neles de olhos fechados.' [...] Eu voto neles. E se tivesse candidato à presidência, governador, a prefeito, da igreja, sem sombra de dúvidas, eu votaria. Ah, porque eles vão mudar o país? Não. Isso aqui não vai ter mudança. [...] Eles vão tentar ajudar primeiro, em prol da igreja, para manter a porta da igreja aberta, porque o intuito de muitos aí é fechar. Entendeu? E fechando as portas da igreja vai salvar quem?” (Norma, 55 anos, aposentada)

Este argumento, de que os políticos da igreja “não prometem nada” foi repetido por diversos entrevistados. Dava a entender que os candidatos da igreja eram, primeiro de tudo, funcionários da mesma, que agiriam em sua defesa, pois as dificuldades para a igreja se manter aberta, ou até mesmo para os próprios evangélicos manterem suas crenças, eram grandes. Para a Igreja Católica, tudo seria mais fácil, ela seria privilegiada. Para os evangélicos, e em particular a Igreja Universal do Reino de Deus, tudo seria mais complicado, mais burocrático, mais difícil. E este era um argumento repetido pelos pastores dentro dos cultos, de que era necessário votar nos seus candidatos para ajudar a manter a igreja aberta.

Ainda assim, o exemplo mais marcante de lealdade à igreja foi o de dona Joelma, a entrevistada mais idosa de todos, com 78 anos. Natural de Minas Gerais, ela veio para São Paulo em 1971 com os três filhos para seguir o (hoje, ex-) marido, que tinha vindo primeiro, e vieram morar direto no bairro de Piraporinha. Após trabalhar na roça em Minas Gerais, Joelma trabalhou por cerca de 40 anos como empregada doméstica numa casa de família. Hoje, ganha um salário mínimo de aposentadoria, além de faxinas esporádicas para a mesma patroa, o que

lhe garante uma renda mensal próxima de R\$ 1.300,00. Atualmente, um neto de 28 anos veio morar com ela, já que ela estava morando sozinha, mas ela não soube precisar o quanto ele ganhava, e também deixou claro que o mesmo não lhe ajudava com nada. Uma das obreiras do templo de Piraporinha, sua casa estava repleta de diplomas de obreira na parede, mostrando a sua antiga relação com a Igreja Universal.

Além do fato de ser obreira, era impossível não notar dona Joelma antes, durante e depois do culto. Sempre alegre, cheia de energia, simpática e receptiva, a sua atenção era, às vezes, mais disputada que as dos pastores. Ao saber mais sobre mim e os objetivos da minha pesquisa, ela logo se ofereceu a me ajudar com as entrevistas, apesar de deixar claro que não entendia nada de política e que também não gostava do assunto. Mesmo assim, ela tinha muito a contar, e foi a entrevista mais longa de todas, com 2 horas de duração.

O desgosto de dona Joelma com a política, ela contou, vinha de longa data. Não se limitava às reclamações sobre a saúde pública ou o baixo valor de sua aposentadoria. De fato, dona Joelma experienciou um dos piores lados da política, e seu testemunho valia uma aula de história. Nunca tinha ido à escola: disse que lhe ensinaram a escrever o nome apenas para conseguir votar. Hoje, o que sabia ler era devido às leituras da Bíblia. Para explicar por que tinha forte rejeição à política, dona Joelma deu um relato marcante sobre um momento diferente da história política brasileira:

“Porque na época, a gente votava na marra, tinha que pegar... eles batiam até nos outros. Batia, entrava com... lá em Minas. Isso tem muitos anos já. Eles entravam no... vamos supor: partido PSD com UDN, eram os dois. PSD e UDN. Então o partido do... que tinha os capangas... tinha, vamos supor, o chefe de política. O chefe. Aí mandavam os capangas ir cercar os outros, votar na marra, você entendeu? [...] Aí eles batiam. Uma vez eles queriam matar meu pai. Pegaram, cercaram meu pai... e a gente estava vindo da igreja, hein... Igreja Católica! Eu estava indo... não estou falando da Igreja Católica não, mas estava vindo da igreja. Nós estávamos na igreja, e tudo, saiu da igreja e foi embora, aí eles foram... chegou lá na parte... saiu da rua, porque meu pai morava fora, na divisa, aí eles queriam... cercaram meu pai, e foi, e um empurrar pra lá, e outro empurrar pra cá, e eu peguei e falei com eles... eu estava junto... falei: ‘Meu pai... vocês fazem de mim o que vocês quiserem, mas o meu pai, não. Não faz nada com meu pai. Deixa meu pai ir embora em paz’. Aí eles pegaram, jogaram meu pai assim lá no chão, jogou lá longe, aí o outro falou: ‘Deixa, ele está pedindo. Deixa ele ir embora’. Aí eles pegaram meu pai, jogaram lá longe assim, no meio do mato, e falou: ‘Vai, seu desgraçado. Se não fosse essa sua filha, você hoje não ia em casa’. Eu vou te falar,

política, pra mim... eu voto. Eu voto. Agora mesmo, nem sei em quem eu vou votar, mas eu vou votar. [...] Nós votamos naqueles dois candidatos que eram da igreja porque eles não prometem nada. Não prometem ajudar ninguém. O trabalho deles é lá. Se for uma coisa pra defender a obra de Deus, eles estão ali pra isso, né? Então é por isso que eu não gosto de política. Eu fui muito humilhada. Muito, muito humilhada.” (Joelma, 78 anos, aposentada)

Neste caso, dona Joelma esclareceu que sua família apoiava a UDN, mas capangas a mando do PSD vinham até sua casa para forçá-los a votar no seu partido. Sem dar muitos detalhes, ela apenas ressaltou que foi “muito humilhada”. Logo, ela nunca quis ter nada próximo com a política. Mesmo assim, não deixava de votar, principalmente porque a igreja pedia. Seguia tão fielmente a orientação dos pastores no voto que, no final, ela nem sabia direito quem eram os candidatos, apenas se importava com o fato de que pertenciam à igreja.

A igreja demonstrou, portanto, um grau de mobilização muito grande entre os entrevistados no voto para deputados federal e estadual. Isso deve ter sido facilitado pelo pouco interesse nas eleições proporcionais, o que decorre do alto número de candidatos e pela falta de outras referências para a escolha do voto. Assim, repetiam, palavra por palavra, o discurso da igreja, reconhecendo o valor da presença de evangélicos na política e ressaltando a importância de políticos que os protegessem, já que eram perseguidos. Mas, acima de tudo, ficava claro que eles votavam nos candidatos indicados pelos pastores da Igreja Universal porque estes estariam lá para trabalhar por ela, para mantê-la de portas abertas e agir em benefício da mesma. A questão nem era o quanto conheciam os candidatos; apenas Fátima, uma das entrevistadas, disse ter visto o bispo Antonio Bulhões uma vez, visitando a igreja após ter conseguido se eleger numa eleição passada (provavelmente em 2010). O resto apenas sabia o que os pastores lhes diziam, e mesmo assim não conseguiam lembrar o que os candidatos já tinham feito. O que importava para os fiéis era um interesse meramente corporativo, o vínculo dos políticos com a igreja e a atuação dos mesmos em sua defesa. Como Machado (2006) havia encontrado em sua pesquisa, esses políticos eram eleitos como funcionários da igreja, agindo somente em seu interesse. E isso era de conhecimento geral e concordância entre os entrevistados. A fidelidade não estaria ao partido que os elegeram, como Machado havia notado; se bem que, neste caso, o partido dos candidatos, o PRB, já estava praticamente a serviço da Igreja Universal do Reino de Deus, tornando a impressão de que fossem meros funcionários a serviço da igreja ainda mais conclusiva.

2.2 O conservadorismo moral entre os entrevistados

Era também na hora de discutir o voto para deputados federal e estadual que o conservadorismo moral dos entrevistados surgia. Além da importância de defender a igreja daqueles que queriam fechá-la, havia ainda a necessidade, de acordo com os fiéis, de impedir a aprovação de projetos que fossem contrários à vontade de Deus. Porém, é preciso ressaltar que, apesar da Igreja Universal do Reino de Deus ser evangélica, o rigor moral na Assembleia de Deus, na Igreja Batista e entre outros grupos protestantes históricos era muito maior do que na IURD.

Na pesquisa realizada no Rio de Janeiro em 1992 por Fernandes et al. (1998) revelou-se que, enquanto 66% dos entrevistados da Assembleia de Deus afirmaram que “afastariam o membro da igreja da comunhão se fosse homossexual”, fariam o mesmo 64% dos batistas, 64% dos renovados, 49% dos outros pentecostais, 50% dos protestantes históricos, mas apenas 21% dos fiéis da Universal. E mais: quanto ao afastamento de pessoas adúlteras da comunhão, defendiam esta posição 67% dos membros da Assembleia de Deus, 63% dos batistas, mas somente 23% dos adeptos da IURD. Já com relação ao afastamento de mães solteiras da comunhão, eram favoráveis 44% dos membros da Assembleia de Deus, 40% dos batistas, e somente 8% dos fiéis da IURD. Embora seja uma pesquisa realizada há mais de 20 anos, isso demonstra que a Igreja Universal é tradicionalmente menos conservadora que outras denominações. Mais recentemente, inclusive, em entrevista ao UOL, o bispo Macedo surpreendeu ao dizer que homossexuais eram bem-vindos na sua igreja⁷⁹.

Com relação ao aborto, é notório o posicionamento de Edir Macedo e da Universal como favorável à sua descriminalização, o que representa um ponto fora da curva no movimento evangélico. Além do trabalho mencionado de Jacqueline Teixeira (2012) sobre a questão, Maria das Dores Campos Machado destaca a importância a postura da IURD no tema, mesmo que com uma abordagem divergente do movimento feminista. Ela ressalta:

“Ainda que com um discurso de caráter essencialmente pragmático que associa a interrupção da gravidez com o combate à miséria, a criminalidade e ‘ao mal da sociedade’, e não ao direito de livre escolha das mulheres, tão caro às feministas, esse

⁷⁹ Fonte: UOL, 01 set. 2015.

ator religioso expressava um contraponto aos segmentos mais tradicionalistas e foi um aliado político importante junto às camadas populares” (MACHADO, 2012: p. 32)

Mesmo assim, a postura mais liberal da IURD sobre o aborto não era seguida necessariamente pelos fiéis. De fato, em todos os cultos que fui, o tema nem foi abordado. Apesar de ser um posicionamento oficial do bispo Macedo e da igreja, parece que não havia a tentativa de convencer os seus membros a segui-lo. Entre os entrevistados, isso ficava bastante claro: embora pudessem apresentar opiniões menos conservadores do que a maioria dos evangélicos, não era possível classificá-las como liberais também.

“Eu sou contra. Mas, também, eu sou contra o aborto, mas tem as leis que são a favor e eu sou a favor dessas leis, em certas situações. Muitas mulheres engravidam aí de qualquer jeito e abortam. Eu sou contra isso, porque tem preservativo, tem medicação, tem remédio, tem tudo. O governo... isso tem bastante, só não usa quem não quer. Tem o anticoncepcional. Na minha época não tinha muito acesso, a gente não tinha muito acesso. Na época da minha mãe, não tinha muito acesso a isso, mas hoje tem. Agora, eu sou a favor quando é um estupro, quando a criança está ou doente no ventre da mãe ou a mãe está correndo risco, eu sou a favor, sim.” (Fátima, 59 anos, diarista)

“Assim, eu não acho certo, mas também não acho também tão errado. Porque aborto é, eu acho que o aborto, essa legalização que teve, é para as mulheres que são abusadas, né? Que são abusadas sexualmente e vão lá e engravidam e não... Olha, mesmo sendo, vamos dizer, se um dia eu fosse abusada sexualmente e engravidaria, eu não teria coragem de tirar o filho. Eu sei que seria uma marca, que eu sabia, esse filho foi disso que aconteceu comigo. Mas eu não tinha coragem não, é um ser humano. Se eu fosse até o fim com a gravidez, eu sei que era vontade de Deus. Mas tirar, eu não tenho coragem de tirar uma vida, só quem pode tirar é Deus.” (Gabriela, 25 anos, ajudante geral)

Assim, os fiéis da Igreja Universal possuíam um posicionamento mais liberal que a média de outras denominações evangélicas, o que demonstra a pluralidade deste segmento religioso. Mesmo assim, não seria possível declarar que os membros da IURD são um grupo progressista. O conservadorismo moral ainda surgia para justificar o voto nos candidatos da igreja, principalmente o discurso anti-liberalização das drogas e contra a distribuição de material de educação sexual para crianças, justamente temas que eram trabalhados, com

frequência, durante os cultos. Deste modo, era comum ouvir este argumento entre os entrevistados, que era reforçado, curiosamente, pelos fiéis mais jovens.

Foi o caso de Douglas, um auxiliar de marceneiro de 24 anos. Ele morava com a sua mãe, que era diarista, dois irmãos que trabalhavam como seguranças, e dois outros irmãos menores. Ele, sozinho, era quem tinha o salário maior na família, cerca de R\$ 1.200,00 por mês. A mãe conseguia ganhar cerca de R\$ 300,00, quando havia trabalho, e os dois irmãos em volta de R\$800,00 a R\$900,00. No total, a família de Douglas tinha renda familiar mensal de pouco mais de R\$ 3.000,00.

Eu conheci Douglas por meio dos encontros aos sábados do Grupo Jovem (também chamado de Força Jovem). A princípio, quando pedi uma entrevista, ele pediu autorização para o pastor, e mesmo esta sendo concedida, acabou recusando, por não se sentir à vontade. Posteriormente, já mais tranquilo com a minha presença, conversando sobre outras coisas do dia-a-dia, Douglas enfim cedeu e topou ser entrevistado.

Por ser do Grupo Jovem, Douglas acabou sendo um dos encarregados de conseguir votos para os candidatos da igreja. Deste modo, ele realizou o esforço de abordar pessoas no bairro para indicar os candidatos da igreja. Quando questionado por que votou neles, e por que os indicou para os outros, ele respondeu de modo que soou até prepotente:

“Não precisa eles falarem que vão fazer muitas coisas, vão inventar muitas coisas. A única coisa que precisava é como que os candidatos que até hoje a gente tem... a gente não, eu procuro ter, eu procuro votar, né, o que eles têm oferecido, que é proteger, não só a igreja, mas proteger principalmente aqueles que não tem chance de entrar, ainda não conheceram o trabalho, ainda não buscaram. Porque muitas dessas leis que... as leis absurdas que saem, atingindo a gente, vão atingir também aos que estão do lado de fora, entendeu? Porque eu creio que se eles conhecessem a verdade, se eles tivessem a oportunidade de ouvir as vezes as coisas que a gente ouve, [...] muitos deles não iam votar nulo, ou dar o voto deles pra qualquer deputado, qualquer vereador, senador, entendeu?” (Douglas, 24 anos, auxiliar de marceneiro)

Quando questionado sobre o que seriam essas leis absurdas, Douglas repetiu muito do argumento utilizado pela igreja, em particular da questão das drogas, que, de acordo com ele, “destrói (a) família”, e do material didático dado às crianças. Contra estas questões, que ele votava nos candidatos da igreja, e por isso achava importante que os outros também votassem. Sobre este último tema, Douglas explicou:

“Porque um exemplo também é... bom, esse é o meu ponto de vista... falaram que iam colocar material didático gay dentro da escola pra poder, tipo, não influenciar as crianças, que... pô, são crianças, não têm nem cabeça, não sabem nem o que é o certo, o que é errado ainda, mas colocar um material pra que desde pequeno elas já venham a aprender conviver com aquilo pra, quando crescer, elas já acharem natural? Até mesmo é uma coisa lógica, que não precisa nem a pessoa ser crente, ou ser de determinada religião. Deus, Ele fez o homem pra mulher, e a mulher para o homem, não o homem para o homem e a mulher pra mulher.” (Douglas, 24 anos, auxiliar de marceneiro)

Outro fiel que conheci no Grupo Jovem foi Nelson, um técnico de redes telefônicas de 24 anos. No seu trabalho, ele realiza manutenção em redes de fibra ótica nas ruas e na casa de clientes. É um trabalho com carteira assinada, com o qual ele ganhava R\$ 1.300,00 – o equivalente a quase dois salários mínimos – mais alguns adicionais de hora extra, o que poderia levar, em alguns meses, ao total de R\$ 2.000,00. Nelson mora com os pais e dois irmãos, um dos quais é empregado pela mesma empresa, enquanto o outro trabalha na mesma área, embora numa empresa diferente. Seu pai é ajudante geral no aeroporto de Congonhas, e a sua mãe cuida da casa. Juntos, Nelson relata que possuem uma renda familiar próxima a R\$ 5.000, ou quase 7 salários mínimos, para uma residência com 5 pessoas. Dos entrevistados, foi o que possuía a maior renda familiar, o que é compreensível, já que 4 dos 5 moradores da casa trabalhavam fora.

Receptivo desde o início, Nelson foi logo o meu primeiro entrevistado. Ele também revelou um certo conservadorismo moral para justificar o seu voto nos candidatos da igreja. Além disso, Nelson também fazia parte da Força Jovem, era um dos membros mais ativos, e possuía uma ligação forte com a Igreja Universal, participando de muitos eventos e grupos ligados à mesma. Aliás, foi o único entrevistado a citar o PRB nominalmente (embora ainda errando o seu nome de início). Quanto questionado se não tinha simpatia por nenhum partido, ele respondeu:

- Eu acho que o partido que eles... Esse PTB...

- *PRB?*

- PRB, isso. Sempre são eles que mandam alguém pra lutar contra essas coisas que são fora de cogitação, nós votamos neles pra melhorar um pouco, né? Pra não legalizar tantas leis que não têm nexos pra gente. (Nelson, 24 anos, técnico de rede)

Ao explicar o que seriam essas leis “que não têm nexos”, Nelson expôs todo o seu conservadorismo quanto a temas morais, como em relação a homossexuais e às drogas. É por isso, portanto, que era importante eleger os candidatos da igreja. Quando foi solicitado a explicar um pouco mais sobre quais seriam essas leis, ele respondeu:

“Tipo assim, como eles estavam querendo fazer o projeto de liberar as drogas, também liberar os homossexuais de entrarem no banheiro das mulheres, fazer... Imagina uma criança entrar num banheiro desses e ver aquilo? Não dá.” (Nelson, 24 anos, técnico de rede)

O conservadorismo moral aparecia na discussão sobre o voto para deputados estadual e federal justamente porque era assim que estas questões eram trabalhadas dentro da igreja. Os pastores faziam um trabalho muito eficaz de explicar aos fiéis que quem poderia decidir sobre estas questões morais eram os deputados, de modo que estes eram os cargos em que os entrevistados sabiam melhor definir o que faziam. Assim, as questões morais passavam distantes das discussões sobre a disputa presidencial, talvez, justamente, porque não tenha sido do interesse da IURD – como veremos mais adiante – se posicionar no pleito presidencial.

Mesmo assim, como os fiéis repetiam o discurso oficial da igreja, era difícil não sentir uma certa artificialidade na fala. Como não diziam nada de novo ou muito diferente do que era abordado nos cultos, parecia que o discurso conservador servia como uma justificativa mais refinada e aceitável para o voto do que o mero interesse corporativo de proteger e defender a igreja. De fato, quando faziam campanha para pessoas fora da igreja, os fiéis utilizavam o argumento de que era para impedir leis absurdas, que “não tem nexos”, por vezes até omitindo a ligação dos candidatos com a Universal; porém, entre eles, a questão preponderante era a defesa da igreja. Não significa que não eram conservadores; muitas vezes eram, é verdade, nem que não acreditassem no que diziam. Mas a importância dessas questões morais em suas vidas, e principalmente na política, parecia estar relegada a um segundo plano.

Destaca-se aqui a singularidade da Igreja Universal em comparação a outras igrejas evangélicas, como a Assembleia de Deus. Como vimos, os membros da IURD são tradicionalmente menos conservadores do que aqueles de outras denominações. Se a pesquisa fosse realizada entre fiéis da Assembleia de Deus, é provável que o conservadorismo moral surgisse com mais força e tivesse um peso maior na decisão do voto, já que o rigor moral de sua igreja tende a ser muito maior. Como a Universal adota um caráter mais flexível na sua doutrina, mesmo quando seus membros ainda se mostram mais conservadores do que o discurso

oficial, eles ainda reforçam o valor de que todos são livres para fazerem o que quiserem, e que todos são aceitos em sua igreja. Assim, esta pouca relevância das questões morais para a decisão do voto pode ser um diferencial da Igreja Universal em comparação a outras denominações, reforçando o caráter plural do universo evangélico.

2.3. O voto dissidente: Milton Leite e a votação para deputado em Piraporinha

Como foi dito, 10 dos 12 entrevistados seguiram a orientação da igreja e votaram nos candidatos Antonio Bulhões e Wellington Moura para deputados federal e estadual, respectivamente. Uma não votou porque estava fora de São Paulo, então precisou justificar. Isso significa, então, que apenas uma pessoa divergiu dos entrevistados. Este foi o caso de Wanda.

A copeira de 52 anos morava com suas duas filhas, de 20 e 18 anos, numa casa cujo terreno ganhou da prefeitura, sob o governo de Luiza Erundina, então do PT, mas cuja situação da casa tinha sido apenas regularizada com a ajuda do vereador Milton Leite, do DEM, de acordo com ela. Uma filha trabalhava como auxiliar de escritório em uma empresa, enquanto a outra de atendente de telemarketing. Sozinha, em seu emprego, Wanda ganhava cerca de R\$ 1.300,00, mais benefícios, como convênio médico e vale-alimentação. Junto a suas duas filhas, elas possuíam uma renda familiar mensal de cerca de R\$ 3.000,00.

Wanda era a entrevistada com menos tempo de pertencimento à Igreja Universal, passando a frequentar apenas no início de 2014. A princípio, apesar da origem católica, ela acompanhava programas de televisão da Igreja Universal na Rede Record, em especial quando tratava de questões amorosas, pois enfrentava dificuldades no relacionamento com o (posteriormente ex-) marido. Em meados de 2013, diagnosticada com um problema de saúde que exigia cirurgia, Wanda ligou para o bispo na TV, que orou por ela e a convidou para ir a um templo conversar com ele. Após as orações, sob indicação do bispo com quem conversou, ela alega que as dores cessaram, tendo feito, posteriormente, um exame que comprovava que havia se curado. Isso foi o bastante para que ela se convertesse e passasse, então, a frequentar o templo da Universal mais próximo de sua casa, em Piraporinha.

Foram realizadas duas entrevistas com Wanda, já que na primeira, ela ainda não sabia em quem votaria para qualquer um dos cargos. Ela sabia da orientação da igreja para votar em seus candidatos, e respondeu que achava “legal” que a igreja indicasse alguém para os fiéis. Na entrevista seguinte, pouco antes do 2º turno, Wanda admitiu que votou nos candidatos cujo santinho ela encontrou primeiro pela frente ao ir votar. Exceto para dois votos: para deputado estadual, em Milton Leite Filho, e para deputado federal, o seu irmão, Alexandre Leite, ambos filhos do vereador Milton Leite, e todos do DEM. Para justificar seu voto, Wanda disse:

“Como eu já falei, eles trabalham muito aqui pela região, porque eles são daqui, então também a gente vota neles, sempre votamos neles desde que a gente veio morar aqui.” (Wanda, 52 anos, copeira)

No 1º turno, Wanda havia admitido que não conhecia os candidatos da igreja, mas que, naquele momento, ainda não havia decidido nada quanto a votar neles ou não. Neste segundo momento, quando questionada por que preferiu não votar nos candidatos da igreja, ela explicou:

“Porque, na verdade, eu também não conheço. Entendeu? Eu nem sei quem é Antônio Bulhões, nunca nem ouvi falar. [...] Então não... eu preferi não arriscar. Pelo menos os outros eu já conheço [...], já são mais antigos [...], mas assim, eles eu nunca nem ouvi falar, entendeu? Não foi por nada, não.” (Wanda, 52 anos, copeira)

Embora seja apenas um caso e seja difícil tirar grandes conclusões a partir dele, não parece ser uma coincidência que a única fiel a ser entrevistada que não votou nos candidatos da igreja seja também a mais recente convertida. Parece que não houve tempo o suficiente para convencê-la da importância de eleger os candidatos da igreja, pois eram políticos de quem ela nunca tinha ouvido falar antes. Talvez, daqui a 4 anos, com mais familiaridade, ela possa mudar seu voto. Porém, em vez da frequência nos cultos, como se presumia inicialmente, há indícios de que o tempo de conversão seja mais importante para saber se um fiel seguirá a indicação de voto da igreja. Ou seja, quanto maior o tempo de pertencimento àquela igreja, maiores as chances de o indivíduo seguir a orientação da mesma para o seu voto.

Embora Wanda tenha sido a única a não votar nos candidatos da igreja, Milton Leite também foi citado por outros entrevistados como um político que ao menos conheciam. Estava claro que aquele era o curral eleitoral dele e de sua família. Era impossível circular pelo bairro e não se deparar com algum material de campanha da família do político⁸⁰. Douglas havia

⁸⁰ É interessante notar, como é uma prática comum na política, que o material de campanha de Milton Leite Filho (DEM) para deputado estadual omitia (ou deixava bastante pequeno) o “Filho”, ressaltando apenas o nome

comentado que o vereador havia trazido melhoras para o bairro. Nelson, por outro lado, lembrou do político ao falar dos protestos, alegando que o seu filho estava envolvido em atos de vandalismo nos protestos contra a Copa do Mundo. Ou Bárbara, de 33 anos, de quem falarei mais à frente, que o citou como um dos políticos de quem menos gostava. Sendo uma figura notória na região, seu nome surgia com frequência nas entrevistas, tanto para elencar seus feitos no bairro quanto para expressar repúdio ao político.

“Porque quando alguém faz protesto, aí vem os de lá de dentro mesmo e faz vandalismo. Como o mesmo, o filho do Milton Leite, estava em um dos protestos, ele que movia aquelas pessoas pra alguns estarem quebrarem as coisas, aquilo outro. Querendo ou não os próprios de dentro fazem. Aí quando fazem protesto de gente, por causa dos de dentro que faz acontecer o resto, as bagunças.” (Nelson, 24 anos, técnico de rede)

Tem o Milton Leite, o Milton Leite mesmo eu não voto nele. Eu acho que o negócio dele mais é comprar o povo, ele gosta de comprar o povo pela barriga, o dele é fazer churrasco pro povo, dar cesta básica. E acho que o povo se deixa levar muito por isso, por ele fazer quadra. Entendeu? Eu acho que não seria motivo pras pessoas votarem nele.

Mas ele faz, o que ele faz por aqui?

Essa região aqui ele faz muita coisa, o que ele faz é quadras, é campo de futebol, inaugurou, tem uns três meses, inaugurou uma aqui agora, próximo da igreja aqui na Rua 7, aqui, inaugurou uma quadra que foi ele que fez. E o pessoal vai muito nisso, mas isso aí não quer dizer nada. E ele sempre ganha. Você vê que em todo lugar que você olha, você só vê Milton Leite. [...]

Mas eles chegam a receber alguma coisa além disso? Cesta básica, você falou...

Eu acho que sim. Tipo, pelo nome dele ser Milton Leite, eu acho que é por causa do leite também que ele dá. (Tarcísio, 39 anos, montador de móveis)

Toda essa popularidade se traduziu em votos. Milton Leite Filho foi eleito com 142.566 votos; porém, apenas na região de Piraporinha, o candidato do DEM conseguiu mais de 20% dos seus eleitores, obtendo 29.861 votos, 19,45% do total desta zona eleitoral, sendo o

“Milton Leite”. Certamente, uma tentativa de remeter diretamente ao nome do pai, mais conhecido entre a população, tendo a possível consequência até de ludibriar alguns que podem pensar que estão votando no mesmo, e não no seu filho.

candidato a deputado estadual mais votado da região, com quase 14 mil votos à frente do 2º colocado – e um dos candidatos da igreja – Wellington Moura, do PRB. Seu irmão, Alexandre Leite, também se saiu beneficiado: eleito com 109.708 votos, 18.785 saíram de Piraporinha – ou seja, pouco mais de 17% do total. Ele foi o segundo deputado federal mais votado da região, com 11,77% dos votos desta zona eleitoral, perdendo apenas por pouco menos de 500 votos para Celso Russomanno, do PRB⁸¹.

É preciso ressaltar que a 372ª Zona Eleitoral, comumente chamada de Piraporinha, inclui uma região bastante grande da Zona Sul de São Paulo, incluindo bairros mais pobres, como o Jardim Ângela. Trata-se de um universo de 243.981 eleitores, de acordo com o TSE, maior que muitas grandes cidades do Brasil. Portanto, para não ter o risco de que os depoimentos e declarações de voto colhidos não fossem representativos da região como um todo; ou melhor, para conferir se os dados encontrados não divergiam fortemente com a realidade local, foi realizada, também, uma apuração dos votos nas redondezas do templo pesquisado. Para isso, foi selecionada como referência a Escola Estadual Vicente Leporace, que abrigava as Seções 124 a 142 da 372ª Zona Eleitoral, onde muitos dos entrevistados admitiram votar, por ser o local de votação mais próximo. E, de fato, nas votações para deputado federal e estadual, não houve grandes divergências nos resultados encontrados (ver Tabelas 5 e 6).

⁸¹ Fonte: TSE

Tabela 5: Lista dos 10 candidatos mais votados para deputado estadual na E.E. Vicente Leporace (Seções 124-142 da 372ª Zona Eleitoral) e em Piraporinha (372ª Zona Eleitoral)

	Zona 372 - Seções 124-142	Votos	Piraporinha	Votos
1º	Milton Leite Filho (DEM)	785	Milton Leite Filho (DEM)	29.861
2º	Luciano Barbosa (PT)	185	Wellington Moura (PRB)	5.873
3º	Wellington Moura (PRB)	149	Enio Tatto (PT)	4.163
4º	Carlos Giannazi (PSOL)	118	Delegado Olim (PP)	2.935
5º	Delegado Olim (PP)	109	Barba (PT)	2.935
6º	Fernando Capez (PSDB)	97	Carlos Neder (PT)	2.668
7º	Caruso (PMDB)	75	Carlos Giannazi (PSOL)	2.623
8º	Tripoli (PV)	73	Marta Costa (PSD)	2.207
9º	Enio Tatto (PT)	64	Fernando Capez (PSDB)	2.189
10º	Carlos Neder (PT)	64	Rodrigo Moraes (PSC)	1.808

Tabela 6: Lista dos 10 candidatos mais votados para deputado federal na E.E. Vicente Leporace (Seções 124-142 da 372ª Zona Eleitoral) e em Piraporinha (372ª Zona Eleitoral)

	Zona 372 - Seções 124-142	Votos	Zona 372 - Piraporinha	Votos
1º	Alexandre Leite (DEM)	556	Celso Russomanno (PRB)	19.263
2º	Celso Russomanno (PRB)	478	Alexandre Leite (DEM)	18.785
3º	Tiririca (PR)	294	Tiririca (PR)	13.951
4º	Vicente Cândido (PT)	220	Vicente Cândido (PT)	9.353
5º	Antonio Bulhões (PRB)	134	Antonio Bulhões (PRB)	5.240
6º	Paulinho da Força (SD)	125	Nilto Tatto (PT)	3.439
7º	Luiza Erundina (PSB)	109	Pastor Marco Feliciano (PSC)	2.842
8º	José Mentor (PT)	99	Eli Correa Filho (DEM)	2.565
9º	Paulo Maluf (PP)	74	José Mentor (PT)	2.437
10º	Arnaldo Faria de Sá (PTB)	73	Luiza Erundina (PSB)	2.337

Como as Tabelas 5 e 6 demonstram, salvo algumas divergências, muitos dos candidatos mais votados são os mesmos no bairro pesquisado e em Piraporinha como um todo. Entre os deputados estaduais, é notável a votação avassaladora de Milton Leite Filho em comparação aos outros candidatos, o que ressalta a força de sua família na região. O candidato da Igreja Universal, o pastor Wellington Moura, também se destaca, conseguindo uma boa posição no bairro. É possível notar, também, que ele não é único candidato evangélico a ser bem votado em Piraporinha, como pode se ver pela boa votação de Marta Costa (PSD), ligada à Igreja Assembleia de Deus e filha do Pastor José Wellington Bezerra da Costa, pastor presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil e do Ministério do Belém; além de Rodrigo Moraes (PSC), ligado à Igreja Mundial do Poder de Deus, e filho do também missionário da mesma Igreja e deputado federal José Olímpio. Ademais, destaca-se o bom desempenho de candidatos petistas na região, o partido com mais candidatos bem votados, mostrando que a força do lulismo também se traduz em votos para cargos do Legislativo.

Já entre os deputados federais, ressalta-se a força de Celso Russomanno (PRB), o que não surpreende, pois o mesmo foi o mais votado no Estado de São Paulo, com 1.524.361 votos. Mesmo assim, na região de Piraporinha, ele sofreu forte concorrência de Alexandre Leite (DEM), outro filho de Milton Leite, com menos votos, talvez, por não compartilhar do mesmo nome do pai. Mais uma vez, o candidato da Igreja Universal, o bispo Antonio Bulhões (PRB), consegue uma boa colocação na região, e destaca-se também a presença de candidatos petistas entre os mais votados. Olhando as votações para ambos os cargos, é notável que os candidatos escolhidos pela IURD e promovidos pelo templo em Piraporinha tiveram um número de votos bastante similar, o que reforça a ideia de que a maior parte de seus eleitores votou nos dois em conjunto.

Figura 12: Praça em Piraporinha após a descida na Estrada do M'Boi Mirim completamente tomada por cavaletes dos candidatos Milton Leite Filho (DEM), e seu irmão, Alexandre Leite (DEM).

Figura 13: A mesma praça da figura anterior a poucos dias do 1º turno. Desta vez, cavaletes dos candidatos Milton Leite Filho (DEM), e seu irmão, Alexandre Leite (DEM) competem com os de outros políticos, inclusive alguns do PT.

Figura 14: Cavaletes de políticos sendo utilizados como abrigo para moradores de rua em Piraporinha.

Figura 15: Cartaz de campanha de Arnaldo Faria de Sá (PTB) em frente a casa com o esgoto a céu aberto no bairro de Piraporinha.

Capítulo 3 – Lulismo enfraquecido: os fiéis de Piraporinha e a eleição presidencial de 2014

Embora a IURD tivesse manifestado apoio a Dilma Rousseff em 2010, surpreendentemente, não houve, em 2014, qualquer declaração oficial de apoio a candidato à presidência. Mesmo após Dilma ter ido à inauguração do Templo de Salomão⁸², a direção da Igreja Universal não deu apoio público à candidata. Pelo contrário, com a presidente Dilma Rousseff na plateia, o bispo Edir Macedo chegou a fazer críticas a áreas como a saúde e a educação⁸³. A neutralidade chegou a ser questionada, pois surgiram boatos na internet de que o bispo Macedo teria doado R\$ 10 milhões para a campanha de Dilma, o que forçou a página oficial da igreja na internet a se manifestar para negar o ocorrido⁸⁴.

A verdade é que, ao menos no templo em Piraporinha, a neutralidade da igreja foi seguida à risca. O único momento em que presenciei uma menção à disputa para presidente no templo da Universal na Piraporinha, foi a menos de uma semana para o 2º turno, quando o pastor comentou que alguns fiéis pediram orientação sobre como votar. Logo, restou ao pastor apenas dizer: “O bispo não recomendou nenhum voto, não é, obreiro? Então podem votar como vocês quiserem.”

Esta situação criou uma oportunidade para a pesquisa: sem a interferência da direção da igreja na decisão do voto dos fiéis a favor do lulismo, seria mais fácil discernir se o voto seguia um padrão de renda ou se questões morais e a identidade evangélica jogariam contra o voto em Dilma. Sem a orientação dos pastores, os fiéis ficaram por conta própria, utilizando-se dos debates eleitorais, das conversas com amigos, colegas e familiares, além de suas próprias experiências e vivências, para decidir o voto para presidente, deixando que pressões sociais atuassem sem o peso da instituição IURD.

Na campanha, houve momentos bastante diferentes entre os entrevistados. No 1º turno, havia entre a maioria das pessoas com quem conversamos (inclusive aqueles que não quiseram dar uma entrevista) uma insatisfação quanto ao governo do PT, por acharem que Dilma não havia feito nada e, entre alguns, porque seu governo havia roubado muito. Isso se expressava, então, numa busca por alternativas, sendo Marina Silva – então pelo PSB, depois do falecimento

⁸² Fonte: Folha de São Paulo, 31 jul. 2014.

⁸³ Fonte: Último Segundo, 01 ago. 2014.

⁸⁴ Fonte: Universal.org, 2 ago. 2014.

de Eduardo Campos – a mais cogitada. Em certo momento, a candidata chegou, inclusive, a ultrapassar Dilma nas pesquisas de intenção de voto⁸⁵. Este movimento, em particular da classe C, em busca por alternativas foi bem capturado por uma reportagem da revista Época que demonstra a indecisão deste eleitorado e a inclinação pelo apoio a Marina Silva⁸⁶.

Num momento posterior, com o desgaste de Marina Silva no final do 1º turno, assumindo uma imagem de “fraca” ou “indecisa” para os eleitores, e principalmente no 2º turno, quando se restaura a velha polarização entre PT e PSDB, a questão era se compensava continuar com Dilma, apesar das críticas, ou se insistiam na tese da necessidade de mudança, arriscando o voto em Aécio Neves. No fim, a única coisa que os diferentes momentos compartilhavam era o desinteresse geral em acompanhar a política e as eleições, deixando a decisão do voto para as vésperas do pleito.

Entre os 12 entrevistados, no 1º turno, 6 votaram em Dilma, 2 votaram em Aécio, 2 votaram em Marina, 1 votou em Levy Fidelix e 1 justificou o voto. No 2º turno, consolidando-se a polarização entre PT e PSDB, 8 votaram em Dilma, preferindo manter a candidata petista no poder (ganhando o voto da eleitora que justificou no 1º turno, e outra que mudou de Aécio para Dilma no 2º turno), enquanto apenas 3 votaram em Aécio (2 dos quais votaram em Marina antes), e 1 pessoa votou nulo (o que votou em Levy Fidelix). Apesar da queda expressiva da votação de Dilma na cidade de São Paulo em comparação a 2010, Piraporinha manteve-se como um dos redutos do município onde a candidata petista saiu vitoriosa, como pode ser visto na Tabela 7.

⁸⁵ Fonte: Datafolha, 01 set. 2014.

⁸⁶ Fonte: Época, 01 set. 2014.

Tabela 7: Votação para presidente nas eleições de 2014⁸⁷

	1º turno	1º turno	1º turno	2º turno	2º turno	2º turno
	Piraporinha	São Paulo (capital)	Brasil	Piraporinha	São Paulo (capital)	Brasil
Dilma (PT)	42,49%	26,06%	41,69%	57,33%	36,17%	51,34%
Aécio (PSDB)	27,27%	43,72%	34,00%	42,67%	63,83%	48,66%
Marina (PSB)	24,48%	23,93%	20,75%			
Luciana (PSOL)	2,74%	3,33%	1,59%			

Apesar da votação na candidata do PT entre os entrevistados, era notável a queda de apoio ao partido nas eleições. Em 2010, 11 dos 12 entrevistados admitiram que votaram em Dilma. Ou seja, embora o apoio à petista continue forte, ele sofreu uma diminuição quatro anos depois, assim como ocorreu no resto do bairro. Além disso, era comum ouvir dos entrevistados o desejo de mudança. Entretanto, a maioria seguiu um padrão de decidir o voto nas vésperas das eleições, muitos dos quais escolheram votar, enfim, em Dilma, por achar que era melhor dar continuidade ao seu mandato.

Mais uma vez, era necessário analisar se a votação naquela região de Piraporinha divergia muito da Zona Eleitoral como um todo, que abrigava bairros mais pobres, ainda mais considerando a expressiva votação que Aécio teve na cidade de São Paulo. Utilizando novamente os resultados das eleições na E.E. Vicente Leporace, foi possível constatar que, mesmo no local de votação da maioria dos entrevistados, Dilma ainda ganhava, mas por uma margem menor: 51,31% dos votos contra 48,68% de Aécio, um resultado que refletia mais a divisão do Brasil do que a capital paulista. A pesquisa entre os fiéis entrevistados não possuía um viés quantitativo, como se sabe; porém, com base nas conversas informais com dezenas de outros fiéis, era claro o apoio majoritário dos fiéis do templo da IURD de Piraporinha à candidata Dilma Rousseff. Não é possível dizer por que este apoio seria maior entre eles do que entre os outros moradores da região; é possível que fossem mais pobres, o que seria uma explicação plausível. Contudo, o que é possível constatar preliminarmente com estes dados (o que ficaria ainda mais claro com as entrevistas) é que a religião certamente não influenciou na decisão de seu voto para presidente.

⁸⁷ Fonte: TSE

3.1 O peso da indicação da igreja no voto para presidente

Como mencionado, diferentemente de outras eleições presidenciais, a Igreja Universal do Reino de Deus se eximiu de apoiar um candidato. Foi uma grande mudança de postura, visto que a igreja de Edir Macedo apoiava o PT desde a sua primeira vitória em 2002. É provável que tenha sido um cálculo político, percebendo o desgaste do partido e reconhecendo que fosse uma eleição dividida, não querendo, assim, causar um mal-estar entre seus seguidores. Ao mesmo tempo, é importante lembrar a disputa acirrada entre Celso Russomanno (PRB) e Fernando Haddad (PT) para a prefeitura de São Paulo em 2012. Os ataques pesados da campanha petista que ajudaram a desconstruir e enfraquecer a candidatura de Russomanno – a ponto de tirá-lo da liderança e do eventual 2º turno – pode ter abalado a relação entre a IURD e o PT desde então, contribuindo para a postura neutra da igreja em 2014.

Embora não fosse o esperado pela pesquisa, a ausência de uma indicação para os fiéis permitiu avaliar melhor o peso da religião – ou seja, a identidade evangélica – na decisão do voto para presidente. E, mesmo assim, ainda foi possível perguntar aos entrevistados como seria se a igreja tivesse se posicionado. Gabriela, por exemplo, admitiu que tinha votado em Dilma em 2010 porque a igreja indicou, mesmo preferindo José Serra, do PSDB. Isso demonstra que, mais do que a religião, a recomendação da igreja tinha um peso importante para os fiéis. Ser da Universal era mais importante do que o simples fato de ser evangélico. Todavia, ainda se tratava de uma influência limitada, como se viu com outros entrevistados.

Um caso curioso foi o de dona Joelma. Como foi dito, ela é obreira, e uma das mais entusiastas da Igreja Universal. E mesmo com todo o seu desgosto com a política, e afirmando que seguiria a indicação dos pastores no voto para presidente por amar a sua igreja, ela acabou revelando que já votou de forma diferente. No caso de Lula, mesmo ouvindo que o candidato gostaria de fechar a IURD, ela decidiu votar nele mesmo assim, porque sua família recomendou. Joelma explicou:

“Eu votei. Votei no Lula. Teve uma época que ele falou assim, que se ele pudesse ele ia acabar com a Igreja Universal. Ele ia acabar. Ele falou, com a boca dele. Isso aí eu falo porque eu ouvi. Ele não gostava da igreja, de... Mas aí depois eu peguei e votei, porque pra mim... ele não gostando da Igreja Universal, ou coisa, não é ele que vai acabar com a igreja. Quem vai acabar com a igreja, se Deus quiser, se Deus... né?”

Então a Igreja Universal é uma placa... é uma placa. Eu sigo a Deus. Eu não sigo placa, né?” (Joelma, 78 anos, aposentada)

Joelma disse isso numa época – sem saber dizer exatamente quando – que não havia uma indicação da igreja para o voto em Lula. Portanto, mesmo ouvindo que o candidato petista era contra a Universal, ela decidiu votar nele ainda assim. Em outro momento, ela acatou, de fato, o que os pastores pediram: em 2010, dona Joelma votou em Dilma porque eles assim recomendaram. Em 2014, ela admitiu que repetiu o voto, desta vez sem seguir a orientação de ninguém, seja da IURD, seja de sua família e amigos. Para justificar seu voto, sua resposta firme foi um pouco inusitada, mas comovente:

“Eu vou te falar, ela é mulher. Ela é mulher. Eu sou muito mulher. Eu sou muito mulher. Então eu votei nela por causa disso. Olhei nela, votei.” (Joelma, 78 anos, aposentada)

Para muitos dos entrevistados, portanto, a indicação da igreja tinha seu valor, mas não era definitiva. Com o gravador desligado, outra entrevistada, Fátima, lembrou que ninguém é obrigado a nada, e que não votaria em um candidato que não quisesse. Assim, ela – que votou em Dilma – jamais votaria em Aécio, mesmo se os pastores assim pedissem, já que tinha antipatia pelo tucano. Admitiu, contudo, que poderia votar em Marina. Era diferente do voto para deputados federal e estadual, situação na qual os fiéis seguiam a orientação quase totalmente. Outra fiel, Bárbara, que, sem titubear, declarou voto no bispo Antonio Bulhões e no pastor Wellington Moura, quando questionada sobre o que faria se a igreja recomendasse um candidato à presidência, mostrou-se mais reflexiva e cautelosa. A sequência do diálogo exemplifica bem a situação:

- E você acha importante a igreja ter os seus candidatos?

- Sim, sim, porque ela tem que se manifestar. Ela tem que se manifestar na Câmara dos Deputados, ela tem que mostrar que tem alguém da gente falando por nós. Sim, eu acho muito importante isso.

- E a posição deles influenciou sua decisão?

- Sim, sim. Porque eu achei correto a posição deles e outra... e a proposta que eles têm. Tomara que eles consigam.

- E se a igreja indicasse algum candidato para presidente?

- Aí é complicado. Aí eu vou ser bem sincera para você, eu ia tentar ver. [...] Porque presidente, cada um tem, que nem você falou, tem a sua função, então eu não posso simplesmente me deixar influenciar porque a igreja disse para mim que eu tenho que votar em tal presidente X de tal partido. Não, eu vou analisar, eu vou pensar se vale a pena, se a proposta, se as propostas daquela pessoa têm fundamento, não vou me deixar influenciar, não. (Bárbara, 33 anos, vendedora)

Esta diferença de tratamento da indicação do voto para o Legislativo e para o Executivo é similar ao que Vinícius Valle (2013) encontrou em sua pesquisa. Ele demonstrou que, com relação aos cargos do Executivo, a indicação da igreja (no caso, a Assembleia de Deus) não era determinante para o voto dos fiéis, pois embora a levassem em consideração, não necessariamente a seguiam, diferentemente da orientação para o voto para o Legislativo, a qual os fiéis acatavam com mais facilidade. Isso era um reflexo até do discurso das igrejas, que colocavam tanta ênfase de colocar representantes seus na política, mais especificamente em cargos do Legislativo. Fernando, outro entrevistado, teve dificuldade de lembrar situações nas quais os pastores recomendaram voto para presidente, mas explicou a diferença:

- Eu acho que se indicasse assim, mas eu ia pensar bem antes mesmo, não ia... no caso eles sempre falam assim: 'Olha, nós vamos votar em fulano. Cada um é cada um', entendeu? Eles não falam: 'Você vota, a gente está apoiando', não.

- *Mas é uma opinião que você iria considerar?*

- É, eu ia, você entendeu? Eu ia parar para pensar, para ver. (Fernando, 44 anos, motorista particular)

Ou seja, para cargos do Executivo, quando a igreja apoiava um candidato, este apoio era mais discreto, com menos ênfase do que para candidatos ao Legislativo, assim como Valle (2013) também encontrou em sua pesquisa. É possível que as igrejas já interpretassem que os fiéis encontrassem mais resistência em seguir a orientação para esse tipo de voto e, portanto, recomendassem com mais cautela. Afinal, a figura do presidente era de alguém mais visível em suas vidas, de quem podia tecer opiniões mais facilmente, até porque havia menos candidatos dentre os quais escolher.

Além disso, era no voto para presidente que surgia um conteúdo mais político em suas falas, discutindo questões de maior impacto em seu cotidiano, como saúde, educação, salário, emprego, entre outras. Apesar do corriqueiro discurso de desinteresse pela política, os entrevistados demonstravam alguma atenção às pautas que os afetavam direta ou indiretamente.

Assim, se o voto para deputado era fundamentado na preocupação de poder seguir praticando a sua vida espiritual, mantendo a igreja aberta, o voto para presidente era pautado pela vida terrena, e as questões que afetavam o seu dia-a-dia fora da igreja.

Como a igreja é uma instituição na qual confiam, é inegável que a indicação para votar em um candidato a presidente seria ao menos levada em consideração para decidir o voto. Ainda mais em um pleito particularmente disputado, com muitos fiéis indecisos até os últimos dias. Entretanto, as entrevistas realizadas deixaram claro que este não era o fator mais relevante para a decisão do voto, diferentemente de como foi na eleição para deputados federal e estadual.

3.2 Voto e identidade evangélica

Um aspecto curioso presente em quase todos os entrevistados era a pouca importância dada ao fato de um candidato a presidente ser ou não evangélico. Para os cargos de deputado estadual e federal, a identidade evangélica possuía uma importância maior, embora a questão fundamental fosse mesmo o pertencimento à Universal, influenciados em grande parte pelo discurso promovido pelos dirigentes da igreja de eleger um irmão para defendê-los. Para presidente, entretanto, a religião não parecia ter tanta importância. Citavam que o fato de ser evangélico trazia mais confiança, por ser uma pessoa de Deus, mas que isso não era o suficiente para determinar o voto. O mais curioso, porém, é que a maioria dos fiéis com quem conversamos sequer tinha conhecimento da presença de candidatos evangélicos no pleito presidencial. Um deles, Tarcísio, por exemplo, ressaltou em sua fala o benefício de um político ser evangélico, pois ele ajudaria as igrejas evangélicas, já que as católicas já seriam favorecidas pelo governo. Mesmo assim, ao ser indagado sobre se ainda olharia para outros candidatos à presidência se soubesse que um deles era evangélico, ele disse:

“Olharia sim, não ia votar nele só por ele dizer que é evangélico. Porque tem muitos evangélicos que dizem ser evangélicos, mas só dizem ser mesmo e não temem a Deus, não temem a palavra de Deus.” (Tarcísio, 39 anos, montador de móveis)

Bárbara foi outra que repetiu argumentos similares aos de Tarcísio. Embora ser evangélico fosse uma vantagem, isso não seria o bastante, pois ainda havia a questão da confiança. Muitos poderiam ser evangélicos, mas era fundamental conhecê-los bem (papel que

a igreja cumpria apresentando seus candidatos). Indagada se a presença de um evangélico no pleito influenciaria a sua escolha, Bárbara respondeu:

“Não, eu não ia me deixar influenciar porque é evangélico, porque nem sempre só porque a pessoa é evangélica significa que ela tem boas intenções. Entendeu? Nem sempre. De repente, naquele cesto, ela é a única maçã podre. Então, assim, por isso que eu falo, por um lado, é bom? É. Mas a partir do momento que é evangélico, certo que eu acho que a maioria deles, pelo o que eu vejo eles falarem, as atitudes, o jeito de pensar e agir, eu acho que a maioria é ateu. Eu acho que a maioria é ateu.” (Bárbara, 33 anos, vendedora)

Apesar de tudo, Bárbara conseguia citar pelo menos um candidato à presidência que era evangélico, o Pastor Everaldo, do PSC, mas apenas pelo “pastor” no nome, porque admitiu não o conhecer antes. Mesmo assim, sua opinião era de que o candidato era “surreal”, mais preocupado com a vida sexual dos outros do que com questões mais básicas, como saúde, educação e segurança. De fato, quando indagados sobre saberem se algum candidato era evangélico, os poucos que conseguiam citar algum falavam do Pastor Everaldo. Porém, quando ele não era levado a sério por causa de suas ideias, ele era desconsiderado por não ter chances reais de vitória. Quando perguntado se saber que um dos três principais candidatos à presidência era evangélico afetaria a sua opinião, Fernando, outro entrevistado, declarou:

“Sim, porque muda, muda muita coisa porque eu acho que... que nem, vamos supor, supondo que fosse o pastor Everaldo e a Dilma, o pastor Everaldo ia ter meu voto, você entendeu? Porque, poxa, a gente olha assim, a gente acha: ‘Pelo menos, poxa, o pastor... Ele vai fazer alguma coisa’. [...] Ele vai fazer alguma coisa, vai mudar muita coisa, vai ser mais honesto, honestidade... porque tem muitos que são honestos, eu acho que ia mudar, sim. Então, eu votaria.” (Fernando, 44 anos, motorista particular)

Gabriela também citou o Pastor Everaldo como um candidato evangélico à presidência, mas, igualmente, por causa do “pastor” no nome. Assim como Fernando, no entanto, ela relatou que nem prestava atenção nele, pois o mesmo não tinha chances de vitória. Mesmo assim, ela concordou que confiaria mais em um candidato se soubesse que ele fosse evangélico. Um fato curioso foi ela ter sido a única dos entrevistados a levantar a suspeita de que Marina Silva, do PSB, era crente. Quando questionada se sabia se algum dos três principais candidatos era evangélico, ela respondeu:

“Não, eu acho que não. A Dilma eu acho que não é, porque ela apoia o negócio de casamento gay, né? Aécio? Não sei. A Marina, ela tem um jeito de ser evangélica, mas eu não sei se ela é, não.” (Gabriela, 25 anos, ajudante geral)

Um discurso similar era encontrado entre os outros entrevistados, tanto do desconhecimento em relação ao fato de Marina ser evangélica, quanto da pouca importância dada a isso. É possível que este seja um aspecto particular à Igreja Universal, por não focar nesta questão em candidatos à presidência como em outras igrejas. Além disso, Marina pertence a outra denominação, a Assembleia de Deus. É verdade também que a candidata do PSB pouco utilizou sua religião como mote de campanha, diferentemente de Anthony Garotinho em 2002. Se assim fizesse, talvez conseguisse angariar mais votos entre estes entrevistados; por outro lado, poderia perder o apoio de segmentos mais progressistas, que defendem a laicidade do Estado. Como não o fez, torna-se difícil, portanto, de prever o que poderia ter ocorrido.

Ainda assim, é verdade que Marina Silva obteve uma proporção maior de votos entre evangélicos tanto em 2010 (ver PEIXOTO & RENNÓ, 2011) quanto em 2014 (ver AMARAL & RIBEIRO, 2015). Isso não confirma, entretanto, a tese de Simone Bohn (2007) de que haveria um voto de identidade para o eleitorado evangélico, mesmo que a variável de ser evangélico aumentasse as chances de votar na candidata. Uma hipótese para compreender este fenômeno seria a indicação das igrejas para votar em Marina. A candidata pertence à Assembleia de Deus, a maior denominação evangélica no país, e apesar de ser bastante plural, setores importantes da mesma, como a CGADB, declararam apoio a Marina após perceberem que o Pastor Everaldo, do PSC, não tinha chances de vitória, surgindo até um bordão: “Irmão por irmão, votem em quem pode ganhar a eleição”.⁸⁸ Esses apoios, portanto, podem ajudar a explicar porque Marina obteve uma proporção maior de votos entre evangélicos.

De qualquer modo, a presente pesquisa entre fiéis da Igreja Universal deixa evidente a pluralidade deste segmento religioso, já que não houve maior interesse dos entrevistados de buscar um candidato a presidente que segue a sua fé. A religião era um fator positivo, sim, mas longe de ser determinante, o que mostra que a tese do voto de identidade não pode ser generalizada entre todos os grupos evangélicos. Para o grupo pesquisado, mais importante era o histórico do político, o quanto eles o conheciam (e, aqui, o pertencimento à Igreja Universal

⁸⁸ Fonte: O Dia, 14 set. 2014.

seria fundamental), além da sua competitividade na disputa eleitoral; ou seja, suas chances reais de vitória.

3.3 A escolha do voto para presidente: mudanças de rumo, continuidade do lulismo

Diferentemente da eleição para deputados federal e estadual, quando o assunto era o voto para presidente, o conservadorismo moral dos entrevistados raramente surgia. A preocupação com a moral surgia com frequência para explicar o voto para deputado; entretanto, quando eram questionados sobre o que o Brasil precisava, ou o que o próximo presidente deveria fazer, suas preocupações eram outras: saúde, educação, segurança, salários melhores, ou seja, questões gerais – como as de outros cidadãos – que nada tinham a ver com sua religião. Douglas, que falou tanto sobre questões morais para justificar seu voto nos candidatos da Igreja, ao ser perguntado sobre qual partido menos gostava, deu uma resposta um pouco diferente:

“Nossa, tem o Partido Verde aí... [...] Que pô, eles vem com... eles prometem leis aí, que vão fazer coisas aí que a gente não está precisando, entendeu? A gente quer o básico. Só o básico. E nem o básico eles conseguem oferecer. Eles lançam algo totalmente diferente, tão diferente, que não é o que a gente está precisando. A gente quer sim que faça diferença, mas faça diferença nas coisas que a gente precisa. Que é a que os outros partidos estão... (eles) têm a intenção boa, mas até mesmo muitos não cumprem, né? São básicos. Segurança, saúde, educação, meio de transporte, essas... eu acho que essas quatro coisas, cara, são o fator principal pra sociedade ser... ser uma sociedade... como eu posso dizer... que venha a ser realizada, entendeu?” (Douglas, 24 anos, auxiliar de marceneiro)

Ou seja, para justificar o voto nos deputados, a base para isso era impedir a criação de leis que ferissem a moral. Porém, quando o assunto era o que o Brasil precisava, pensando no próximo presidente, o discurso voltava para questões mais gerais, como saúde, segurança, transporte, emprego e, também, o combate à corrupção. Havia a percepção de que o país estava melhor durante o governo Lula. Agora, com Dilma, as coisas já não andavam tão bem. Pouco se sabia sobre o que ela tinha feito como presidente, e não havia melhoras visíveis sob o seu governo. Havia uma sensação de estagnação ou piora nos indicadores econômicos que preocupava os fiéis.

- O Lula ajudou muito o povo brasileiro. Eu acho que o Lula, ele fez o básico, né?

- *O básico, como?*

- O básico assim, ele continuou o que os outros estavam fazendo, né? Mas, tipo assim, o Lula eu acho que foi um governo socialista. Tipo, ele visitou países, trouxe a Copa pra cá, para o Brasil, que nessa bagunça que teve, né, foi escolhida. Deu muito emprego pra várias pessoas, né? Ficou conhecido lá fora também, pelo bom... pelo bom, ou pelo ruim. É, foi uma época boa. [...]

- *No geral, você acha que o Brasil, ele melhorou ou piorou nos últimos quatro anos?*

- Olha, eu acho que piorou, né, porque antigamente era melhor. Questão de emprego, questão de moradia... (Heloísa, 30 anos, auxiliar de operações)

Curiosamente, Heloísa considerava “socialista” um governo que resolvesse as coisas “pela conversa, pelo diálogo”. Talvez este fosse o problema do governo de Dilma para ela: não era “socialista” o bastante. Havia uma percepção de crescente instabilidade no país que incomodava não apenas Heloísa, mas também outros fiéis. Quando o discurso de insatisfação surgia, um tema mencionado negativamente era a “bagunça”, ligada à série de manifestações que tiveram início em junho de 2013. De fato, as jornadas de junho foram fundamentais para a queda da popularidade da presidente, que caiu praticamente pela metade, de 57% para 30%, em menos de um mês⁸⁹.

A princípio, no 1º turno, Heloísa, classificou os candidatos à presidência como “figurinhas repetidas”, com exceção de Aécio, que ela não conhecia. Sendo assim, ela estava inclinada a anular seu voto para presidente. Apesar da visão positiva de Lula, e de ter votado em Dilma em 2010 por seguir a indicação do ex-presidente, Heloísa guardava opiniões bem negativas sobre o governo dela, que parecem ter sido herança da insatisfação com as manifestações de junho de 2013:

- “O governo Dilma... eu acho que, assim, foi uma época meio turbulada (sic). De greve, passeata, né? Aí ajudou um pouco, mas eu acho que foi o pior que teve, né? Muita bagunça, muita greve, muita perturbação.”

⁸⁹ Fonte: Estado de S. Paulo, 29 jun. 2013.

- *“Pior que teve desde quando?”*

- “Eu acho que foi o pior de todos (risada). Desde a época que eu me conheço por gente.” (Heloísa, 30 anos, auxiliar de operações)

Sua mãe, Nazaré, que morava na casa de baixo, havia um discurso similar. Com 60 anos de idade, Dona Nazaré veio da Bahia para São Paulo aos 17 anos, e morava naquela casa há pouco mais de 32 anos. Junto com seu marido, ambos foram construindo e melhorando a casa, que antes não passava de um “barraco”. Após ter problemas em seu casamento, em especial em razão dos problemas de bebida de seu marido, ela aceitou o convite de um colega de trabalho na firma onde trabalhava passando roupas, e visitou o templo da Igreja Universal em Santo Amaro, tornando-se evangélica desde então, por volta do ano de 1998. Ela estudou apenas até a 5ª série do Ensino Fundamental, e até chegou a tentar retomar os estudos em São Paulo, mas o trabalho pesado a impediu. Nazaré era também a entrevistada mais pobre da pesquisa. Aposentada, ganhava apenas um salário mínimo, então R\$ 724,00, mas estava em busca de algum trabalho para conseguir uma renda extra. Seu marido, alcoólatra em tratamento, não trabalhava, mas recebia ajuda do governo, o que ela considerava ser o Bolsa Família, embora nem ela soubesse afirmar com certeza. O que garantia a subsistência era a ajuda de sua filha, que, frequentemente, fazia as compras da casa.

Nazaré não votou no 1º turno porque estava na Bahia visitando parentes, mas admitiu que votaria nos candidatos da igreja se estivesse em São Paulo. Com relação ao voto para presidente, confirmou que iria votar em Dilma. Mas quando questionada a respeito do governo Lula, ela acabou revelando um pouco mais sobre o que a incomodava na política:

- É, o Lula também parece que não foi muito mal não. Foi um governo bem parecido, né, porque afinal é tudo do PT. Agora uma coisa assim que eu quero, também depois do negócio do PT, esses negócios de greve, essas coisas também estão tendo mais, que ele falou que não ia ter, entendeu, e a greve começou mais ainda...

- *Como assim?*

- Assim, porque as pessoas fazem muito greve, muita movimentação, muita coisa. Eu não sei se é do PT ou se, de onde vem esse negócio aí, essa bagunça. [...]

- *Mas o que que a senhora acha disso, dessas greves, dessa...?*

- Eu acho muito ruim isso aí. É muito ruim...

- *Por quê?*

- Porque qualquer coisa o pessoal faz greve, brigam, faz isso, aquilo outro, e quebra tudo os ônibus que a gente vai, o meio de transporte que a gente vai usar, que vai ser preciso mesmo, aí depende disso. Tem motivo das pessoas tacarem fogo e quebrar tudo? Que é isso! Isso aí é selvageria... (Nazaré, 60 anos, aposentada)

A rejeição à “bagunça” não era apenas de mãe e filha. Lembremos que Nelson, ao falar de Milton Leite, criticou seu filho por causar baderna em protestos contra a Copa. De fato, muitos dos entrevistados viam protestos, greves, com receio, de forma negativa. Este discurso de apego a ordem não é novo na política brasileira. É um discurso similar ao que Pierucci (1999) encontrou em seu estudo entrevistando eleitores paulistanos de classe média baixa e de direita nos anos de 1986 e 1987. É claro, quando perguntados se achavam que as pessoas tinham o direito de protestar e fazer greve, os fiéis mudavam o tom, davam uma resposta mais politicamente correta e concordavam que sim; todavia, ressaltavam que eram contra tudo que acabasse em “bagunça”. Os prejudicados quando as coisas saíam do controle, de acordo com eles, eram sempre os mais pobres. Esse discurso contraditório ficou explícito na fala de Nazaré após criticar as manifestações de junho de 2013:

- Ah, eu achei muito ruim mesmo. Eu trabalhava, às vezes eu tinha que vir andando de pé, aquela bagunça. Eu trabalhava ali perto do Shopping Morumbi, às vezes eu vinha até o viaduto Santo Amaro, pra às vezes conseguir um ônibus, pra vir pra casa. É muito ruim.

- *Mas a senhora não acha que as pessoas têm que também lutar pelos direitos delas?*

- Eu acho, né, mas... Se resolve alguma coisa eu tenho o direito de lutar, né. Eu tenho o direito de lutar, porque aqui só resolve tudo à base da luta, à base da briga. Se o pessoal não ir pra rua não consegue nada, não é? Só que as pessoas sofrem, mas fazer o quê?

- *A senhora acha que não consegue nada com isso?*

- É, porque se não ir à rua, se não lutar, não consegue. Se não chamar a atenção, não é? Porque se ficar quieto e não lutar, não consegue.

- *Mas aí então o correto é ir às ruas?*

- É. É ruim pra gente que trabalha, e a gente, né, sofre muito, mas a solução é essa. (Nazaré, 60 anos, aposentada)

Tudo isso vai de acordo com a lógica do lulismo, que, como foi mencionado no início, implica a manutenção da ordem sem rupturas e sem confronto com o capital. Portanto, havia o temor entre os entrevistados de ver esta ordem “quebrada”, pois, no final, seriam eles os mais prejudicados. Ao mesmo tempo, eles queriam ver a continuidade da redução da pobreza, o que significava o apoio aos programas sociais e anseios por melhores serviços públicos, empregos e salários.

Sendo assim, Heloísa diminuiu o tom pessimista, em outro momento, ao reconhecer que o governo Dilma havia feito coisas boas pelo “sertão” – seus pais, aliás, eram ambos migrantes da Bahia. Em relação ao Bolsa Família, Heloísa também demonstrava uma opinião positiva. Isso ocorria especialmente porque, de acordo com ela, seu pai era beneficiário do programa por sofrer de alcoolismo, o que, portanto, o impedia de trabalhar. Assim, o programa seria “ótimo” para pessoas que precisam, como o seu pai.

“Bom, eu acho que o Bolsa Família é ótimo pra ajudar as pessoas que precisam. Mas tem gente que não precisa, né? Tem gente que não precisa, e aproveita. Que nem assim, meu pai... eu te falei do probleminha que ele tem, de saúde. Ele ganha o Bolsa Família. É uma ajuda... é que nem uma ajuda de custo, né? Pra ele comprar as coisinhas dele lá, que ele precisa pra... as roupas, uma coisa diferente, né? É uma ajuda que ele tem. [...] Às vezes você está cheio de conta, não tem como poder ajudar ele. Aí tem aquele dinheirinho que entra, já ajuda.” (Heloísa, 30 anos, auxiliar de operações)

Outro entrevistado a citar o Bolsa Família foi Nelson. Apesar de afirmar não se interessar muito por política, ele guardava uma visão positiva de Lula, cujo governo, de acordo com ele, havia sido “bom pra caramba”. Quando tinha por volta de 16 anos, sua família passou por dificuldades financeiras. Em razão disso, houve um momento no qual chegaram a receber o Bolsa Família. Este tópico aparece na sua fala ao responder o que achava do governo Dilma:

- Foi mais ou menos, tanto bom como ruim.

- *O que teve de bom?*

- Bom, foram algumas coisas que colocou, ela continua esse negócio da Bolsa Família, ela continuou com esse projeto, porque muitas pessoas realmente dependem, não têm um trabalho que ganha muito bem. E esse Bolsa Família ajudou eles. Então

essas coisas aí ajudam pra caramba. Como a gente já teve, quando eu estudava eu tinha essa Bolsa Família, e ajudava muito a gente. (Nelson, 24 anos, técnico de rede)

Wanda, por outro lado, lembrava da questão de emprego. Durante o governo Lula, ela afirmou que não ficou desempregada, e sentiu que houve uma melhora em sua vida. Porém, Wanda não estava muito satisfeita com o então governo de Dilma Rousseff, e apenas ter um emprego não era mais o bastante, ela queria mais. Quando questionada sobre o que o Brasil mais precisava, ela foi categórica:

“Eu acho o salário mínimo uma piada. Qual é a pessoa que consegue viver com um salário mínimo? Tem gente que ganha um salário mínimo, mas e aí, (e) se ela precisa pagar aluguel? O que vai sobrar? Porque, você vai alugar dois cômodos, você paga, no mínimo, 400 reais. Eu falo isso porque eu conheço pessoas, amigos meus da rua mesmo, que alugam casa que eles alugam por 500, 400, dois cômodos. Então uma pessoa que ganha um salário mínimo que está 750, se a pessoa vai pagar um aluguel de 500 reais, ela vai sobrar 250 reais, e ela vai fazer o quê? Com 250 reais? Então eu acho que é o salário, (o) salário mínimo é uma piada no Brasil.” (Wanda, 52 anos, copeira)

E assim seguiam as falas dos entrevistados, uns citando a necessidade de mais investimento na saúde, outros em educação, mas, no geral, um anseio por melhores serviços públicos. Portanto, quando a discussão era sobre o que esperavam do próximo presidente, os entrevistados expressavam que queriam a continuidade de melhoras num ritmo similar que sentiram durante o governo Lula. De fato, 10 dos 12 entrevistados aprovavam o governo do ex-presidente. Quando diziam que queriam mudanças era justamente porque queriam mais avanços de um governo que já não estava mais correspondendo aos seus anseios, o que não significava necessariamente mudar o partido no poder. A questão era encontrar o candidato que pudesse melhor corresponder a esse desejo misto de mudança com continuidade.

3.4 O voto pela continuidade

A campanha de Dilma parece ter entendido bem o desejo dos brasileiros de mudança com continuidade adotando lemas como “mais mudanças e mais futuro”⁹⁰. Todavia, mesmo entre aqueles com quem conversamos que decidiram por votar em Dilma Rousseff, a maioria

⁹⁰ Fonte: PT.org.br, 21 jul. 2014.

não estava necessariamente muito satisfeita com o seu governo. Era comum notar uma dificuldade em citar aspectos positivos de seu mandato, e havia uma impressão de que ela não havia feito nada, que o país estava o mesmo, ou pior. Assim, uma sensação frequente entre os fiéis era de que seria preciso, então, “mudar”. Sendo assim, muitos flertaram com a ideia de votar em Marina, ou ao menos de considerar a sua candidatura, uma ideia que foi perdendo fôlego com o desgaste da candidata do PSB ao longo da campanha.

Heloísa acreditava, naquele momento, há alguns dias do 1º turno, que Marina iria ganhar, por achar que, como ela veio de baixo, que as pessoas iriam pensar “que ela sabe o que o povo passou”. Mesmo assim, ela não sentiu “firmeza” na candidata e, portanto, não se sentia impelida a votar nela. Ao ser entrevistada novamente um dia antes do 2º turno, Heloísa admitiu, entretanto, que havia desistido da ideia de votar nulo no 1º turno, e acabou votando em Aécio Neves. Porém, após assistir ao último debate na Rede Globo, ela acabou mudando seu voto mais uma vez, declarando apoio à reeleição de Dilma. Quando questionada por quê, ela disse:

“Olha, como eu falei, a Dilma ajudou muito o pessoal do Nordeste, né? É uma coisa boa, entendeu? Agora, tipo assim, ela entrou numa época de crise. Então... eu acho que ela está dando continuação, ela está fazendo bem. Mas acho que se São Paulo não tivesse tanta crise assim, tanta bagunça... São Paulo não, o Brasil todo, tanta bagunça dessas coisas assim, ela ia fazer mais coisas. Então, teve oportunidade, né? Mas quem sabe... Agora está mais calmo, ela consegue.” (Heloísa, 30 anos, auxiliar de operações)

Assim como Heloísa, que acabou mudando seu voto para Dilma apesar das ressalvas quanto ao seu governo, uma tendência encontrada entre os entrevistados que votaram na candidata petista é alguma ligação com os programas sociais criados pelo governo do PT, em particular o Bolsa Família. Entre os que votaram para a sua reeleição, 5 dos 8 entrevistados admitiram receber, já ter recebido, ou conhecer algum familiar próximo que recebesse ou já tivesse recebido algum auxílio por meio do Bolsa Família. Entre os outros 4 entrevistados que não votaram em Dilma no 2º turno, apenas 1 tinha algum familiar próximo que recebia o Bolsa Família e, mesmo assim, ele decidiu por votar nulo. Isso vai de acordo com o encontrado por Yan Carreirão (2007) nas eleições de 2006, quando ser beneficiário do Bolsa Família, ou conhecer alguém próximo que o fosse, aumentava a propensão de votar no candidato petista. Em sua pesquisa, Carreirão encontrou que a intenção de voto em Lula subiu de 39% para 56% entre quem conhecia alguém próximo que recebesse o Bolsa Família, e para 62% para quem o recebesse diretamente.

Nelson também foi um deles. Há algumas semanas do 1º turno das eleições, ele estava indeciso quanto ao seu voto. Por um lado, simpatizava com a figura de Marina; por outro, reconhecia que havia coisas boas no governo Dilma, embora sem muito entusiasmo. Assim, disse que votaria em uma das duas, já que nem conhecia os outros candidatos. Como declarou:

- “Eu não sei te dizer em quem vou votar. Mas se fosse votar, eu votava na Dilma mesmo. Entre a Marina ou a Dilma mesmo, uma das duas, porque no resto eu não votaria não, porque eu não conheço e nunca ouvi falar e nunca vi projeto nenhum.”
(Nelson, 24 anos, técnico de rede)

E, de fato, apenas nas vésperas das eleições, ele decidiu votar em Dilma, tanto no 1º quanto no 2º turno. Wanda, a copeira de 52 anos, seguiu trajetória similar. Antes de ser entrevistada, Wanda alertou logo de antemão que não sabia nada sobre política, e que muito menos acompanhava o tema, apesar de ter vergonha disso. Todavia, assim como qualquer cidadão, ela estava ciente de alguns temas que lhe interessavam, como o aumento do salário mínimo ou a lei que estendia direitos às empregadas domésticas, já que trabalhou por muitos anos nesta função. Ela reclamava, entretanto, de que a lei, de acordo com ela, não havia sido ainda regulamentada. Mesmo assim, respondendo à pergunta sobre se tinha algum partido político de preferência, Wanda admitiu sempre ter votado no PT. Quando questionada por que, ela disse:

“Sei lá, porque acho que... como o pessoal fala, é Partido dos Trabalhadores, então a gente fica meio nessa coisa, assim: ‘eu sou trabalhadora, então vou votar no PT, né?’” (Wanda, 52 anos, copeira)

Apesar de não acompanhar as eleições, Wanda tinha uma opinião geral sobre os candidatos, em grande parte pelo que ouvia dos outros. Nas semanas anteriores ao 1º turno, aliás, dois candidatos eram sempre os mais comentados: Dilma e Marina. Aécio, geralmente, era lembrado como “aquele outro candidato lá”, sobre o qual não se sabia quase nada a respeito. Quando questionada sobre o que achava de Dilma, especificamente, Wanda foi direta ao ponto:

- Olha, eu não vou votar na Dilma. Não vou votar, isso aí eu já vi que não vou votar.

- *Por quê?*

- Olha, eu não sei, acho que precisa mudar um pouco, né? Porque, se todo mundo está falando que ela não fez nada até agora, vai ficar mais 4 anos sem fazer nada?
(Wanda, 52 anos, copeira)

Mesmo assim, Wanda reconhecia avanços dos últimos governos do PT. Em particular quanto ao Bolsa Família, ela admitiu e valorizou a sua importância para os mais pobres. Embora ela não tenha sido beneficiada pelo programa, sua irmã havia recebido, o que, de acordo com ela, ajudou bastante. Ao ser perguntada sobre os programas sociais do governo, ela respondeu:

- Assim, programa você quer dizer assim, Bolsa Família, esses negócios? Eu conheço minha irmã, minha irmã ela veio da Bahia assim, eu lembro que, assim que ela chegou, ela fez a inscrição, minha sobrinha era pequena, ela fez a inscrição, e aí ela já começou a receber esse Bolsa Família.

- *E o que você acha do Bolsa Família?*

- Ah, acho legal, para quem precisa, não é?

- *Ajudou bastante a sua irmã?*

- Ajudou. Ela chegou pagando aluguel, trabalhava, ganhava pouquinho, e aí já ajudava, sim. (Wanda, 52 anos, copeira)

Numa entrevista posterior, já no 2º turno, Wanda admitiu que não conseguiu acompanhar os debates na TV e acabou recorrendo a uma prática da qual ela mesma disse ter vergonha: sem saber em quem votar, Wanda pegou o primeiro “santinho” que encontrou na porta de casa e votou nos candidatos indicados. Coincidentemente, eram “santinhos” de candidatos do PT, o que a fez votar em Dilma no 1º turno, contrariando a sua intenção inicial. No 2º turno, no entanto, Wanda optou novamente por votar em Dilma, desta vez de forma consciente. Ela alegou que, após conversar com colegas de trabalho, convenceu-se que Dilma tinha, de fato, feito algumas coisas (sem conseguir especificar exatamente o quê, apenas coisas que os outros governos não teriam feito), o que justificava o seu voto nela.

Dos 8 entrevistados que votaram em Dilma, ao menos 3 deles não citaram terem sido ou serem beneficiários de programas sociais do governo federal, assim como não tinham familiares próximos que participavam deles. Todavia, essas 3 pessoas tinham algo em comum, pois seus filhos ou netos puderam ter a oportunidade que eles não tiveram de ir à universidade. O caso mais emblemático foi o de Fátima, de 59 anos, já citada antes. Antigamente, ela trabalhava numa clínica de cardiologia prestando serviços gerais, como faturamento, entrega

de guias, etc. Porém, ela padeceu de um câncer de mama e ficou afastada do serviço. Ao voltar, o trabalho que fazia havia sido terceirizado, e ela ficou sem emprego. No período da entrevista, ela trabalhava como diarista, além de costureira, e recebia uma ajuda financeira da filha. Em sua casa, ela morava junto a sua mãe, uma irmã e seu genro. Sua renda individual era cerca de R\$ 1.000,00, e a renda familiar mensal de aproximadamente R\$ 4.000,00.

Apesar de ter quatro filhos, todos eles já moravam fora de sua casa. Uma delas, inclusive, a mais velha, tinha ensino superior completo, tornando-se advogada, fato do qual Fátima se orgulhava muito. De todos os entrevistados, Fátima mostrou-se a eleitora mais convicta do PT e a mais interessada em acompanhar política no seu dia-a-dia. Ao ser questionada por que o PT era o seu partido de preferência, ela respondeu:

“Porque eu acho que ele, nos últimos 10 anos, trabalhou muito para a nossa classe pobre, né, vamos dizer assim, pro pobre. Eu acho que mudou muito, porque eu posso te dizer que, há 10 anos atrás, se fosse agora aquela política de 10 anos atrás, eu não teria uma filha advogada. Ela nunca ia poder estudar. A filha dessa senhora que está ali, ela é formada, também, o marido é formado. Eu tenho duas outras sobrinhas formadas, eu tenho vários sobrinhos meus formados depois dessa política. Eu não vou te dizer que eles participaram do Prouni, não vou te dizer que eles estudaram sem pagar. Pagaram sim, mas tiveram condições de pagar. E antigamente, a gente nem podendo pagar a gente conseguia ter a faculdade. Não fazia faculdade.” (Fátima, 59 anos, diarista)

Mais do que uma postura pró-Dilma e pró-PT, dizendo que não havia o que reclamar de seu governo, pois era de continuidade ao de Lula – o que era bom – Fátima tinha grande rejeição a Aécio Neves. Mineira de origem, ela veio morar em São Paulo, já no bairro de Piraporinha, com 15 anos, mas ainda mantinha vários familiares em Minas Gerais, estado o qual ela visitava de vez em quando. Em razão disso, ela dizia conhecer bem o candidato tucano, chamando-o de um “fracasso”. Ao ser indagada por que achava isso, ela disse:

“Eu acho que ele foi o pior governador dos últimos tempos em Minas Gerais. Todo mundo reclama, eu tenho minha irmã que mora lá. Todo mundo reclama. Todo mundo que mora em Minas Gerais reclama. Outro dia eu até comecei a debater assim com uma, e falei: ‘opa, para, que política, religião e futebol não se deve discutir’. Mas um médico, lá no posto de saúde, lá no São Luís, estava fazendo a cabeça de todo mundo, todos os pacientes dele que entravam: ‘você vota no Aécio’. Aí ele veio falar comigo, eu disse: ‘o senhor é de Minas? Não. O senhor mora em Minas? Não. O senhor

já morou em Minas? Não. Então é por isso que o senhor está mandando o povo votar no Aécio, porque o Aécio, meu filho, foi o pior governador das últimas décadas em Minas Gerais'. Como assim? Aí eu fui falar para ele, num instantinho, ele calou a boca e nunca mais falou nada." (Fátima, 59 anos, diarista)

Assim, o voto dos eleitores de Dilma pautou-se muito pela percepção de ver melhoras tanto em suas vidas, quanto na de seus familiares, em particular por meio de programas sociais como o Bolsa Família. É importante ressaltar, contudo, a diferença entre receber ou não o benefício do Bolsa Família e ter uma visão positiva ou negativa sobre o programa. Houve quem visse o programa negativamente (Norma) e ainda assim votou em Dilma, e quem o visse de forma positiva (Gabriela), e acabou votando em Aécio. Entre os eleitores de Aécio, os programas sociais do governo do PT simplesmente não apareceram em suas falas (a não ser por Bárbara – que veremos mais adiante – que os criticou), e quando foram indagados sobre a sua opinião a respeito, ela era comedida, e respondendo que não o recebiam nem tivessem algum familiar que o recebesse.

Assim, antes de estar ligado à opinião sobre o programa, recebê-lo em algum momento ou ter alguém próximo que o recebeu mostrou-se uma característica comum entre os eleitores de Dilma, o que os ajudou a reconhecer algum benefício – apesar de tudo – realizado pelo governo da presidente. Esta tese se confirmou com o trabalho de Oswaldo do Amaral e Pedro Ribeiro (2015) que identificaram, com base nos resultados do Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB) 2014, uma associação entre a participação no Bolsa Família (ou de alguém de sua residência) com maior propensão ao voto em Dilma, embora seja um efeito eleitoral que tenha surgido no 2º turno, provavelmente pelo acirramento da disputa entre polos opostos. Portanto, apesar de muitos flertarem com a ideia de mudança, nas vésperas das eleições, a maioria dos entrevistados decidiu seguir com o PT, embora sem tanto entusiasmo, por descrença que o outro candidato fosse uma alternativa melhor para continuar com os avanços sociais que desejavam.

Por fim, ressalta-se a ausência da religião e de questões morais na fala dos entrevistados. Em nenhum momento os fiéis que votaram em Dilma associaram ela ou o seu partido a uma ameaça à Igreja Universal, aos evangélicos em geral ou aos seus valores morais. Tampouco, estranhavam o silêncio da igreja sobre o pleito presidencial. Se a igreja ou o bispo Macedo não quis se posicionar, isso era aceito de forma natural, sem questionamentos. Assim, a religião não foi um entrave para o voto em Dilma, levando os fiéis a decidir apenas pelos critérios mencionados.

3.5 O ponto fora da curva: o único voto antipetista

Quatro entrevistados não votaram em Dilma, mas apenas uma fiel, que votou em Aécio, apresentava o posicionamento mais antipetista entre eles. Era o caso de Bárbara, uma vendedora autônoma de cosméticos de 33 anos. Ela passou a frequentar a Igreja Universal a partir de 2010, quando percebeu estar insatisfeita com a sua vida pessoal, mas apenas começou a ir ao templo de Piraporinha em 2011. Questionada sobre a sua motivação para procurar a igreja, ela admitiu:

“Ah, como a maioria das pessoas, a gente vai para a igreja buscar Deus pela dor e não pelo amor, não porque: ‘Ah, estou achando bonito, vou lá’. Não, a gente vai com interesse, com o fundamento de querer mudar a vida. Entendeu? Que é o que a maioria chega, como eu também.” (Bárbara, 33 anos, vendedora)

Bárbara morava em uma das casas mais bem equipadas que visitei, com diversos eletrodomésticos, TV a cabo e videogame com jogos originais. Ela, vendendo cosméticos de marcas como Natura, Avon, etc, ganhava pouco, tirando em média uns R\$ 650,00 por mês. No entanto, seu marido, com quem estava casada (embora não oficialmente) há cerca de 10 anos, trabalhava como vigilante para duas empresas diferentes, o que lhe dava uma renda mensal de cerca de R\$ 2.400,00. Assim, o casal e as duas filhas pequenas, uma de 7 anos, e outra de 1 ano e meio, tinham uma renda familiar mensal de cerca de R\$ 3.000,00.

Dentre todos os entrevistados, Bárbara apresentou o discurso mais reacionário: contra imigrantes (falando mal tanto de nordestinos quanto de haitianos), contra o PT e contra “comunistas”. Diferentemente de Heloísa, que tinha uma definição mais “positiva” do que significa ser socialista, o entendimento de Bárbara sobre o que era comunista era bastante pejorativo:

“Para mim, ser comunista é enganar, é você lutar pelo ideal que não é verdade, entendeu? Para mim, é isso. Comunista, de hoje em dia, é você fingir: ‘Ah, eu vou lutar pelo meu país’. Mas na realidade você está dando é banana para o seu país. Você está roubando, entendeu? Você aceitar o que é incorreto, você aceitar, o que... ou seja, comunista para mim, é você participar de um regime em que as pessoas só pensam em seus próprios benefícios e não no benefício da nação, não em benefício do povo.” (Bárbara, 33 anos, vendedora)

Com uma visão tão negativa do que seria um comunista, não surpreende tanto que Bárbara não gostasse de Lula e seu partido. Ao entrar no tópico de política partidária, a vendedora deixou clara a sua antipatia ao PT, embora repetisse argumentos similares aos outros entrevistados de que o partido não fez nada, e apenas falava muito. Porém, ao mesmo tempo em que apresentava um discurso antipetista, Bárbara foi a única entrevistada que realmente admitiu uma simpatia pelo PSDB. É neste momento que fica mais nítida a sua percepção de pertencer não à classe trabalhadora em si, mas a uma classe média baixa. Ao responder sobre por quais políticos ela tinha simpatia, além do ex-prefeito Paulo Maluf, ela mencionou em especial o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Sobre este último, ela disse:

“O que eu gosto, eu vou te falar, é Fernando Henrique. Eu acho que foi um bom presidente. Porque ele beneficiou muito... ele beneficiou mais a classe média baixa do que a classe alta. (Mas) não é que nós somos melhores que eles. Não é isso.” (Bárbara, 33 anos, vendedora)

Apesar de Bárbara e sua família não ganhar necessariamente mais do que os outros entrevistados, ela foi a única a realmente se considerar classe média, mesmo que baixa. Os outros entrevistados admitiam ser pobres, e quando ficavam constrangidos de se classificarem assim, também hesitavam em utilizar o termo “classe média”. Eram utilizados os termos “pobre”, “povo”, “trabalhador”, e no máximo “nem uma coisa nem outra”; ou seja, nem pobre, nem classe média. Bárbara, entretanto, claramente se diferenciava daqueles mais pobres, os que dependem de programas sociais, daqueles vindos do Nordeste ou ainda de outros países. Sendo assim, não é surpreendente que vendedora adotasse em sua fala muito do discurso de classe média, apresentando, inclusive, um posicionamento mais negativo em relação ao Bolsa Família, o que divergia dos outros entrevistados. Mesmo quando ela reconhece um lado positivo sobre o benefício, o argumento se baseia em retorno à população pelo que ela já pagou em impostos. Ao dar sua opinião em relação ao programa, Bárbara explicou:

“Por um lado, é um bom benefício, mas por outro, não. Por quê? Eles... tem pessoas que não necessitam que eu já ouvi falar, que recebem, e tem pessoas que não recebem e precisam. Por outro lado, é uma maneira de querer que as pessoas se prenam a eles, entendeu? E também é aquela coisa, muitas pessoas falam: ‘Eu não vou trabalhar porque eu recebo isso.’ Só que a pessoa não sabe que isso aí na realidade é apenas o dinheiro que o governo já tirou de você há anos atrás. É uma maneira de amenizar a situação daquela pessoa. Simplesmente isso. É que, claro, o Bolsa Família, como o sistema da nota fiscal paulista, como outros vários tipos de benefícios que o governo diz

que dá para nós é uma maneira de diminuir o tanto que foi já tirado a mais, um absurdo. Apenas isso, eles apenas estão devolvendo o que é nosso por direito.” (Bárbara, 33 anos, vendedora)

Esta separação que Bárbara realizava condizia com a falta de identidade de classe que ela tinha com outros até na mesma situação que ela, ou o que E. P. Thompson chamaria de “consciência de classe”. O autor define este conceito como “a consciência de uma identidade de interesses por entre todos esses diversos grupos de pessoas trabalhadores e contra os interesses de outras classes”⁹¹ (THOMPSON, 1966: p. 194). Assim, faltava a Bárbara a consciência de que seus interesses eram os mesmos que os dos outros fiéis – auxiliada pela percepção que não teve melhoras sob o governo de Dilma –, ou mesmo de outras pessoas em condições sociais similares. Não é surpreendente, portanto, que Bárbara não votasse no PT. Este, porém, não era um posicionamento recente, pois a mesma mostrava antipatia tanto por Dilma quanto Lula (este último por ser “comunista” e “lobo em pele de cordeiro”), ainda que utilizando alguns argumentos clichês. Ao falar sobre o porquê não gostava de Dilma, ela respondeu:

“A Dilma, por quê? Vou explicar. A Dilma, ela governa não para a gente, ela distribui cesta básica no Nordeste, ela tem pessoas que trabalham para ela... esse desvio grande da Petrobrás... A Petrobrás é brasileira, ela não tem que vender para os americanos. Outra coisa, ela é conivente com os roubos e falcaturas que tem dentro do partido dela. Ela, como presidente, ela não pode admitir. E outra, a manifestação das pessoas é apenas um reflexo do descontentamento que as pessoas estão tendo em relação a ela. Ela permitiu que fizessem estádio na Copa do Mundo, sendo que a prioridade não é estádio, a prioridade é saúde, educação e segurança. Saúde, educação e segurança, entendeu? (Bárbara, 33 anos, vendedora)

Assim, Bárbara já apresentava um histórico de votar em candidatos da oposição. Sua simpatia pelo PSDB só não era superada pelo seu antipetismo. Em 2014, não foi diferente: a vendedora votou em Aécio Neves tanto no primeiro quanto no segundo turno, alegando que era preciso tirar o “velho” para colocar “uma coisa nova”. Era, no entanto, a única antipetista do grupo. Os outros entrevistados, que decidiram não votar em Dilma, tinham outros motivos para não reeleger a presidente, como se verá a seguir.

⁹¹ Tradução do original em inglês realizada por este autor.

3.6 O voto pela mudança

Dos quatro fiéis que não votaram em Dilma, três tinham um histórico de voto no PT. Porém, isso não foi o suficiente para repeti-lo nestas eleições. Entre dois deles, o motivo mais relevante para votar na oposição, foi a sensação de que não teria ocorrido mudanças em suas vidas no último governo. Mesmo quando não houvesse piora, também não teria ocorrido alguma melhora, o que gerava algum grau de insatisfação entre esses entrevistados.

Foi o caso, por exemplo, de Tarcísio, de 39 anos, já citado anteriormente. Ele nasceu na Bahia e veio para São Paulo junto com a família em 1993. Inicialmente católico, começou a frequentar à Igreja Universal por volta de 1998, junto com um amigo. Há pouco mais de um ano, distanciou-se da igreja e teve depressão, inclusive tentando suicídio, o que ele alega ter sido fruto de um “trabalho” contra ele, de alguém com inveja, e também em razão do seu passado, por adorar imagens na Igreja Católica, o que “quase destruiu” a sua vida. Todavia, com a ajuda dos pastores e obreiros, que vieram à sua casa para orar, e tomando remédios contra a depressão, ele conseguiu se recuperar, voltou a frequentar à igreja e, hoje, trabalhava como montador de móveis para uma grande loja de departamentos. Seu salário, sem descontos, dava cerca de R\$ 3.000,00, e depois dos descontos, sobrava algo próximo a R\$ 2.100,00. Sua esposa, uma auxiliar de limpeza, ganhava R\$ 800,00, o que lhes davam uma renda familiar mensal de quase R\$ 3.000,00 para sustentar os dois, um filho do casal e dois filhos dela de outro relacionamento. Individualmente, Tarcísio tinha um dos salários mais altos entre os entrevistados. Mesmo assim, morava na casa mais simples. Por fora, faltando bastante acabamento, com uma aparência malcuidada; por dentro, um pouco apertada, com uma escada íngreme de acesso, mas sem faltar geladeira, TV de tela plana, fogão, entre outros aparelhos domésticos. Apesar de admitir que gostaria de se mudar, aquela casa, pelo menos, era sua porque havia conseguido comprar e não precisava, portanto, pagar aluguel.

Sobre as eleições, Tarcísio demonstrava ter algum grau de insatisfação com o governo Dilma, mas no momento da entrevista, uma semana antes do 1º turno, e de forma similar à maior parte dos entrevistados, ainda não sabia em quem votar para presidente. Em consonância com os outros entrevistados, ele também não gostava de política, acreditando que os políticos só surgiam em épocas de eleições para conseguir votos. Mesmo assim, nutria simpatia pelo ex-presidente Lula, achando que ele tinha sido um bom presidente em razão da sua origem como

trabalhador. Quando perguntado sobre a sua opinião em relação ao PT, a resposta foi surpreendente:

“É um partido que eu me identifiquei mais. Os políticos, as propostas deles, o jeito deles serem, eles falarem, né? Esses outros partidos eu não conheço bem. [...] O PT é um partido que luta pelo povo mesmo, entendeu? Por isso que eu me considero um petista mesmo.” (Tarcísio, 39 anos, montador de móveis)

De qualquer modo, quando perguntado se achava que a política influenciava a sua vida, a resposta foi negativa. De fato, na sua fala, em nenhuma vez aparece a menção a algum programa social realizado pelo governo do PT. Ele reconhecia que o governo Lula tinha feito algo pelos mais pobres; porém, na sua vida, nada teria mudado. Emprego, por exemplo, nunca tinha sido um problema, já que ele nunca tinha ficado desempregado. Assim, para ele, falava-se bastante que Dilma tinha feito muito, mas ele não sentia ou via diferença alguma na sua vida, embora admitisse que não buscava acompanhar ou se informar melhor sobre política. Quando indagado o que achava do governo Dilma, ele disse que não via nada, que estava a “mesma coisa”. Questionado se isso era bom ou ruim, ele respondeu:

“É bom, eu acho. É que eu acompanho a televisão assim, política, não vejo, não acompanho muito. [...] Tem gente que pesquisa, eu não faço isso, eu não pesquiso. Tem gente que pesquisa o candidato, o que ele fez e o que ele está fazendo. Geralmente eu não faço isso, entendeu? Aí o que a Dilma está fazendo, eu não sei o que o ela está fazendo. Eu sei que ela está continuando, está dando continuidade ao que o Lula deixou, né? Mas, pra mim, está a mesma coisa, emprego, saúde...” (Tarcísio, 39 anos, montador de móveis)

Assim, nem mesmo toda a simpatia em relação ao PT não foi suficiente para votar no partido nestas eleições. Tarcísio, no 1º turno, acabou decidindo votar em Marina, nos candidatos da igreja para deputados estadual e federal, e em Alckmin e Serra para governador e senador, respectivamente. No 2º turno, ele demonstrou ainda mais insatisfação com Dilma, alegando que ela só tinha sido eleita por causa do Lula, e que não tinha vontade própria. Em suas palavras:

“Votei na Marina porque a Dilma estava muito com conversa fiada. Estou vendo essas conversas da Dilma aí, a Dilma não decide o que quer da vida. Uma hora ela está na Igreja Universal com o Bispo Macedo, outra hora a Dilma está na Igreja Católica junto com os padres lá. Ah, a Dilma não sabe o que quer, não! E ela está dizendo que, se ganhar, vai liberar a maconha.” (Tarcísio, 39 anos, montador de móveis)

Sabe-se lá onde ele viu ou ouviu que a Dilma legalizaria o uso da maconha. É interessante, todavia, como uma pessoa que se via como petista acabou votando somente em candidatos de oposição ou da igreja. A lealdade pertencia mais a Lula, e menos a Dilma e ao PT. Dilma, em sua visão, apenas buscava continuar o que Lula tinha feito, e não fazia as coisas por conta própria. A princípio, isso seria bom, mas o sentimento era de estagnação das melhoras no país, de que não havia uma continuidade de fato. Assim, Tarcísio declarou o voto em Aécio Neves no 2º turno, apesar do voto consistente em Lula e Dilma nas eleições passadas. Ao explicar por quê, ele afirmou:

- Porque a Dilma já ficou... A Dilma está, tipo assim, o que ela faz é incentivo do Lula. Ela está fazendo... o que o Lula já começou ela está querendo terminar. Entendeu? Ela não está decidindo por ela mesma, está fazendo a orientação do Lula. O que o Lula fala, ela está fazendo. Eu não estou gostando muito do governo dela, não.

- *Por que você não está gostando muito do governo dela?*

- Parece que ela fala muito, só falação, só. (Tarcísio, 39 anos, montador de móveis)

Essa “falação”, de falar que o PT ajudava os mais pobres sem sentir essa diferença na pele, foi o que levou a ajudante geral, Gabriela, de 25 anos, a votar em Aécio também. Na eleição de 2014, Gabriela deixou claro que não votaria em Dilma, apesar de reconhecer que o PT governava para os mais pobres e admitir que Lula tinha sido um bom presidente. Quando questionada se tinha algum partido político de preferência, ela expressou seu desgosto com o PT:

- “Não, eu não tenho não. Eu só não gosto do PT. Nunca gostei.”

- *“Por quê?”*

- “Ai, sei lá. Assim, até que o Lula entrou, fez alguma coisa, sabe, pela gente. É, o PT até que fez alguma coisa, por causa do Lula. Mas a Dilma... [...] Acho que esse pessoal do PT fala demais e não faz nada. O único que conseguiu fazer alguma coisa foi o Lula. O único. Fez um pouquinho, pelo menos fez um pouco. Mas os outros só fizeram besteira.” (Gabriela, 25 anos, ajudante geral)

Gabriela admitiu que, em 2010, votou em Serra no 1º turno, e queria continuar votando nele; porém, como a igreja pediu votos para Dilma, ela votou na candidata petista no 2º turno. Agora, sem que a Igreja Universal manifestasse um apoio oficial a qualquer um dos candidatos,

ela se afastava, definitivamente, do apoio ao PT, embora admitisse que votaria em Lula caso fosse ele o candidato. Assim, no 1º turno de 2014, ela votou em Marina, por simpatia em relação à sua origem humilde, o que, supostamente, torná-la-ia mais preparada por conhecer melhor a situação vivida pelos mais pobres. No 2º turno, insistindo na sua aversão à candidata do PT à reeleição, Gabriela escolheu votar em Aécio, mesmo citando a fama do candidato e a de seu partido de governar para os mais ricos:

“Ai, não gosto da Dilma. Eu não vou votar nela, não vou votar de jeito nenhum. Tudo bem que todo mundo fala: ‘Ai, que o Aécio, ele é do partido que faz só coisa pra gente rica.’ Que o partido que o Aécio está é partido de gente rica. Né? Então ele não vai fazer nada pelos pobres. Eu falei assim: ‘se ele não for fazer nada pelos pobres, a Dilma não fez nada, então vai dar na mesma.’ E a Dilma eu não gosto, ela fala muito que fez isso, fez isso, mas não fez nada. Trouxe a Copa pro Brasil, gastou milhões em estádios, tem estádio aí parado, e a saúde? E a saúde?” (Gabriela, 25 anos, ajudante geral)

Talvez a lembrança da saúde viesse do falecimento de sua mãe. De qualquer forma, na realidade, Gabriela se sentia desamparada por um governo que dizia atender a seus anseios. Nenhum programa social apareceu em sua fala, e lembremos que até mesmo o emprego que ela conseguiu, como ajudante geral em uma padaria, foi obtido graças a indicação de um obreiro. Ou seja, nos seus momentos mais difíceis, na saúde e no emprego, foi a igreja que a auxiliou, não o governo (ao menos para ela). Não surpreende, portanto, que ela seguisse disciplinadamente a orientação da igreja quanto ao voto.

O que surge de forma marcante entre estes dois eleitores é a sensação de que o governo de Dilma Rousseff não os amparavam. Nos casos de Gabriela e Tarcísio, nos seus momentos mais difíceis, seja no falecimento de sua mãe e na busca de emprego por Gabriela, seja na depressão de Tarcísio, quem esteve presente para auxiliar foi a igreja, não o governo. E, mesmo em outras áreas, a presença do Estado não era sentida. Tinham, sim, uma simpatia por Lula e seu governo, mas com Dilma era diferente, pois não sentiram que seu governo realmente atendia aos seus anseios. Como não se sentiam beneficiados, acreditaram que era hora de mudar. E, aqui, primordialmente, o voto não era para apostar em um outro candidato ou outro partido, mas para trocar o governo e tirar o PT do poder.

Apenas um dos fiéis acabou seguindo um caminho diferente dos demais entrevistados. Curiosamente, no 1º turno, ele decidiu votar em Levy Fidelix, alegando que “roubaram a sua

ideia” do aerotrem (referindo-se ao monotrilho em São Paulo). Já no 2º turno, preferiu não ter que escolher entre um e outro, e decidiu votar nulo. Foi o caso de Fernando, um motorista particular de 44 anos. Nascido na Bahia, Fernando veio para São Paulo com os pais quando tinha apenas dois anos de idade. Hoje, morava com sua esposa, seu filho e um garoto adotado em uma das três casas que seus pais tinham construído, deixadas para cada um dos três filhos, ele e suas duas irmãs. Com o trabalho de motorista numa casa de família e o que ele chamou de “bicos”, Fernando consegue tirar em volta de R\$ 2.700,00. Sua esposa também estava trabalhando numa casa de família como empregada doméstica, ganhando cerca de R\$ 1.300,00, o que lhes dava uma renda familiar mensal de R\$ 4.000,00. Seus dois filhos, ambos de 17 anos, não trabalhavam no momento, mas um pensava em prestar vestibular para jornalismo, e o outro queria entrar na Polícia Civil.

Fernando cursou apenas até o 6º ano do ensino fundamental, pois o pai abandonou a família, e ele precisou começar a trabalhar aos 12 anos de idade. Perto dos seus 20 anos, ele começou a frequentar à Igreja Universal por influência da mãe, e frequentou de 1996 até cerca de 2001. De acordo com ele, a igreja foi fundamental na sua vida, pois, naquela época, estava envolvido com drogas e com a criminalidade, cometendo pequenos furtos. A IURD lhe tirou deste mundo, que acabou levando a vida da maioria de seus amigos. Há pouco mais de dois anos, em um período turbulento de seu casamento, ele decidiu voltar a frequentar à igreja. Cerca de duas semanas depois, Fernando sofreu um grave acidente de moto, e ter sobrevivido o motivou a não abandonar mais a igreja, o que tem feito deste então. Inclusive, no período da entrevista, ele estava fazendo o curso para se tornar obreiro, algo do que ele se orgulhava muito de estar fazendo, pois queria ajudar mais pessoas.

No tópico sobre política, Fernando não negava os avanços de sua família durante o governo do PT. Reconhecia o que o governo tinha feito pelo Nordeste, e até comparava com o governo FHC, no qual ele lembra que sofreu com o desemprego. Além de ter uma imagem positiva do governo Lula, Fernando foi um dos poucos entrevistados que realmente admitiu que sentiu uma melhora durante o governo Dilma. Quando questionado sobre o que tinha achado dos últimos 4 anos, ele respondeu:

“Então, melhorou, viu? Melhorou. Melhorou porque... eu acho que o Governo da Dilma é... Além das roubalheiras, mas, sabe, ela elevou, a classe baixa subiu, muitos subiram que nem esse primeiro emprego aí, poxa, o meu filho... viu, na minha época não tinha isso não, eu comecei a trabalhar com 12 anos de idade, eu trabalhava lá no

supermercado, trabalhava em um quartel militar lá dentro de uma cantina, nunca teve esse negócio, não. Não é, Jussara?” (Fernando, 44 anos, motorista particular)

Jussara era sua esposa, que confirmava muitas vezes o que ele dizia enquanto preparava orgulhosamente um chocolate quente para nós na máquina de café que tinham comprado. Apesar de Fernando reconhecer melhoras sob Dilma, é verdade que ele também não escondia uma profunda decepção com o governo atual. Ao ser perguntado sobre a sua intenção de voto, Fernando admitiu que não queria votar em Dilma. Ele continuou dizendo, em um tom resignado:

“Nem nela e nem no Aécio. Eu falei para você que meu candidato era o Levy Fidelix (risos), então votei nele no primeiro (turno), entendeu? Votei nele, roubaram a minha ideia. Poxa... e... porque, meu, tem esse escândalo aí da Dilma, sabe? Poxa... não sei se ela está fazendo corpo mole ou está, sei lá, mas tem umas coisinhas que a gente vê, ela não tomou uma atitude. A secretária dela lá, aquela da Casa Civil lá, no caso lá, poxa, é metida em um escândalo aí, o cara revelou que ela recebeu... recebeu propina lá para pagar... para a candidatura dela. Já fica... fica meio... eu acho assim, se a pessoa fosse... ela tinha que tomar uma atitude, ó, você afasta até... até resolver seu caso, não é verdade? Aquele outro lá da Petrobrás, não, você sai até resolver seu caso, pronto, tira, põe outro, não é verdade? E ela não fez isso, então fica aquele negócio, poxa vida... tudo bem, ela fez muito pela... Nordeste... poxa, minha irmã recebe Bolsa Família, foi graças ao mandato dela e do Lula, mas isso...” (Fernando, 44 anos, motorista particular)

Fernando foi um dos poucos a tratar do assunto corrupção como algo que influenciou o seu voto (junto com Bárbara, que associava o PT diretamente a roubalheira). No geral, todos reconheciam que o PT tinha se envolvido em corrupção, mas nenhum partido se salvava. Já em relação ao Bolsa Família, Fernando foi o único dos 4 a não votar em Dilma no 2º turno mesmo relatando ter alguém próximo beneficiário do programa, a sua irmã. Não surpreendentemente, ele fez elogios ao programa social, reconhecendo que o PT e o governo Dilma tinham feito mais pelos desfavorecidos. Ao dar sua opinião sobre o governo Dilma, ele declarou:

“Então, ela, fora a roubalheira que teve, ela ajudou a classe mais pobre, assim, ajudou muito. Muita gente do Sertão daí, que nem, onde meu pai morreu, mesmo, eu fui lá, tem uma senhora, ela não trabalha, a mulher que estava com meu pai lá, meu pai morreu, ela está recebendo o Bolsa Família. Antes de meu pai morrer, ela recebia um Bolsa Família porque o filho dela estava indo para a escola. Poxa, então essa mulher passava fome, você entendeu? Hoje, o filhinho dela vai para a escola, ela recebe um

Bolsa Família, tanto que eu estava lá: ‘Ah, eu vou pagar água, luz, que tal dia que eu vou lá na cidade que eu vou receber o Bolsa Família.’ Então, já paga uma luz, já paga uma água... comprou alguma coisa para os bichos, ela falou para mim que ia comprar umas coisinhas lá, para você ver. Eu vejo que ela... esse Bolsa Família ajudou muita gente também. Como ajudou...” (Fernando, 44 anos, motorista particular)

Já com o gravador desligado, Fernando apontou para os aparelhos domésticos em sua casa, como a TV de tela plana, a geladeira, o fogão, a máquina de café, etc, e reconheceu que “foi tudo durante o governo da Dilma”. Contudo, a sua decepção com a corrupção no governo era grande, especialmente depois do recente caso envolvendo a Petrobras. No momento da entrevista, ele admitiu que pensava em votar na petista, mas que não tinha certeza ainda, por motivo de sua decepção. No final, apesar de reconhecer avanços no governo Dilma, numa conversa depois do 2º turno das eleições, ele admitiu ter votado nulo, o único entre todos os entrevistados.

Como explicar, então, que Fernando, Tarcísio e Gabriela, eleitores que aderiram ao lulismo, que testemunharam ascensão social no período que se iniciou em 2003, e depois de votos consistentes nos candidatos lulistas até 2010, votaram contra Dilma e o PT em 2014? A explicação mais plausível seria a de que estes eleitores não consideraram mais Dilma como representante do lulismo; afinal, aos seus olhos, ela tinha quebrado os seus dois pilares fundamentais: a manutenção da ordem e o avanço social, com medidas para a redução da pobreza. Poder-se-ia entender a quebra da manutenção da ordem não somente pelo que as jornadas de junho de 2013 desencadearam; ou seja, um número crescente de manifestações e greves por todo o país, mas também pela maior percepção de corrupção atingindo o PT, como ficou evidente na fala de Fernando. Por outro lado, o princípio de estagnação econômica e a falta de políticas públicas que fizessem a diferença nas vidas de Gabriela e Tarcísio davam-lhes a impressão de que o processo de diminuição da pobreza havia sido interrompido sob o governo de Dilma (apesar do seu discurso dizer o contrário).

É mister ressaltar também a forte associação dos ganhos auferidos pelo lulismo com a pessoa de Lula, e não Dilma e o PT. Assim, mesmo com a alta aprovação do governo do ex-presidente, o seu apoio à sua sucessora não era suficiente para garantir que esses eleitores o seguissem. O lulismo seria uma conquista de Lula, apesar de Dilma e o PT, e qualquer avanço realizado por Dilma seria ou por continuidade de suas políticas, ou pelo apoio nos bastidores do ex-presidente. Em outras palavras, sem muito mérito próprio. É verdade que, como Singer (2012) destaca, o apoio ao PT pelos mais pobres (especialmente para cargos no Legislativo)

acompanhou o voto à Dilma em 2010. Contudo, a imagem de Lula ainda permanecia mais forte para os entrevistados, o que significa que, se fosse ele o candidato, seriam conquistados ainda mais votos no grupo pesquisado. Sem o petista no pleito, estes eleitores decidiram aceitar a possibilidade de que outro candidato poderia continuar o legado do lulismo melhor do que Dilma.

Destaca-se também que apenas entre os fiéis que não votaram em Dilma que a religião ou os valores morais surgiram na discussão do voto presidencial, e, mesmo assim, sem tanta força. Gabriela apontou Dilma como alguém que apoiava o casamento gay; porém, em nenhum momento ressaltou que este era um dos motivos para não votar nela. Mesmo Tarcísio, que associou Dilma à legalização do uso da maconha, fez a afirmação mais como um comentário adicional, não como motivo principal para não votar na petista. Ficava claro que a reprovação de Dilma não estava ligada à sua religião, e o silêncio da igreja sobre apoiá-la apenas contribuiu para que decidissem votar contra a mesma.

Considerações finais

A pesquisa buscou analisar o comportamento eleitoral de fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus em Piraporinha, periferia da zona sul de São Paulo, no pleito de 2014, avaliando o impacto da religião – por meio da indicação da igreja, da orientação moral e da identidade evangélica – sobre a decisão do voto para o Legislativo (neste caso, deputados federal e estadual) e para o Executivo (presidente). Para isso, foi realizado um estudo etnográfico, acompanhando os cultos e visitando a casa dos fiéis ao longo do período eleitoral, com uma série de entrevistas para obter depoimentos dos mesmos.

Assim, a partir da observação etnográfica e das entrevistas realizadas, é possível tirar algumas conclusões. O trabalho confirmou os achados de Valle (2013): e de forma semelhante ao encontrado no templo estudado da Assembleia de Deus em 2012 na periferia sul paulistana, houve um peso muito menor da orientação moral e da identidade evangélica no voto para o Executivo do que para o Legislativo entre os fiéis da unidade da Igreja Universal do Reino de Deus em Piraporinha.

Como vimos no capítulo 2, no voto para deputados estadual e federal, a adesão foi quase plena ao apoio dos candidatos da igreja, e os argumentos repetidos para justificar o voto eram os mesmos dados pelos pastores. De fato, os fiéis (com exceção de uma) seguiram a orientação da igreja sem questionamentos. Isso deixa explícita a força que as igrejas evangélicas possuem para mobilizar o seu eleitorado, e como elas têm assumido o papel de politização – a seu favor – do seu rebanho, em contraposição a uma função que era geralmente exercida por sindicatos, partidos políticos, associações de bairro, etc. Essa força parece decorrer não somente do trabalho de convencimento realizado pelos pastores, mas também pelo desinteresse neste tipo de eleição.

Apesar da orientação moral surgir nos discursos dos entrevistados para justificar o voto nos candidatos da igreja, ressalta-se que eles apenas repetiam o que lhes era dito pelos pastores. Não se tratava, tampouco, de uma identidade evangélica com os candidatos. No fim, a decisão de apoiá-los foi mesmo baseada no vínculo com a igreja, de caráter corporativo, de modo a apoiar candidatos ligados à Universal que agissem em defesa da instituição, perseguida pela sociedade e pelo poder público aos olhos dos fiéis.

A única exceção foi a mais recente convertida para a Universal, em quem a pressão do bairro foi maior do que a da igreja para a decisão do voto, escolhendo apoiar Milton Leite Filho para deputado estadual e Alexandre Leite para deputado federal, ambos filhos de Milton Leite, vereador cujo curral eleitoral se encontrava em Piraporinha, onde os dois obtiveram, de fato, expressivas votações. Porém, os candidatos da igreja também conseguiram uma votação significativa na região, demonstrando o sucesso de mobilização da Igreja Universal para eleger os seus candidatos.

No capítulo 3, vimos que houve a inesperada ausência de orientação da igreja no voto para presidente. Logo, com a pouca importância dada à identidade evangélica e para questões de caráter moral pelos fiéis, é possível notar entre os entrevistados um “lulismo enfraquecido”: mantém-se, é verdade, um apoio majoritário ao PT; porém, este encontra-se abalado pelo fato de que os resultados práticos do governo Dilma foram percebidos como modestos pelos fiéis estudados. O apoio à candidata lulista permanece principalmente entre aqueles que foram beneficiados por programas sociais como o Bolsa Família, ou entre quem conhece alguém próximo que também foi, além das pessoas que veem seus filhos e netos tendo oportunidades que eles não tiveram, como a de ir à universidade.

Por outro lado, aqueles que sentiram menos o impacto do governo Dilma, o qual não teria feito diferença em suas vidas nem para o bem, nem para o mal, afastaram-se do apoio ao PT, levando-os a apoiar à ideia da mudança, mesmo que tivessem aderido ao lulismo antes e vissem com bons olhos o ex-presidente Lula e seu governo. Até quem não tinha uma renda acima da média, como foi o caso de Gabriela, não sentia mudanças significativas em sua vida, e o discurso do Dilma que dizia o contrário desmotivava o voto na candidata. No entanto, o voto na oposição não era por acreditar que Marina ou Aécio fossem necessariamente bons, mas que Dilma não tinha sido capaz de dar continuidade ao legado do lulismo de manutenção da ordem e diminuição da pobreza. Logo, era preciso dar uma chance a outro governo. A decisão era entre manter o PT ou tirar o mesmo do poder, para que outro candidato desse seguimento às políticas bem-sucedidas na era Lula.

É interessante notar também um fenômeno que parece ocorrer entre os entrevistados. A falta de percepção de grandes melhorias em suas vidas nos últimos anos do governo Dilma provoca um certo descolamento entre a figura de Lula com a de Dilma e do Partido dos Trabalhadores. Se, em 2010, a base lulista seguiu a indicação do voto em Dilma, em 2014, ela continuou em grande parte com a petista – embora sem o mesmo entusiasmo e grau de adesão

de antes – por não desejar verdadeiramente uma guinada de curso, apenas um aprofundamento das políticas bem-sucedidas do lulismo. Assim, a figura de Lula permanecia superior àquela do partido. Em outras palavras, Lula fez um bom governo, não necessariamente o PT.

Assim, apesar do apoio majoritário a Dilma no 2º turno, ressalta-se a busca por candidaturas alternativas no 1º turno. A princípio, houve um interesse por Marina Silva que foi perdendo força conforme as eleições se aproximavam, muito em razão da falta de firmeza nas suas posições, como alegaram os entrevistados. Somente no 2º turno, reestabelecida a polarização entre PT e PSDB, a maior parte dos fiéis retornou o seu apoio para a candidata petista, embora com menos força do que em 2010.

Destaca-se que, mesmo admitindo que Marina não se utilizou da religião para fazer campanha, os entrevistados não buscaram se informar a respeito, nem ressaltaram a importância de um candidato ser evangélico em suas falas. Ainda havia o Pastor Everaldo, mas ele era desconsiderado seja por suas ideias incompatíveis com a visão de mundo deles – como a defesa do Estado mínimo –, seja por considerarem que ele não teria chance alguma de vitória. Além disso, as questões morais pouco apareceram também em seus discursos, e quando surgiam, era muito mais para justificar o voto para deputado – repetindo o discurso da igreja – e não para presidente. Portanto, os achados deste trabalho demonstram que a tese de Bohn (2007) não pode ser estendida aos evangélicos como um todo. Neste caso do templo da IURD em Piraporinha, os evangélicos entrevistados não agiram como um grupo de identidade, direcionando o voto aos candidatos evangélicos presentes no pleito majoritário.

É verdade que a inesperada ausência de uma orientação, partindo da direção da igreja em relação à eleição para presidente dificulta afirmar se os fiéis também seguiriam a indicação, assim como fizeram em grande parte quanto aos cargos de deputados estadual e federal. Conforme foi possível apurar nas entrevistas, a recomendação da igreja tem alguma relevância na decisão do voto do Executivo, por confiarem na orientação dos pastores. Relevância maior, inclusive, do que um possível pertencimento do candidato à religião evangélica. Porém, ele é apenas um dos fatores a serem considerados na decisão do voto, sem ter o caráter definitivo como foi para quase todos os entrevistados no voto para deputados federal e estadual. No fim, ficou claro nesta pesquisa que os aspectos socioeconômicos prevaleceram entre os fiéis para a decisão do voto para presidente.

Ao mesmo tempo, é de se presumir que o conservadorismo moral não tenha surgido nas discussões sobre a disputa presidencial, tanto porque isso não foi trabalhado pelos pastores nos

cultos, quanto porque estas questões apareceram com muito menos força na campanha do que em 2010. Uma possível explicação para isso seria que, em 2010, o cenário econômico era positivo, o que permitia que as eleições dessem mais espaço para pautas secundárias, de caráter moral e religioso, como o aborto. Em 2014, como o cenário era incerto quanto à economia, apresentando sinais de que o país pudesse entrar em recessão, o debate focou nestas questões mais prementes. Além do fato, é claro, do objeto de estudo ser a Igreja Universal, que é tradicionalmente menos conservadora que outras denominações evangélicas. Como um todo, a pesquisa demonstrou que o peso da orientação moral e da identidade evangélica foi muito baixo, já que a religião mostrou ter pouca ou nenhuma influência no voto para presidente, que se pautou mais por questões de renda e de benefícios percebidos por mérito do governo. Não houve, portanto, a necessidade de escolha entre a cruz e o lulismo: para os fiéis, não havia contradição em ficar com os dois e nada impedia a sua harmonia.

Destaco, por fim, um fato ocorrido durante uma das entrevistas para a pesquisa que ilustra as mudanças pelas quais passou nos últimos anos a população mais pobre no Brasil. Após entrevistá-la em sua casa, Fátima me convidou para jantar com sua família. Um jantar simples: arroz, feijão e frango com molho. Sua mãe, de 86 anos, obreira no templo de Piraporinha, chegou no fim da entrevista. Ela, que sempre se mostrou uma pessoa quieta, sisuda, sentou-se na mesa para jantar, e tirou uma banana para colocar sobre a comida. Fátima riu, comentando que sua mãe sempre comia tudo acompanhado de uma banana, e perguntou se eu também gostaria de uma. Sua mãe então quebrou seu silêncio e explicou: houve momentos em sua vida, no interior de Minas Gerais, em que ela não tinha nada para ela e seus 12 filhos comerem o dia inteiro, a não ser uma banana. E quando isso ocorria, ela cortava a banana em 12 pequenos pedaços e dava um para cada filho, enquanto ela passava fome. Portanto, ela ainda comia bananas para se lembrar dos tempos quando só tinha isso para comer. “Mas eu venci”, disse ela, lembrando que, hoje, ela tinha a sua casa, seus filhos cresceram e formaram famílias, seus netos frequentavam a universidade, e ninguém passava mais fome. Ela reconhecia as mudanças garantidas pelos governos Lula e do PT, mas seu sucesso – ela dizia – era decorrência, especialmente, da devoção ao Senhor, em tom semelhante aos discursos de superação proferidos em cultos da Universal, ilustrando bem como a religião e o lulismo andavam lado a lado em suas vidas. E, antes de voltar a comer, ela encerrou a sua fala repetindo: “Eu venci.” Uma vitória do lulismo, junto à religião: um exemplo do seu pacto conservador e todas as suas contradições.

Anexo: Imagens e fotos da igreja e de Piraporinha

Figura 16: Vista lateral da entrada da Igreja Universal no bairro de Piraporinha.

Figura 17: Entrada da Igreja Universal no bairro de Piraporinha.

Figura 18: Culto em um domingo na Igreja Universal no bairro de Piraporinha.

Figura 19: “Campinho” no bairro de Piraporinha. Conforme relatado por uma fiel, em tempos passados, era um ponto de tráfico de drogas e assassinatos.

Figura 20: Escadaria no “campinho” no caminho à rua de uma das entrevistadas.

Figura 21: Bandeira de campanha de Dilma, a poucos dias do 2º turno.

Figura 22: Praça em Piraporinha, onde realizam uma feira, a caminho da igreja.

Figura 23: Rua a caminho da igreja, no bairro de Piraporinha.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, R. de. **Os Pentecostais Serão Maioria no Brasil?** IN: *Revista de Estudos da Religião*, ISSN 1677-1222, p. 48-58, Dez. 2008.

_____. **A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

_____. **Disputas religiosas nos meios de comunicação: liberdade, intolerância e negócios.** IN: ORO, A.; STEIL, C.; CIPRIANI, R. & GIUMBELLI, E. *A religião no espaço público – atores e objetos.* São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

AMARAL, O. do & RIBEIRO, P. F. **Por que Dilma de novo? Uma análise exploratória do Estudo Eleitoral Brasileiro de 2014.** IN: *Revista de Sociologia e Política*, vol. 23, nº 56, Curitiba, dez. 2015.

BOHN, S. R. **Evangélicos no Brasil. Perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral.** IN: *Opinião Pública*, Campinas, Vol. X, nº2, p. 288-338, Out. 2004.

_____. **Contexto político-eleitoral, minorias religiosas e voto em pleitos presidenciais (2002-2006).** IN: *Opinião Pública*, Campinas, vol. 13, nº 2, p. 366-387. Nov. 2007.

BURAWOY, M. **The Extended Case Method: Four Countries, Four Decades, Four Great Transformations, and One Theoretical Tradition.** Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2009.

BURGESS, E. W. **Statistics and Case Studies.** IN: *Sociology and Social Research* 12 (2): p. 103-120.

BURITY, J. A. & MACHADO, M. D. C. (orgs.) **Os Votos de Deus: Evangélicos, Política e Eleições no Brasil.** Recife: Massangana, 2006.

CARREIRÃO, Y. S. **A eleição presidencial de 2006: uma análise preliminar.** IN: *Política & Sociedade*, v.6, p. 91-116, 2007.

CARTA CAPITAL. **“Irmão vota em irmão”: a base do voto de Marina Silva.** 17 set. 2014. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/201cirmao-vota-em-irmao201d-a-base-do-voto-de-marina-silva-3009.html>. Acesso em: 09 abr. 2015.

_____. **Cunha usou Assembleia de Deus para receber propina, diz PGR.** 20 ago. 2015. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/direto-de-sao-paulo/cunha-usou-assembleia-de-deus-para-receber-propina-diz-pgr-5886.html>. Acesso em: 06 jan. 2016.

CHAUVEL, L. **Are social classes really dead? A French paradox in class dynamics.** IN: THERBORN, G. (ed.) *Inequalities of the world*. Londres: Ed. Verso, p. 295-317, 2006.

DAGNINO, E. **Políticas Culturais, Democracia e o Projeto Neoliberal.** IN: *Revista Rio de Janeiro*, nº 15, p. 19-36, 2005.

DATAFOLHA. **Empatada no 1º turno com Dilma, Marina abre vantagem no 2º turno.** São Paulo, 01 set. 2014. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2014/09/1509005-empatada-no-1-turno-com-dilma-marina-abre-vantagem-no-2-turno.shtml>. Acesso em 29 ago. 2015.

DIA, O. **Assembleia de Deus troca pastor Everaldo por Marina Silva.** Disponível em: <http://odia.ig.com.br/eleicoes2014/2014-09-14/assembleia-de-deus-troca-pastor-everaldo-por-marina-silva.html>. Acesso em: 09 jul. 2016.

DIÁRIO DO CENTRO DO MUNDO. **Engenheiros do Templo de Salomão contam ao DCM como foi feita a obra.** Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/engenheiros-do-templo-de-salomao-contam-ao-dcm-como-foi-feita-a-obra/>. Acesso em: 28 ago. 2015.

ÉPOCA. **A disputa pelo voto da classe C.** São Paulo: Editora Globo, ISSN 14155494, nº 848, p. 43-50, 01 set. 2014.

ERZEN, T. **Warriors for Christ: The Electoral Politics of the Religious Right.** IN: *New Labor Forum*, vol.14, nº 3, p.45-52, 2005.

ESTADO DE S. PAULO. **Dilma divulga manifesto para acalmar ‘povo de Deus’.** 23 ago. 2010. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,dilma-divulga-manifesto-para-acalmar-povo-de-deus,599017,0.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

_____. **Religiosos divulgam no Rio manifesto em apoio a Dilma.** 14 out. 2010. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,religiosos-divulgam-no-rio-manifesto-em-apoio-a-dilma,624840>. Acesso em: 16 mai. 2016.

_____. **Em carta, Dilma assina compromisso contra o aborto.** Brasília, 15 out. 2010. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,em-carta-dilma-assina-compromisso-contr-o-aborto,625257>. Acesso em: 09 abr. 2015.

_____. **Manifestantes colocam 513 pedras em ato contra crack.** 01 fev. 2012. Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,manifestantes-colocam-513-pedras-na-esplanada-em-ato-contr-crack,830101>. Acesso em: 10 mai. 2016.

_____. **Popularidade de Dilma cai de 57% para 30%, indica Datafolha.** 29 jun. 2013. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,popularidade-de-dilma-cai-de-57-para-30-indica-datafolha,1048373>. Acesso em: 09 abr. 2015.

_____. **Marcelo Crivella acerta filiação com PSB para disputar prefeitura do Rio.** 24 fev. 2016. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,marcelo-crivella-acerta-filiacao-com-psb-para-disputar-prefeitura-do-rio,10000018084>. Acesso em 09 mai. 2016.

EXAME.COM. **A nova formula da Universal para cativar a classe média.** 10 ago. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/a-nova-formula-da-universal-para-cativar-a-classe-media>>. Acesso em: 11 dez. 2014.

EXTRA. **Cimento social, um projeto social que é difícil de colar.** Rio de Janeiro, 01 abr. 2012. Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/rio/cimento-social-um-projeto-social-que-dificil-de-colar-4462744.html>. Acesso em: 09 mai. 2016.

FERNANDES, R. C.; SANCHES, P.; VELHO, O. G.; CARNEIRO, L. P.; MARIZ, C. & MAFRA, C. **Novo Nascimento: Os Evangélicos em Casa, na Igreja, e na Política.** Rio de Janeiro: MAUAD, 1998.

FOLHA DE S. PAULO. **Católico, Alencar entra no partido da Igreja Universal.** São Paulo, 30 set. 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc3009200502.htm>. Acesso em: 26 jun. 2016.

_____. **Classe C de resultado.** São Paulo, 04 out. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0410201082.htm>. Acesso em 09 abr. 2015.

_____. **PT estuda tirar aborto de programa para estancar queda de Dilma entre religiosos.** São Paulo, 05 out. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0510201009.htm>. Acesso em: 09 abr. 2015.

_____. **Líderes evangélicos duelam por aliados.** São Paulo, 22 out. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po2210201024.htm>. Acesso em: 10 dez. 2014.

_____. **Russomanno usa estrutura da Universal na campanha.** São Paulo, 09 set. 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/65365-russomanno-usa-estrutura-da-universal-na-campanha.shtml>. Acesso em: 10 mai. 2016.

_____. **Russomanno dobra bancada do PRB na Câmara e elege ‘xerife’ em SP.** São Paulo, 07 out. 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1528622-russomanno-dobra-bancada-do-prb-e-emplaca-discipulo-na-assembleia.shtml>. Acesso em: 28 ago. 2015.

FONSECA, A. B. **Religion and Democracy in Brazil: A Study of the Leading Evangelical Politicians.** IN: FRESTON, P. *Evangelical Christianity and Democracy in Latin America*. New York: Oxford University Press, 2008.

FORBES. **The Richest Pastors In Brazil.** 17 jan. 2013. Disponível em: <http://www.forbes.com/sites/andersonantunes/2013/01/17/the-richest-pastors-in-brazil/>. Acesso em: 27 ago. 2015.

FRESTON, P. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment.** Campinas: Tese de Doutorado defendida na Universidade Estadual de Campinas (IFCH-Unicamp), 1993.

_____. **Protestant Political Parties: A Global Survey.** Aldershot: Ashgate, 2004.

_____. **Religious Pluralism, Democracy and Human Rights in Latin America.** IN: BANCHOFF, T. & WUTHNOW, R. (eds.) *Religion and the Global Politics of Human Rights*. Oxford: Oxford University Press, p. 101-127, 2011.

_____. **Evangelical Christianity and Democracy in Latin America.** New York: Oxford University Press, 2008.

G1.GLOBO.COM. **Manifestantes colocam 513 pedras na Esplanada em ato contra crack.** Distrito Federal, 01 fev. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito->

[federal/noticia/2012/02/manifestantes-colocam-513-pedras-na-esplanada-em-ato-contra-crack.html](http://www.federal/noticia/2012/02/manifestantes-colocam-513-pedras-na-esplanada-em-ato-contra-crack.html). Acesso em: 10 mai. 2016.

_____. **População católica no Brasil cai de 64% para 57%, diz Datafolha.** São Paulo, 21 jul. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornada-mundial-da-juventude/2013/noticia/2013/07/populacao-catolica-cai-de-64-para-57-diz-datafolha.html>. Acesso em: 09 abr. 2015.

_____. **Após debate, Dilma defende criminalização da homofobia.** Brasília, 01 set. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/eleicoes/2014/noticia/2014/09/apos-debate-dilma-defende-criminalizacao-da-homofobia.html>. Acesso em: 09 abr. 2015.

_____. **Templo de Salomão é inaugurado em São Paulo.** São Paulo, 31 jul. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/07/templo-de-salomao-e-inaugurado-em-sao-paulo.html>. Acesso em 28 ago. 2015.

GLOBO, O. **Crivella usa cargo de ministro para atrair líderes sindicais e fatura com projeto de habitação.** 14 jun. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/crivella-usa-cargo-de-ministro-para-atrair-lideres-sindicais-fatura-com-projeto-de-habitacao-8380460>. Acesso em: 09 mai. 2016.

_____. **Bancada evangélica cresce 14% e deve prejudicar causas LGBT.** Rio e São Paulo: 08 ago. 2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/bancada-evangelica-cresce-14-deve-prejudicar-causas-lgbt-14178049>. Acesso em 06 jan. 2016.

GREELEY, A. M. & HOUT, M. **The hidden swing vote.** IN: *The New York Times*, New York, A17(L), 04 set. 2004. Disponível em <http://www.nytimes.com/2004/09/04/opinion/04greeley.html?_r=0>. Acesso em: 01 jun. 2014.

GUTIERREZ, C. **Igreja Universal e política: dispositivos e participação na cena pública.** IN: XVIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. *Religiones en cuestión: campos, fronteras y perspectivas*. Mendoza, Argentina, 2015a.

_____. **Igreja Universal e política: controvérsia em torno do secularismo.** IN: MONTERO, P. (org.) *Religiões e controvérsias públicas – experiências, práticas sociais e discursos*. São Paulo, Ed. Terceiro Nome, 2015b.

IBGE. **Censo Demográfico 1980**, Brasília: IBGE, 1980.

_____. **Censo Demográfico 1991**, Brasília: IBGE, 1991.

_____. **Censo Demográfico 2000**, Brasília: IBGE, 2000.

_____. **Censo Demográfico 2010**, Brasília: IBGE, 2010.

IRELAND, R. **Pentecostalism, Conversions and Politics in Brazil**. IN: CLEARY, E. L. & STEWART-GAMBINO, H. W. *Power, Politics, and Pentecostals in Latin America*. Boulder: Westview Press, 1998.

ISTOÉ. “**Nós fizemos e sabemos como continuar a fazer**” – **Parte 2**. Nº Edição: 2113, 07 mai. 2010. Disponível em: http://www.istoe.com.br/reportagens/71512_NOS+FIZEMOS+E+SABEMOS+COMO+CONTINUAR+A+FAZER+PARTE+2. Acesso em: 09 abr. 2015.

_____. **O homem que multiplica fiéis**. Nº Edição: 2151, 28 jan. 2011. Disponível em: http://www.istoe.com.br/reportagens/122005_O+HOMEM+QUE+MULTIPLICA+FIEIS. Acesso em: 28 ago. 2015.

_____. **O ministro da Pesca e sua ONG pesqueira**. Nº Edição: 2269, 10 mai. 2013. Disponível em: http://istoe.com.br/297661_O+MINISTRO+DA+PESCA+E+SUA+ONG+PESQUEIRA/. Acesso em: 09 mai. 2016.

_____. **Na mira da comissão de ética**. Nº Edição: 2271, 24 mai. 2013. Disponível em: http://istoe.com.br/301303_NA+MIRA+DA+COMISSAO+DE+ETICA/. Acesso em: 09 mai. 2016.

KATZ, J. **A Theory of Qualitative Methodology: The Social System of Analytical Fieldwork**. IN: EMERSON, R. *Contemporary Field Research*. Prospect Heights, IL: Freeman, 1983.

KELLSTEDT, L. A. & NOLL, M. A. **Religion, Voting for President and Party Identification, 1948-1984**. IN: NOLL, M. A. *Religion & American Politics: From the Colonial Period to the 1980s*. New York: Oxford University Press, 1990.

LEECH, B. **Symposium: Interview Methods in Political Science** IN: *PS: Political Science and Politics* 35(4), 2002.

LIPSET, S. M. **O homem político**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1967.

MACHADO, M. D. C. **Política e Religião: A Participação dos Evangélicos nas Eleições**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

_____. **Aborto e ativismo religioso nas eleições de 2010**. IN: *Revista Brasileira de Ciência Política*, 7, Jan./Abr. 2012.

MACHADO, M. D. C. & BURITY, J. A **Ascensão Política dos Pentecostais no Brasil na Avaliação de Líderes Religiosos**. IN: *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: vol. 57, nº 3, 2014, p. 601-631.

MACHADO, M. D. C. & MARIZ, C. L. **Pentecostalism and Women in Brazil**. IN: CLEARY, E. L. & STEWART-GAMBINO, H. W. *Power, Politics, and Pentecostals in Latin America*. Boulder: Westview Press, 1998.

MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**. IN: *Estudos Avançados* 18 (52), p. 121-138, 2004.

MARIANO, R. & PIERUCCI, A. F. **O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor**. IN: *Novos Estudos* nº 34, p. 92-106: CEBRAP, 1992.

MARTIN, D. **Evangelical and Charismatic Christianity in Latin America**. IN: POEWE, K. *Charismatic Christianity as a Global Culture*. Columbia: University of South Carolina Press, 1994.

_____. **Undermining the Old Paradigms, Rescripting Pentecostal Accounts**. IN: *PentecoStudies*, vol. 5, nº1, p. 18-38.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Salário Mínimo**. Disponível em: http://portal.mte.gov.br/sal_min/. Acesso em: 09 abr. 2015.

NERI, M. (coord.) **A Nova Classe Média**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2008.

_____. (coord.) **A Nova Classe Média: O Lado Brilhante dos Pobres**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2010.

NOVAES, R. R. **A divina política. Notas sobre as relações delicadas entre religião e política**. IN: *REVISTA USP*, São Paulo, nº49, p. 60-81, março/maio 2001.

ORO, A. P. **A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros**. IN: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 18, nº 53, p. 53-69, out. 2003.

PAT.ORG.BR. Disponível: <http://www.pat.org.br/>. Acesso em 10 mai. 2016.

PEIXOTO, V. & RENNÓ, L. **Mobilidade social ascendente e voto: as eleições presidenciais de 2010 no Brasil**. IN: *Opinião Pública*, vol. 17, nº 2, Campinas, nov. 2011.

PEW RESEARCH CENTER. **Religion in Latin America: Widespread Change in a Historically Catholic Region**. Pew Research Center, 13 nov. 2014.

_____. **America's Changing Religious Landscape: Christians Decline Sharply as Share of Population; Unaffiliated and Other Faiths Continue to Grow**. Pew Research Center, 12 mai. 2015.

PIERUCCI, A. F. **As bases da nova direita**. IN: *Novos Estudos – CEBRAP*, São Paulo, nº 19, p. 26-45, dez. 1987.

_____. **O Povo Visto do Altar: Democracia ou Demofilia?** IN: PIERUCCI, A. F. *A Realidade Social das Religiões no Brasil: Religião, Sociedade e Política*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

_____. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **Eleição 2010: desmoralização eleitoral do moralismo religioso**. IN: *Novos estudos – CEBRAP*, São Paulo, nº 89, p. 5-15, mar. 2011.

PIERUCCI, A. F. & PRANDI, J. R. **Religiões e voto: a eleição presidencial de 1994**. IN: *Opinião Pública*, 3 (1), p. 20-43, jun. 1995.

PRB10.ORG.BR. **História do PRB**. Disponível em: <http://www.prb10.org.br/o-partido/historia/>. Acesso em: 27 ago. 2015.

PT.ORG.BR. **Reeleição de Dilma significa “mais mudanças e mais futuro”, diz Rui Falcão.** 21 jul. 2014. Disponível em: <http://www.pt.org.br/reeleicao-de-dilma-significa-mais-mudancas-e-mais-futuro-diz-rui-falcao/>. Acesso em : 15 mai. 2016.

QUADROS, W. **A evolução recente da estrutura social brasileira.** IN: *Textos para Discussão*. IE/UNICAMP, Campinas, nº 148, nov. 2008.

R7 NOTÍCIAS. **PRB pretende eleger 300 prefeitos e 3.000 vereadores nas eleições deste ano.** 28 jan. 2016. Disponível em: <http://noticias.r7.com/brasil/prb-pretende-eleger-300-prefeitos-e-3000-vereadores-nas-eleicoes-deste-ano-28012016>. Acesso em: 10 mai. 2016.

SANTIAGO FILHO, E. R. P. **Em nome do povo de Deus: o significado de ser evangélico no tempo da política.** IN: *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, ISSN 2179-0019, vol. 3, nº 2, p. 177-197, 2012.

SCHATZ, E. & VOLO, L. B. **From the Inside Out: Ethnographic Methods in Political Research.** IN: *PS: Political Science and Politics* 37(2): 267-271, Abr. 2004.

SEAWRIGHT, L. A. **Entre Deus, Diabo e Dilma: as narrativas evangélicas fundamentalistas nas eleições 2010.** IN: *Estudos de Religião*, v. 27, n. 1, p. 202-218, jan.-jun. 2013, ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078.

SINGER, A. V. **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Quatro notas sobre as classes sociais nos dez anos de lulismo.** IN: Fundação Perseu Abramo/Fundação Friedrich Ebert. (Org). *Classes? Que classes?* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 21-38, 2013.

SOUZA, A. R. de. **O desempenho político-eleitoral dos evangélicos de 1986 a 2008.** IN: *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá: v. 1, nº 3, 2009.

SOUZA, J. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

STOLL, D. **¿América Latina se vuelve protestante? Las políticas del crecimiento evangélico.** Madrid: Nódulo, 2002.

TADVALD, M. **Eleitos de Deus e Pelo Povo: Os Evangélicos e as Eleições Federais de 2010**. IN: *Debates do NER*. Porto Alegre: Ano 11, nº 18, p. 83-109, jul./dez. 2010.

TERRA.COM.BR. **PRB de Russomanno tem 66% dos dirigentes ligados à Universal**. 20 set. 2012. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/eleicoes/prb-de-russomanno-tem-66-dos-dirigentes-ligados-a-universal,9cb99782ac66b310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>. Acesso em: 12 jun. 2015.

TEIXEIRA, J. M. **Da controvérsia às práticas: conjugalidade, corpo e prosperidade como razões pedagógicas na Igreja Universal**. São Paulo: Dissertação de Mestrado defendida na Universidade de São Paulo, 2012.

THOMPSON, E. P. **The Making of the English Working Class**. New York: Vintage Books, 1966.

TREVISAN, J. B. **Evangélicos pentecostais na política partidária brasileira: de 1989 a 2010**. IN: *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá: v. 5, nº 15, jan/2013.

TSE, TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL.

ÚLTIMO SEGUNDO. **Grupo coloca 513 pedras em frente ao Congresso em ato contra o crack**. São Paulo, 01 fev. 2012. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/manifestantes-colocam-513-pedras-na-esplanada-em-ato-contracrac/n1597609428125.html>. Acesso em: 10 mai. 2016.

_____. **Voz da Universal no Congresso, PRB quer dobrar número de prefeitos e mira 2014**. São Paulo, 15 jul. 2012. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2012-07-15/voz-da-universal-no-congresso-prb-quer-dobrar-numero-de-prefeitos-e-mira-2014.html>. Acesso em 10 mai. 2016.

_____. **Diante de Dilma e Alckmin, Edir Macedo fala em “fracassos na saúde e segurança”**. São Paulo, 01 ago. 2014. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2014-07-31/diante-de-dilma-e-alckmin-edir-macedo-fala-em-fracassos-na-saude-e-seguranca.html>. Acesso em: 09 abr. 2015.

UNIVERSAL.ORG. **Universal desmente doação de bispo Macedo à Dilma**. UNIcon, 02 ago. 2014. Disponível em: <http://www.universal.org/noticia/2014/08/02/universal-desmente>

doaa%C2%A7a%C2%A3o-de-bispo-macedo-a%C2%A0-dilma-30635.html. Acesso em: 08 abr. 2015.

_____. **História da Universal.** Disponível em: <http://www.universal.org/institucional/historia-da-universal.html>. Acesso em: 28 ago. 2015.

UOL.COM.BR. **Gays também são bem-vindos à Universal, diz bispo Macedo.** 01 set. 2015. Disponível em: <http://celebridades.uol.com.br/ooops/ultimas-noticias/2015/09/01/gays-tambem-sao-bem-vindos-a-universal-diz-bispo-macedo.htm>. Acesso em: 17 mai. 2016.

UOL ELEIÇÕES. **UOL Eleições 2008 – Raio X da eleição: Votação para prefeito por zona eleitoral de São Paulo.** Disponível em: <http://eleicoes.uol.com.br/2008/raio-x-da-eleicao/zona-eleitoral/>. Acesso em 16 mai. 2016.

VALLE, V. S. M. **Pentecostalismo e Lulismo na Periferia de São Paulo. Estudo de Caso sobre uma Assembleia de Deus na Eleição Municipal de 2012.** São Paulo: Dissertação de Mestrado defendida na Universidade de São Paulo, 2013.

VEJA. **Ministério investigado.** 23 set. 2013. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/governo/comissao-de-etica-arquiva-processo-contracrivella/>. Acesso em: 09 mai. 2016.

VITAL DA CUNHA, C. & LOPES, P. **Religião e Política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil.** Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll & ISER, 2013.

WIKIPEDIA, **Divisão territorial e administrativa da cidade de São Paulo.** Disponível em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/93/Mapa_sp.png>. Acesso em: 11 dez. 2014.